

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Nova de Lisboa

*“Fechou-se a Porta!” (?) – Uma Abordagem à
Sexualidade Feminina na Terceira-Idade*

Trabalho realizado por:
Catarina Frade Moreira
Pós-Graduação em Estudos Sobre a Mulher
Seminário: Género e Sociedade
Docente: Prof. Manuel Lisboa

Maio de 2005

Índice

Ponto de Partida	3
Capítulo I. Sexo e Género	7
Elementos para uma Definição	7
A Ideologia de Género: da diferença anatómica à desigualdade	13
Capítulo II. A Experiência do Envelhecimento	17
Velhice/Terceira-Idade: uma construção social?	17
Velhice Vs. Terceira-Idade	20
Envelhecimento Activo	23
“Da Vida... à Qualidade de Vida”	25
Capítulo III. Envelhecimento e Sexualidade	28
A Matriz Social Inibidora	28
Contrariando o Mito	31
Capítulo IV. O Complexo Domínio da Sexualidade	34
Capítulo V. Sexualidade Feminina na Terceira-Idade	43
O Duplo Padrão de Envelhecimento	46
Fenómenos Demográficos e Rigidez de Papéis Sexuais	48
Capítulo VI. Algumas Considerações	51
Referências Bibliográficas	60
Anexos	
Entrevista à Médica Ginecologista	65
Entrevista à Dona Filipa	72

Ponto de Partida

Nas sociedades ocidentais verifica-se actualmente um acentuado envelhecimento demográfico resultante quer do aumento da esperança média de vida – em virtude dos avanços científico/tecnológicos na área das ciências da saúde e da melhoria da dieta alimentar – quer da redução da fecundidade. Portugal não foge a esta tendência; a população portuguesa com mais de 65 anos mais que duplicou nos últimos 40 anos. Os dados resultantes do último Censos à população (2001) apontam para uma superioridade numérica das pessoas mais velhas comparativamente aos jovens. De facto, desde 1995 que o número de mulheres velhas é superior ao número de mulheres jovens. Em 2001/2002 o INE fixou a esperança média de vida para as mulheres nos 80,6 anos e para os homens nos 73,7 anos; em 2002 o número de velha(o)s em Portugal (mais de 65 anos) era superior a um milhão e meio (1, 708, 6) e correspondia a 16,5% da população total (INE, 2002). De salientar que no início do século XX a esperança média de vida das mulheres fixava-se nos 45 anos.

As mulheres tendem a viver, em média, cerca de 8 anos a mais que os homens e, por conseguinte, constituem a maioria da população na terceira-idade, não só em Portugal, mas em todo o mundo. Como resultado desta revolução demográfica ganham cada vez mais relevo e pertinência os trabalhos dedicados à população “sénior”, mas particularmente à população feminina uma vez que são as mulheres que apresentam uma maior incidência na terceira-idade e são elas, enquanto grupo social, que estão mais fortemente expostas ao fenómeno da pobreza (“feminização da pobreza”) e da exclusão social.

Apesar da superioridade numérica da população pertencente à terceira-idade, o seu poder, enquanto grupo social, é reduzido, sobretudo no caso das mulheres. A produção académica e a profusão de estudos dirigidos a esta população começam agora a dar os primeiros passos em Portugal, mas este “voluntarismo” ainda permanece avesso em debruçar-se sobre a sexualidade da(o)s mais velha(o)s. Portanto, este pequeno ensaio, digamos assim, pretende dar os primeiros passos para suprir esta lacuna. No entanto, não é a sexualidade das pessoas mais velhas em sentido lato que será objecto de estudo, mas somente a sexualidade feminina.

Entendo que o estudo da sexualidade feminina na velhice/terceira-idade em âmbito sociológico é um fecundo campo de análise na medida em que, se a sexualidade da população idosa está imersa em mitos e tabus que tendem a coagir o desejo e a sua

realização, acredito que a sexualidade feminina é muito mais constrangida que a masculina. No caso das mulheres acredito que são, sobretudo, ditames sociais, e não impedimento físicos e/ou bloqueios emocionais, que subjazem ao celibato nesta fase da vida.

Nos últimos meses, ventos de mudança na sociedade portuguesa parecem querer contrapor um cenário de negligência por uma mais ampla visibilidade social relativamente às questões do envelhecimento feminino e da sexualidade feminina na terceira-idade. De facto, o iniciar deste trabalho foi acompanhado pela emergência de uma arrojada campanha publicitária, a Campanha Global Dove por *Beleza Real*, cujo móbil é o de alertar as sociedades de todo o mundo para o modo como os padrões de beleza feminina têm sido definidos de um modo limitado e discriminatório, não raras vezes mediante o uso de estereótipos. Um dos slogans da campanha é o de que: “será que a sociedade algum dia vai aceitar que a velhice pode ser sinónimo de beleza?” (<http://www.campanhaporbelezareal.com.pt/>). Parece-me igualmente pertinente referir a estreia em Portugal de um filme inglês, “A Mãe” (*The Mother*), do realizador Roger Michell e do escritor e argumentista Hanif Kureishi, cujo argumento evoca a questão (e a existência) da sexualidade feminina na terceira-idade. Neste filme uma mulher de 60 anos, May, envolve-se, depois da morte do marido e depois de décadas de uma vida conjugal monótona, com um homem de 30 anos, Darren, amante da sua filha mais velha e pardacenta. A oferta cultural em termos de material evocativo em defesa de uma sexualidade feminina na terceira-idade intensificou-se em Fevereiro/Março com um ciclo de cinema promovido pela associação cultural *Abril em Maio* precisamente sobre a sexualidade na velhice/terceira-idade. Começa-se assim a reconhecer a possibilidade de as mulheres mais velhas poderem assumir-se enquanto sujeitos sexuais activos na procura de uma concepção de felicidade que também inclui a dimensão sexual.

Numa primeira fase, este trabalho procede a uma discussão teórica dos conceitos de sexo e género inscrevendo-a no seio de uma tendência mais lata iniciada nos anos 70 no âmbito das Ciências Sociais, e fortemente impulsionada pelo movimento feminista (I Capítulo). Esta discussão torna-se necessária uma vez que uma das ideias chave deste trabalho é a de que: **os papéis de género, assumidos ao longo da vida, influenciam e modelam a natureza e a qualidade da experiência do envelhecimento e da sexualidade na terceira-idade.** Atravessando esta ideia está indubitavelmente a discussão entre biologia e cultura. De salientar desde já que, neste trabalho, se parte do entendimento de que **o biológico e o cultural se influenciam mutuamente e que o**

corpo deve ser entendido como produto de contextos históricos, culturais e sociais específicos e não como uma entidade física universal (Lock, 1993: 134). Assim sendo, torna-se necessário compreender a experiência do envelhecimento e da sexualidade, e a sua respectiva intersecção, atendendo ao contexto histórico, social e cultural específico.

Num segundo momento, procura-se esboçar uma definição de “ser velha(o)” face ao contexto actual das sociedades ocidentais caracterizadas por várias tendências: apologia da juventude, culto do corpo belo e magro, “prolongamento artificial da meia-idade”; tendências estas que tendem a fragilizar os corpos envelhecidos. Essa definição é encontrada em virtude da distinção entre velhice e terceira-idade (II Capítulo). Após o esmiuçar do que a sociedade define como velha(o) dá-se conta do modo como essa mesma sociedade nega e/ou constringe a manifestação de uma sexualidade “activa” ou de uma libido activa por parte da(o)s mais velha(o)s. Vigora ainda, nas sociedades ocidentais, o mito da assexualidade das gerações mais velhas. Porém, este mito está actualmente a ser contrariado com as descobertas efectivadas no domínio da medicina e da indústria farmacêutica (III Capítulo).

No IV Capítulo procede-se a uma breve síntese acerca do modo como a sexualidade feminina tem sido, no tempo e no espaço, culturalmente construída, elevando-se então a ideia da mulher como prisioneira do seu corpo. Em seguida, incide-se novamente sobre as tendências das sociedades ocidentais culturais (valorização da juventude, da beleza e do prazer) e do modo como são particularmente gravosas para as mulheres a partir da meia-idade, ao serem portadoras, de acordo com algumas pensadoras feministas como Susan Sontag e Simone de Beauvoir, de preconceitos sociais que poderemos definir como sexistas e “velhistas”. Discorre-se ainda sobre o modo como as recentes tendências demográficas (maior esperança média de vida das mulheres), aliadas aos preconceitos sociais, limitam e frustram muito mais a sexualidade feminina na terceira-idade do que a masculina. As mulheres estão assim em desvantagem relativamente aos homens perante a possibilidade de encontrar oportunidades para a expressão sexual nos últimos anos das suas vidas (V Capítulo).

Por último tecem-se as considerações, aprofundam-se as ideias julgadas pertinentes para um futuro projecto de investigação na área da sexualidade feminina na terceira-idade (VI Capítulo).

Em anexo inclui-se a transcrição de duas entrevistas efectuadas no âmbito deste trabalho: uma entrevista a uma médica ginecologista e uma entrevista a Filipa

(nome fictício), de 72 anos. Com a entrevista à médica ginecologista pretendeu-se apurar qual o entendimento de uma profissional da medicina face à sexualidade das mulheres mais velhas, concretamente se se verifica nesta idade um menor declínio da actividade sexual e se esse declínio é resultante de factores biológicos, sociais ou psicológicos. Relativamente à outra entrevista convidei Filipa a divagar sobre questões relacionadas com o envelhecimento e com a viuvez.

Relativamente à transcrição das entrevistas uma sempre que as entrevistadas simularam diálogos que haviam tido com outras pessoas houve a preocupação de colocar as frases entre “aspas” e a *itálico*.

Foram ainda utilizados os seguintes símbolos:

...	silêncios breves/médios
... ..	silêncios demorados
ah	som pouco demorado
ahh	som mais demorado
ahhh	som mais demorado que o anterior e assim sucessivamente... [ahhhh, ahhhhh]

Ambas as entrevistas detêm um carácter exploratório na medida em que permitem traçar um linha orientadora para um futuro projecto de investigação. De facto, este trabalho pretende ser um prelúdio, um abrir de horizontes, para uma futura tese de mestrado direccionada, claro está, para a sexualidade feminina na terceira-idade.

Capítulo I

Sexo e Género

Elementos para uma Definição

Neste trabalho parte-se da convicção, de certo modo óbvia, de que **a vivência da fase da velhice/terceira-idade deriva das condições psicológicas, afectivas, económicas e sociais resultantes da súpula dos papéis sociais que, ao longo da vida, mulheres e homens assumiram; e que, mesmo na velhice/terceira-idade, as possibilidades, deveres e proibições, principalmente no que respeita aos papéis sexuais, são socialmente definidos em virtude de se ser mulher ou homem.** Deste modo, a variável género assume aqui uma importância basilar. No entanto, o género é tornado, não raras vezes, sinónimo de sexo; sendo necessário por isso estabelecer uma confrontação entre os termos.

A separação conceptual entre sexo e género começou a ser elaborada por volta dos anos 70 do passado século, principalmente nos Estados Unidos da América, pela teoria crítica feminista, no seio daquilo que socialmente se convencionou de *women's studies* [estudos sobre a(s) mulher(es)].

O movimento feminista revelou o *status* político ou a politização do corpo; aliás, um dos slogans do movimento feminista é o de que “o privado é político”, ou seja, por um lado cada experiência pessoal tem significância política e, por outro lado, “a desigualdade de poder chega aos indivíduos, em última instância nos seus próprios corpos e no uso destes, dos prazeres e capacidades reprodutivas (Almeida, 1995: 135).

Ao trazerem o corpo para o centro da análise sociológica, as mulheres trouxeram-se a elas mesmas para o centro da discussão. As críticas feministas expuseram não somente as raízes patriarcais e as tendências profundamente masculinas de uma visão racionalista e desencorporada do mundo, mas demonstraram como as dicotomias, apanágio do mito cartesiano (mente/corpo, razão/emoção, cultura/natureza, etc.), e que impregnaram durante tanto tempo o pensamento ocidental, não tinham razão de ser. Às mulheres corresponderiam os primeiros constituintes das dicotomias.

Por volta de 1970 e graças ao movimento feminista o corpo começou a ser entendido como produto de contextos históricos, culturais e sociais específicos e não como uma entidade física universal (Lock, 1993: 134). A perspectiva de que o corpo é

socialmente construído, e contingente com o contexto social e discursivo que o envolve, reúne actualmente um relativo consenso. Esta perspectiva é designada de **construtivismo social**. O próprio comportamento humano é hoje amplamente reconhecido enquanto produto de uma complexa interacção de factores biológicos e culturais; o debate teórico decorre em torno da extensão pela qual o corpo é biologicamente determinado e socialmente construído. Para efeitos deste trabalho importa reter que **o corpo é um fenómeno biológico e social inacabado, sujeito a transformações resultantes da participação do indivíduo na sociedade. Não se trata aqui de optar entre biologia ou cultura, mas de entender que biologia e cultura mantêm entre si uma relação recíproca e constante.**

O conceito de sexo inscreve-se no domínio do biológico e remete para a natureza binária dos corpos sexuados e para o facto da pessoa humana nascer ou com órgãos genitais masculinos ou com órgãos genitais femininos num exercício de mútua exclusão. Portanto, o sexo alude a uma distinção bio-anatómico-fisiológica entre homem e mulher e, portanto, a uma característica (*a priori*) mais objectiva e neutra.

O conceito de género inscreve-se no domínio do cultural e remete para os papéis adstritos a mulheres e homens e que mediante o processo de socialização esta(e)s interiorizam e incorporam. O género é o “... conceito que define a subjectivização do sexo biológico e se baseia no processo de categorização (Unger in Amâncio, 1994: 26).

O «ser mulher» e «o ser homem», a construção da feminilidade e da masculinidade, são processos que remetem para a categoria de género. Através da operacionalização deste conceito a teoria da evolução começou a ser rebatida. Esta teoria encontrava na anatomia da mulher a justificação e a validação (natural) da sua própria opressão cultural. Os papéis sexuais resultaram e ainda resultam por vezes desta anatomia dos corpos.

Relativamente ao conceito de «sexo», a objectividade e a neutralidade que *a priori* se lhe atribui merece ser relativizada. Mulheres e homens apresentam uma inegável constituição biológica diferenciada, mas que aspectos são considerados e reconhecidos como sendo a base dessa diferenciação sexual? Desde logo há a registar o a variabilidade de critérios na definição dos fenótipos sexuais.

Os especialistas entendem que machos e fêmeas diferem entre si em função: dos genes – determinação genética do fenótipo sexual a partir do 23º par de cromossomas sexuais em que na mulher os cromossomas são de apenas um tipo XX e nos homens de dois tipos: XY; da genitália externa (vagina/pénis); dos gónadas ou órgãos genitais

internos (glândulas sexuais: ovários/testículos); dos gâmetas (células sexuais reprodutoras: óvulo/espermatozóide); das hormonas (maiores níveis de testosterona e androgénio nos machos e de estrogénio e progesterona nas fêmeas); do cérebro e do SNC (Sistema Nervoso Central) - dimorfismo sexual do sistema nervoso central, nomeadamente diferenças de concentração de células ao nível do hipotálamo – maior nos machos); dos caracteres sexuais secundários (barba, bigode, pomo-de-Adão, monte de Vénus etc.) e dos comportamentos (sexo psicossocial), ou seja, o sexo psicossocial é o sexo que o indivíduo reconhece como o seu (auto-definição) e que os outros lhe atribuem, determinando as condições necessárias para o indivíduo se comportar na sociedade como sendo do sexo masculino ou do sexo feminino – o sexo psicossocial resulta da interação de factores genéticos, fisiológicos e psicológicos numa matriz sociocultural.

Portanto, o sexo de uma pessoa é o produto ou a soma de vários “sexos”. Se o dualismo sexual impera em todos estes “sexos”, a decisão recai sob qual dos critérios utilizar: o sexo genético, o sexo gonádico, o sexo psíquico ou o sexo psicossocial. Certamente que tudo se complica quando ocorre uma má formação dos genitais, surgindo então os chamados estados intersexuais. A intersexualidade consiste numa má formação dos órgãos genitais ou num desacordo entre um ou mais dos factores determinantes do sexo, podendo ou não haver ambiguidade em relação à genitália externa. O hermafroditismo é um exemplo de intersexualidade.

Mediante a diferença biológica e anatómica as sociedades construíram sistemas ideológicos dotados de normas, prescrições e expectativas comportamentais que definem e superintendem as actividades e os comportamentos próprios da mulher e do homem. Constituiu-se assim uma ideologia do género dotada dos seus próprios códigos e através dos quais as pessoas, o homem e a mulher, são sexualmente constituídas enquanto sujeitos sexuais.

O género é socialmente sancionado e constantemente reavaliado, negociado e lembrado num constante processo de construção e trabalho contínuos. O «ser homem» e o «ser mulher» também pressupõe a vigilância e o auto-controlo do corpo e da gestualidade.

O discurso do género avoca assim os requisitos culturais necessários para que alguém do sexo feminino seja considerada mulher; o discurso do género integra o requisito biológico, mas contempla e interage com outras variáveis, como por exemplo a idade. E assim, tendo em conta os objectivos deste trabalho, “ser mulher aos 30 anos”

não é o mesmo que “ser mulher aos 65 anos”; e ser “mulher aos 65 anos em Portugal” não é o mesmo que “mulher aos 65 anos na Índia”. E estes contrastes podem ainda ser mais agudizados se acrescentarmos a classe social e/ou a orientação social. É o conceito de género que permite assim operacionalizar e tratar as questões de identidade pessoal e social.

Se as prescrições sociais e culturais erigidas em torno do que é ser homem e ser mulher derivassem exclusivamente dos caracteres sexuais, e principalmente do modo como essa diferença se apresenta na sua exterioridade, haveria como que uma cristalização e homogeneidade dos papéis femininos e masculinos ao longo do tempo e nas várias sociedades. O que de facto acontece, e a etnografia comprova-o, é a profusão de diferentes modos de ser mulher e homem consoante o tempo e o espaço em função dos contextos políticos e sociais. Por outro lado, a construção de significados em termos de sexo e de género pode não ser coincidente; ou seja, “... a determinação do sexo social não está sempre e em todo o lado decalcada sobre a determinação do sexo biológico. Por vezes, deve ser materialmente construída, a forma aparente não chega para a decidir” (Héritier, 1996: 189)

O exemplo dos *Xanith* de Omã, obriga-nos a olhar para a questão do género sob um outro prisma na medida em que nem todas as formulações do género encerram uma dualidade entre masculino/feminino, mas que também é possível uma complementaridade entre si. Os Omanitas não possuem um sistema de género bipartido e, assim, os *Xanith* constituem um terceiro género na medida em que neles há uma descoincidência entre sexo, género e sexualidade. Em termos biológicos os *Xanith* são homens, e têm nomes de homens, mas a sua vida social assemelha-se, em termos de espaços e tarefas realizadas, à vida quotidiana da mulher. E é com os homens que os *Xanith* mantêm relações sexuais a troco de dinheiro. No entanto esta “prostituição” não é a sua fonte de rendimento máxima na medida em que os *Xanith* desempenham funções de empregados domésticos. Os *Xanith*, ao contrário dos outros homens, podem falar intimamente na rua com as mulheres, sem que a reputação destas seja colocada em questão, e sentam-se junto destas em casamentos; não se sentam e não comem em público com os outros homens, nem tocam os instrumentos musicais, tradicionalmente a eles reservados. Os *Xanith* envergam nas suas túnicas as cores tradicionalmente usadas por mulheres, perfumam os seus corpos, têm o cabelo mais longo que o dos homens e não o encobrem, usam maquilhagem e possuem um timbre de voz menos forte que a maioria dos homens (in Archer, 2002: 102-105; Almeida, 1995: 139).

Este exemplo dos *Xanith* dificilmente encontra paralelo na cultura ocidental; nos *Xanith* não existe a irreversibilidade que nas sociedades ocidentais acarretam, por exemplo, as mudanças de sexo por meio cirúrgico; estes procedimentos de mudança de sexo podem ser entendidos como decorrentes da exigência da sociedade em garantir a coerência entre sexo anatómico (macho/fêmea) e a atribuição do gênero correspondente (masculino/feminino).

Nos *Xanith* a sua identidade de gênero não reside no seu corpo físico, mas está mais dependente da concretização física da sua sexualidade, do modo como se vestem e das tarefas que tomam a seu cargo. Nos *Xanith* existe uma imensa fluidez; em qualquer altura podem ser socialmente considerados homens, bastando para tal casarem-se e provarem que conseguem ter relações heterossexuais com a sua esposa.

Nas sociedades ocidentais uma pessoa de qualquer sexo pode comportar-se, dentro de uma moldura legitimada, de forma masculina ou feminina sem que isso coloque imediatamente a sua identidade sexual, ou a sua orientação sexual, em questão. De salientar até a eclosão do fenómeno do metrossexual. Portanto, a lógica que subjaz à relação feminino/masculino nem sempre é de antagonismo, mas igualmente de complementaridade. Ao ser culturalmente conceptualizado e validado o gênero assumiu um carácter mais fluído e embora seja definido por uma relação binária (masculino/feminino) não necessita de, em todas as situações, estar vinculado ao corpo ou ao sexo correspondente, ou seja, “quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o gênero torna-se ele mesmo um artifício livre; conseqüentemente, homem/masculino e mulher/feminino podem ser atributos utilizados para designar quer corpos masculinos, quer femininos (Butler, 1999: 10) [tradução livre]¹.

Em cada tempo, e em cada sociedade, especificam-se as normas de conduta e os comportamentos aceitáveis; e é mediante esta prescrição que se segregam os comportamentos desviantes e se despoleta o processo de estigmatização. As pessoas só se tornam inteligíveis através da atribuição e conformidade a um dado gênero, socialmente validado. Para ser inteligível um gênero tem de estabelecer e manter de algum modo relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e

¹ “When the constructed status of gender is theorized as radically independent of sex, gender itself becomes a free-floating artifice, with the consequence that *man* and *masculine* might just as easily signify a female body as a male one, and *woman* and *feminine* a male body as easily as a female one” (Butler, 1999: 10)

desejo (Butler, 1999: 22-23) [tradução livre]². O desvio e a consequente estigmatização social só são pensados e operacionalizados em função de normas existentes de continuidade e coerência entre identidade e prática. Neste sentido existe uma hierarquia de corpos; corpos há que são entendidos como falsos, não reais e ininteligíveis. Portanto, a estabilidade do género é colocada em questão quando a pessoa incorre em práticas sexuais não normativas, quando a norma é a heterossexualidade.

Judith Butler, no seu livro *Gender Trouble*, questiona a própria essência dos conceitos de sexo e género. Ou seja, não basta falar-se de um dado sexo ou de um dado género, é necessário perceber e contextualizar o momento discursivo em que estes conceitos foram definidos e dados como “factos”. É necessário esmiuçar se, por exemplo, o conceito de sexo é dotado de uma essência natural, biológica e objectiva ou se também ele não é produto de uma intencionabilidade cultural que o define como dual. Esta dualidade não poderá resultar de uma construção variável? Como é que esta dualidade foi estabelecida? Para além disso, como vimos, o termo sexo evoca uma distinção natural, anatómica, cromossómica ou hormonal? E neste sentido a autora avança com a hipótese de “se o carácter imutável do sexo é contestado, talvez esse mesmo sexo seja tão culturalmente construído como o género; talvez até esse sexo tenha desde sempre sido género e, assim, entre os dois conceitos não haja nenhuma diferença e consequentemente não haja necessidade de os distinguir entre si” (Butler, 1999: 10-11) [tradução livre]³.

Segundo Judith Butler o género não deve ser considerado como a inscrição cultural de significado num sexo pré-dado, mas antes o género deve também designar o processo de criação através do qual os sexos são estabelecidos. Judith Butler contesta assim a objectividade, a neutralidade e a naturalidade subjacente ao conceito de sexo. O «sexo» não é uma realidade pré-discursiva e neutra ausente da produção cultural, o conceito de sexo não é um campo politicamente neutro. O conceito de sexo contempla e integra relações de poder. É na esteira desta premissa que Heilman defende a necessidade do sexo se tornar numa categoria neutra (in Amâncio, 1994: 31).

² “... persons only become intelligent through becoming gendered in conformity with recognizable standards of gender intelligibility (...) Intelligible genders are those which in some sense institute and maintain relations of coherence and continuity among sex, gender, sexual practice, and desire” (Butler, 1999: 22-23).

³ “If the immutable character of sex is contested, perhaps this construct called ‘sex’ is as culturally constructed as gender; indeed, perhaps it was always already gender, with the consequences that the distinction between sex and gender turns out to be no distinction at all” (Butler, 1999: 10-11).

A Ideologia de Género: da diferença anatómica à desigualdade

“Ninguém nasce mulher; torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, económico, define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Só a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *outro*” (Beauvoir, 1976: 13). O género não é então uma simples extensão da diferença biológica, embora essa mesma diferença biológica sirva de base e seja manipulada na construção da ideologia de género em função da dominância de diferentes interesses sociais. A ordem biológica é apresentada como justificação da ordem social.

Para compreender as categorias de género há que olhar para o sistema ideológico das sociedades, para o modo como as relações sociais estão constituídas, e principalmente para o modo como a divisão social do trabalho está estabelecida.

Portanto, os sexos (fêmea/macho) não foram somente entendidos como diferentes, mas essa diferença foi percebida e assimilada em função de um prévio esquema valorativo, de uma certa ideia da valência dos sexos, que situava a mulher numa posição de inferioridade e desigualdade relativamente ao homem. O pensamento não somente representa a sociedade, mas igualmente produz essa mesma sociedade. “Basta interrogar a linguagem, as expressões metafóricas da linguagem popular para compreender que o substrato inconsciente está presente: a mulher frígida, o homem é quente vigoroso, a mulher estéril é um fruto seco” (Héritier, 1996: 81). O género para se firmar necessita de símbolos culturalmente disponíveis e de mitos; neste sentido foram muitas as categorias binárias cuja associação ao masculino e ao feminino contribuíram para a opressão da mulher.

O género, na maioria das sociedades ocidentais, é responsável pela ideologia do patriarcado (construção típica da cultura ocidental moderna); assim, ao longo da história o estatuto da mulher face ao homem tem sido de submissão e subordinação.

A teoria feminista tem procurado as raízes de um tempo anterior ao patriarcado, se de facto existiram culturas pré-patriarcais e se estas eram matriarcais ou matrilineares em estrutura; ao provar-se a existência de tais culturas talvez o seu conhecimento e entendimento fornecesse uma perspectiva imaginária a partir da qual estabelecer a

contingência da história da opressão das mulheres e, se o patriarcado teve um início poderia então ser sujeito a um fim (Butler, 1999: 45).

Subjacente ao conceito de gênero estão relações de poder, modos desiguais de entender o masculino e o feminino segundo uma escala valorativa que pretende legitimar a dominação e a supremacia masculina. O direito e a religião foram produtores e reprodutores da ideologia de gênero. Tem havido uma mútua interdependência entre sexualidade, economia e política. Ao homem não foi só atribuído um poder económico (associação do homem à cultura e à esfera pública), mas igualmente um controlo moral sobre a mulher e a prole. O poder foi conceptualizado e construído atendendo a esse entendimento diferenciado do papel reservado ao homem e à mulher; o poder é tradicionalmente exercido pelo homem. Os conceitos normativos manifestados na religião, no direito, na educação e na ciência não são mais que uma extensão dos mitos e dos símbolos vigentes no substrato cultural. Neste sentido, sob a capa da objectividade estão cristalizados preconceitos dificilmente questionados e transpostos.

A organização da vida social e dos espaços foi construída atendendo a esse entendimento simbólico da diferença entre os sexos; homens e mulheres tiveram ao longo do tempo nas sociedades ocidentais um desigual acesso ao espaço público e ao mercado dos bens simbólicos. De acordo com Gayle Rubin, “a divisão sexual do trabalho pelos sexos seria um tabu contra a semelhança de homens e mulheres” (in Almeida, 1995: 132). Portanto, a relegação da mulher para a esfera doméstica e a sua associação à natureza e ao irracional reside em última instância na sua fertilidade e, assim, devido a essa mesma “qualidade”, na sua capacidade de colocar em causa a transmissão da propriedade privada. Françoise Héritier fala do encarceramento da mulher na função de reprodutora (Héritier, 1996: 283). De salientar ainda que a determinação do valor da força de trabalho foi extremamente gravosa para a mulher; remetida para o espaço doméstico a mulher conheceu ainda o não reconhecimento e a não valorização social desse mesmo trabalho doméstico.

A ideologia do gênero disseminou-se em todas as esferas da vida social, sendo permanentemente defendida, inculcada e reproduzida por organizações e instituições sociais como a família e o estado. O parentesco e o casamento são considerados os meios privilegiados para a produção e reprodução da ideologia de gênero. Esta, ao suportar toda a organização social, é igualmente responsável pela reprodução da sociedade. Nas sociedades ocidentais, a reprodução da sociedade depende de três premissas básicas: da heterossexualidade enquanto norma; da proibição do incesto que

pressupõe um tabu anterior contra a homossexualidade (Almeida, 1995: 132); e do constrangimento da sexualidade feminina. Mediante a proibição da homossexualidade e do incesto procura-se subordinar a sexualidade às exigências da ordem social, ou seja, o desejo deve ser canalizado para as pessoas adequadas. Legitimam-se assim as formas concretas e aceitáveis de uma sexualidade organizada. A ideologia do gênero fundamenta e assegura a heterossexualidade.

Mas, as categorias de gênero não são definidas e não resultam em toda a parte da mesma diferença. Faço minhas as palavras de Catarina Delaunay: “há que afastar então a concepção redutora e etnocentrista de que existe uma divisão ‘natural’ entre os sexos, transcultural e a-histórica, que percorre todas as civilizações. Consequentemente, as noções de natureza (onde podemos incluir o ‘sexo’) e as de cultura (em que se situa o ‘gênero’ enquanto construção sociocultural de um pré-dado que seria biológico) variam consoante os contextos histórico-geográficos” (Delaunay in 2001: 272).

Em suma, os papéis adstritos a homens e mulheres não dependem das características inatas e naturais, mas adequam-se às premissas de um determinado esquema ideológico que utiliza essas mesmas características naturais como pretexto e fundamentação de um discurso do gênero que associa essas diferenças biológicas a traços de personalidade e a orientações de comportamento que remetem a mulher para uma posição de alteridade. A crença numa inferioridade natural das mulheres orientou desde logo a procura de razões e causas que legitimassem esse entendimento; desde logo houve uma subordinação da evidência científica aos preconceitos sociais.

A divisão do mundo entre homens e mulheres confunde-se com a própria história do mundo; a distinção entre masculino e feminino funciona como princípio universal de visão e divisão do mundo. Esta dualidade não está presente somente nas pessoas, mas nos animais e nos próprios objectos.

O uso do masculino enquanto premissa da universalidade contribui para a acentuação das crenças na alteridade do feminino apesar da crença do universalismo enquanto uma categoria neutra. Ainda hoje se ouve, nos órgãos de comunicação social e em instituições governamentais e europeias, falar em Direitos do Homem e não em Direitos Humanos.

A linguagem, que confere inteligibilidade a todas estas referências, é um dos principais elementos de veiculação da hegemonia do masculino na sociedade e do exercício de uma violência simbólica sobre a mulher. E esse estado desigual de entender

o homem e a mulher, ao ser difundido pela linguagem, cristaliza-se ao longo do tempo de um modo subterrâneo e camuflado e, por conseguinte, sem ser colocado em questão.

A aceitação da dominação e supremacia masculina pelo menos a nível simbólico tem sido transmitida e aceite de modo consciente ou não por todas(o) nós. O masculino funciona simultaneamente como específico e genérico na medida em que procura definir e referir entidades estritamente masculinas, mas igualmente ao conjunto de entidades masculinas e femininas. O feminino, por sua vez, limita-se ao campo do particular e do específico; procura definir e referir apenas entidades femininas. “Acresce que, a mera existência de uma entidade masculina num conjunto, qualquer que seja o número de entidades femininas leva a plurais masculinos” (Maria do Céu Rego in <http://redejovens-igualdade.blogspot.com/>). Denota-se assim uma invisibilidade e uma secundarização das mulheres ao nível da linguagem.

Se o «ser mulher» e «o ser homem» remetem para as categorias do género, para as expectativas e papéis que a sociedade define como masculinos e femininos, afinal o que é um homem e o que é uma mulher? O Homem é usado para definir a humanidade, é um animal mamífero, bípede, bímano, racional e sociável que, pela sua inteligência e pelo dom da palavra, entre outros aspectos, se distingue dos outros seres organizados, o Homem é o ser humano do sexo masculino (opõe-se a mulher). A Mulher é definida como a pessoa do sexo feminino, depois da puberdade; é a pessoa do sexo feminino pertencente à classe popular. Face a este desigual modo de conceber e valorizar o homem e a mulher, Graça Abranches entende que, para o senso-comum: os homens têm sexo (propriedade acessória) e as mulheres são um sexo (propriedade essencial). Assim os papéis de género exigem que o homem produza, pense e represente e que a mulher principalmente reproduza, seduza e cuide (<http://redejovens-igualdade.blogspot.com/>).

Nas sociedades ocidentais a submissão a estes papéis tem penalizado homens e mulheres, embora sejam de facto estas últimas as maiores sacrificadas uma vez que as perdas registadas pelos homens, sobretudo no plano afectivo-emocional, são a consequência da sua própria dominação na esfera pública. Assim, em virtude da divisão dos papéis de género as mulheres, quando comparadas com os homens, têm menos autonomia económica; menos tempo para si e uma influência mais limitada nos processos de decisão que moldam a sociedade e a sua vida em particular. Por seu turno, os homens possuem menos autonomia pessoal, menos competências relacionais e uma mais reduzida influência no acompanhamento e na educação dos filhos e nas opções da vida familiar.

Capítulo II

A Experiência do Envelhecimento

Velhice/Terceira-Idade - uma construção social?

O ciclo de vida assume-se como o hiato temporal entre o momento do nascimento e o momento da morte. Este ciclo é composto por fases de desenvolvimento, períodos de tempo, dotadas de características físicas e sociais específicas: infância, adolescência, idade adulta e velhice/terceira-idade. Cada uma destas fases, e respectiva definição, integra uma dimensão biológica que permite o reconhecimento enquanto grupo social de pessoas pertencentes a uma mesma geração. Porém, esta dimensão biológica tem sido ao longo do tempo diferentemente interpretada e definida de acordo com o contexto histórico, social, político e económico. Por conseguinte, a definição de infância e velhice/terceira-idade tem apresentado uma extrema variabilidade e mesmo actualmente, nas sociedades ocidentais, é difícil apresentar uma única e consensual definição. O ser velha(o) abarca sempre uma dimensão biológica, mas igualmente cultural. Cada sociedade define num dado tempo e num dado espaço o que é culturalmente apropriado em termos de papéis sociais e comportamentos para a(o)s velha(o)s. É impossível fixar com rigor a altura em que se inicia, por exemplo, a velhice/terceira-idade.

A título de curiosidade, a esperança média de vida fixava-se na Idade do Ferro nos 18 anos, no século XIX, aquando da Revolução Industrial, nos 40 anos e na actualidade nos 80 anos.

Apesar da necessidade de contextualizar no tempo e no espaço a experiência do envelhecimento, salientando-se assim a variabilidade das definições é curioso constatar que independentemente dessas duas variáveis (tempo, espaço) o estatuto social da pessoa mais velha tem sido francamente negativo. Impossível é traçar neste pequeno ensaio uma fidedigna construção histórica do estatuto da velha e do velho através dos séculos. No entanto, é fácil adivinhar que em sociedades pré-primitivas e nómadas a(o)s mais velha(o)s fossem considerados um fardo à mobilidade. Foi quando se conseguiu o aprovisionamento da comida que as populações conseguiram-se fixar por tempos mais prolongados e o estatuto da pessoa mais velha, principalmente o dos homens, mudou.

O estatuto da(o)s mais velha(o)s começou assim por estar dependente das estratégias de sobrevivência e das crenças culturais. Nas sociedades dotadas de técnicas rudimentares a religião e a magia possuem uma diminuta importância. Quando a vida económica exige um conhecimento mais complexo e quando a luta contra a natureza é menos violenta, a magia (poderes sobrenaturais) e a religião encontram então substrato para se erigirem em importância. Quando isto acontece os mais velhos podem ocupar outros papéis e adquirir importantes poderes. Mas mesmo quando tal acontece, mesmo que conquistem o respeito, muitas vezes ligado ao medo, da restante comunidade a velha e/ou o velho são considerados como alguém diferente, como se não lhes fosse conferida humanidade. Por virtude ou por degradação física e/ou moral permanecem fora da humanidade.

A(o)s mais velha(o)s conduzem os ritos religiosos e místicos pois quanto mais velha(o)s forem mais perto estão do “outro mundo” e podem ser melhores mediadores entre este mundo e esse “outro mundo”. Dirigem assim as cerimónias e as celebrações religiosas. Nestas comunidades a experiência e o conhecimento acumulado constituem traços da velhice/terceira-idade.

A partir do pensamento helénico a velhice/terceira-idade foi equiparada a um estado de doença. De acordo com Hipócrates, o Inverno constituía a metáfora perfeita da velhice/terceira-idade; pretendia com esta comparação sublinhar a ausência de calor e, assim, de vida, enquanto característica inerente à velhice/terceira-idade. Também Galeno entendia a velhice/terceira-idade como um estado algures entre a doença e a saúde; se bem que não constituísse uma condição patológica, todas as funções fisiológicas estavam nesta fase da vida reduzidas e enfraquecidas. Durante a Idade Média estas considerações acerca da velhice/terceira-idade parecem ter-se, na opinião de Simone de Beauvoir, mantido. Aliás, no século XIII, Roger Bacon, filósofo inglês, considerava que a velhice/terceira-idade constituía uma doença. E este entendimento parece ter perdurado de um modo constante até ao século XIX.

É necessário, no entanto, salientar que até ao século XVIII eram as classes mais privilegiadas que de facto podiam viver mais e, assim, envelhecer. O envelhecimento estava como que interdito às classes trabalhadores que, em virtude da vida árdua que levavam e da exploração da classe capitalista, tendiam a morrer cedo. Quer no campo, quer na cidade os trabalhadores morriam jovens. Quem sobrevivia procurava refúgio em instituições de caridade pública. Neste sentido, Simone de Beauvoir entende que foi por volta de 1850 que a geriatria (ramo da Medicina que se ocupa das doenças dos idosos)

apareceu, embora nesta data ainda não assumisse este nome. Esta especialidade deveu-se precisamente ao surgimento, em França, de instituições que albergando idosos possibilitavam o acumular de observações clínicas. Salpêtrière pode ser considerado como o núcleo do primeiro estabelecimento geriátrico; foi aqui que Charcot (1825-1893) ministrou as suas famosas palestras sobre a velhice. Nesta altura permanecia a ideia da velhice enquanto doença, da velhice enquanto período caracterizado pelas doenças degenerativas (Beauvoir, 1972: 25-27).

No início do século XX, a investigação sobre a velhice/terceira-idade continuou a ser negligenciada; a infância e a adolescência eram as fases da vida privilegiadas. No entanto, em 1909 Ignatius Nascher avança com o conceito de geriatria na medida em que considerava que a doença e os cuidados médicos da população mais velha deveriam assumir-se enquanto uma especialidade médica.

A gerontologia, ciência que, ao contrário da geriatria, não se debruça sobre os aspectos patológicos da velhice/terceira-idade, mas no próprio processo de envelhecimento, apareceu por volta de 1950. Com esta ciência o envelhecimento, processo que é comum a todos os seres vivos, passou a ser considerado como parte integrante do ciclo de vida e não como uma passagem abrupta para um diferente estado. A componente biológica do envelhecimento está dependente do contexto envolvente, ou seja, da comunidade na qual a pessoa está inserida, e é esse contexto que superintende o desenvolvimento biológico.

A definição de velhice/terceira-idade proposta por Simone de Beauvoir parece-me um bom ponto de partida para compreender esta fase da vida. Segundo ela, a velhice/terceira-idade: constitui um fenómeno biológico – o organismo da(o)s mais velha(o)s apresenta certas particularidades; acarreta consequências ao nível psicológico – certos comportamentos são entendidos como característicos da velhice/terceira-idade; e, como todas as situações humanas, comporta uma dimensão existencial dado que altera o relacionamento da pessoa com o tempo e, assim, a sua relação com o mundo e com a sua própria história [tradução livre]⁴ (Beauvoir, 1972: 16).

⁴ “... it is a biological phenomenon – the elderly man’s organism displays certain particularities. It brings with it psychological consequences – certain forms of behaviour are rightly looked upon as being characteristic of old age. And like all human situations it has an existential dimension - it changes the individual’s relationship with time and therefore his relationship with the world and with his own history” (Beauvoir, 1972: 16).

Velhice Vs Terceira-Idade

Os 65 anos são identificados como os anos que preludiam a velhice/terceira-idade; está-se assim perante uma definição cronológica da velhice/terceira-idade, muito utilizada para fins instrumentais de tratamento de dados estatísticos. Esta definição está mais associada a uma componente laboral, do que propriamente física ou psicológica. É-se velha(o) quando se deixa de ser produtiva(o) para a construção e manutenção da sociedade e se passa a uma vida não produtiva; os 65 anos são, aliás, a idade socialmente definida da reforma.

No entanto, a barreira dos 65 anos já não apresenta um carácter tão rígido na definição e no entendimento do que é ser velha(o) para a maioria das pessoas. No uso quotidiano, a definição de velha(o) deriva fundamentalmente da sua associação a uma incapacidade física e/ou mental. Esta inactividade já não deriva da condição perante o trabalho (reforma), mas sim do estado de dependência em que essas pessoas vivem face aos outros. Está-se assim perante uma definição funcional da velhice/terceira-idade.

De salientar a postura de Pauline Robinson, que aponta para a necessidade de distinguir entre os jovens velhos (50/60 anos) e os velhos velhos (70/80 anos) (in Salgueiro, 2003).

O envelhecimento é considerado como um processo em que o corpo torna-se mais frágil num processo de declínio, de decrepitude, de incapacidade. Este é, digamos assim, o estereótipo ligado ao envelhecimento. Em termos biológicos fala-se de declínio do organismo quando as hipóteses de continuar a viver se reduzem. A medicina moderna postula que entre a velhice/terceira-idade e a doença existe como que um relacionamento mútuo em que a doença apressa o envelhecimento e a idade torna a pessoa velha mais sujeita a distúrbios patológicos, particularmente a processos degenerativos, falando-se assim de uma “polipatologia” crónica.

Estabelece-se então um paradoxo: “todos queremos viver muito tempo mas receamos a velhice, e por isso se evita mesmo esta palavra e se fala em terceira-idade e quarta idade” (Salgueiro, 2003: 36). A associação do envelhecimento a uma gradual incapacidade física ou mental encontra-se tão enraizada na sociedade que a palavra velhice surgiu como forma de tornar inteligível esse raciocínio; por conseguinte, culturalmente a velhice é encarada com profunda tristeza e aversão.

Embora ambas as palavras, velhice e terceira-idade, remetam e pretendam designar uma mesma população é necessário proceder à sua distinção até porque o uso preferencial de um e outro conceito por parte das pessoas, incluindo a(o)s velha(o)s, tem subjacente a si um determinado conjunto de pressupostos e preconceitos.

“A velhice é uma invenção do ser humano, tradução sociológica, cultural e política do envelhecimento, fenómeno para o qual não temos nenhuma capacidade de resposta” (Lessa in Salgueiro, 2003: 39). A palavra velhice contempla o estereótipo e remete para a associação entre envelhecimento e gradual declínio físico e/ou mental. A palavra velhice surge como a antítese dos valores exaltados pela sociedade ocidental: produtividade e utilidade. Subjacente à palavra velhice está a ideia de que a(o)s mais velha(o)s são considerada(o)s um fardo para a população activa. É sabido que o envelhecimento da população comporta problemas económicos e fragiliza a sustentabilidade da Segurança Social.

“A velhice não é uma enfermidade, embora corresponda a uma fisiologia de desgaste” (Salgueiro, 2003: 42). Esta “fisiologia do desgaste” é definida pela comunidade médica como: uma diminuição do vigor físico e psíquico; menor capacidade de trabalho, sobretudo uma maior resistência à mudança; alterações endócrinas (menopausa/andropausa); aumento da incidência de doenças crónicas (vasculares e neurológicas), etc. Os estilos de vida (alcoolismo, tabagismo, sedentarismo, stress, excessos alimentares) interferem, de acordo com os profissionais médicos, na experiência da velhice. É ainda nesta fase da vida que a polimedicação é mais frequente, com os decorrentes efeitos iatrogénicos.

O negativismo social face à velhice pode ser entendido segundo dois raciocínios, antagónicos entre si. Por um lado, pela metáfora do espelho, ou seja, o olhar sobre a(o) velha(o) funciona como um “olhar para si”, um confronto com a efemeridade da vida e, consequentemente, com a morte; a pessoa revê-se na figura da(o) velha(o) e isso causa-lhe repulsa. O distanciamento face a essa imagem ou realidade futura acontece devido à ironia e à caricatura. Por outro lado, esse negativismo social pode advir precisamente da dificuldade em projectar e encontrar, quando ainda se é jovem, no rosto e na figura da velha e do velho, a familiaridade e o auto-reconhecimento. O mundo ocidental pauta-se cada vez mais pelo domínio crescente da tecnologia, da rapidez, do efémero e da plasticidade e estas marcas do tempo fundem-se nos próprios corpos e também eles passam a ser dominados pela fluidez. A dificuldade desse reconhecimento reside precisamente na ênfase no presente e na incerteza do futuro.

Mas qual o momento em que o peso da idade se faz sentir, o momento em que a pessoa pára, olha-se, sente-se e pensa que está a envelhecer? Quais os sinais, visíveis ou não, que remetem e reflectem o envelhecimento?

À medida que a passagem do tempo acontece, o futuro reduz-se e o passado adensa-se. Os 50 anos constituem um ponto fulcral, carregado de simbolismo, no ciclo de vida; “a década dos 50 anos marca o início de um período em que, não se sendo velho, deixou de se ser novo”⁵. Talvez seja a partir desta idade que as consciências individuais fixam o envelhecimento. Não obstante, o envelhecimento é um processo contínuo e inevitável que se inicia desde o momento da concepção. O envelhecimento é antes de mais sinónimo de vida. Viver é envelhecer. A vida é um sistema instável no qual o equilíbrio é continuamente perdido e recuperado. O envelhecimento é isto mesmo, um processo contínuo que pressupõe mudança, mas adaptação. Por seu turno, a inércia é sinónimo de morte. E é precisamente aqui que reside a fórmula ou solução para que a velhice deixe de estar eivada de uma tão profunda aversão social; ou seja, a solução está em considerar que a utilidade e a produtividade individual e social não se encontra somente dependente do exercício de uma actividade profissional.

A palavra terceira-idade exclui a ideia de uma incapacidade como intrínseca ao envelhecimento e promove a percepção do envelhecimento como um processo contínuo. A palavra terceira-idade é uma palavra de esperança que postula a possibilidade de um envelhecimento activo. É precisamente esta a ideia manifestada pela mulher de 73 anos que entrevistei no âmbito deste mesmo trabalho. Nas suas palavras:

«... talvez terceira-idade... Velhice parece que não gosto de ouvir. Não. (...) Porque não me sinto velha e como não me sinto velha... Terceira-idade talvez se aplique mais... Para mim aplica-se mais terceira-idade porque já fui criança, já fui jovem e agora tou talvez na terceira-idade (...) Velha é uma pessoa inútil, que está para ali, que já não serve para nada... se eu estivesse doente, ou, ou, ali para um canto e não pudesse fazer nada, mas eu faço tudo como quando era nova! (...) Faço a limpeza na minha casa, eu ponho-me em cima de um escadote, limpo os armários por cima, limpo os móveis por cima, eu não me considero velha! Trabalho... aqui nesta casa, qu’esta casa é muito grande! E ainda faço as coisas para a minha filha! Muitas coisas para a minha filha! Faço comer para a minha filha (...) Inútil! Inútil! É inútil... Não tem actividade... Tá velho... como um trapo! Um pano! A gente tem um pano e enquanto pode, como eu agora estava a buscar o exemplo dos lençóis, os lençóis, os lençóis ainda não estão velhos! Estão velhos. Mas ainda têm utilidade! Ainda dá... Dos lençóis que estão velhos ainda vou... tá ao meio roto, mas ainda vou aproveitar os lados para fazer umas almofadas, ou uns panos para limpar copos ou coisas assim. Portanto, tão velhos mas ainda têm utilidade! Ainda não estão

⁵ Ideia veiculada pelo psicólogo Jorge Cardoso, orador da palestra “A Sexualidade do Idoso” realizada em Fevereiro na Biblioteca/Museu República e Resistência .

completamente inúteis! É como eu... me sinto! Que estou, tenho idade, tenho 73 anos, tenho idade, mas não tou inútil! Não tou inutilizada, ainda estou, ainda me sinto, pronto! Tou na terceira-idade! Acho mais próprio estar a dizer terceira-idade. Para mim, para mim acho mais próprio o termo terceira-idade (...) **A velhice não quer dizer só uma idade avançada... para mim, na minha maneira de ver, acho que a velhice é o estado em que a pessoa se encontra.** (...) E o meu corpo também não sinto, olho para mim e também não me vejo velha! O corpo deteriorado com a idade... não noto! E sinto-me bem! Vou para os bailes, danço, com quem me vem buscar...»

Portanto, neste trabalho, e devido ao que atrás foi exposto, optei pelo uso da palavra terceira-idade ao invés da de velhice; sem que hajam razões teoricamente fundamentadas para enveredar pelo uso preferencial de um termo em relação aos outros, decidi optar pelo uso das palavras velha(o) e sénior em detrimento da de idosa(o) na medida em que considero que subjacente a esta última palavra está a marca da senilidade.

Envelhecimento Activo

A sociedade portuguesa mudou nos últimos 40 anos e longe estão aquelas imagens reais e posteriormente caricaturadas da velhinha vestida de negro e de lenço na cabeça e do velhinho de bengala envergando um chapéu ou um boné. Embora no imaginário colectivo estas imagens extremas ainda possam residir, a experiência da terceira-idade e os seus modos de apresentação mudaram; a maior longevidade, a possibilidade da reforma acontecer cada vez mais cedo e a melhor saúde assumem-se como tendências actuais que alargam o tempo entre a reforma e a morte e mudam a imagem da terceira-idade e do que é “ser velha” e “ser velho”.

A(o)s velha(o)s ainda são, no entanto, amplamente considerada(o)s como um problema social ou um peso para o resto da sociedade. Não se lhes reconhece valor produtivo, uma vez que já deixaram de fazer parte da população activa; não se fomenta o contacto e a partilha intergeracionais, o que poderia constituir uma frutífera troca e investimento – também afectivo – para jovens e velha(o)s. A população mais velha é então encerrada em lares de terceira-idade e casas de repouso que reduzem a interacção social ao convívio entre pares.

As pessoas mais velhas são muitas vezes tratadas como constituindo um grupo homogéneo; no entanto, a experiência subjectiva do envelhecimento é condicionada por variáveis como o género, a classe social, a etnia e a orientação sexual.

Apesar da identificação de uma “fisiologia do desgaste” associada ao envelhecimento, o envelhecimento em si não esgota as capacidades (físicas, intelectuais, sexuais e criativas) dos indivíduos. Parece-me útil evocar algumas das ideias presentes na Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento (1982): o envelhecimento não deve ser considerado como uma doença; o começo do envelhecer não deve ser entendido como o ponto de partida de um declínio e o envelhecimento e o facto de se ser uma pessoa mais velha constituem essencialmente fenómenos de ordem social e cultural. Muitos dos problemas que a(o)s mais velha(o)s enfrentam não são inerentes à idade, mas advêm sobretudo da discriminação social e económica de que são vítimas. O problema da geração sénior é essencialmente um problema de poder.

Na organização social da sociedade “... demasiado centrada em critérios materiais de sucesso, a velhice tem uma imagem negativa e a palavra velho uma carga depreciativa, por dizer respeito ao idoso já sem papel na produção, considerado como um fardo” (Salgueiro, 2003: 42). O reconhecimento e a valorização social derivam das relações de produção, de uma reciprocidade e de um utilitarismo; (a)os mais velha(o)s são tidos como aquela(e)s que já não têm valor. No seguimento desta ideia, valerá a pena sublinhar a importância do trabalho enquanto meio de integração social apesar de poder constituir, para grande parte das pessoas, uma prisão e um fardo. De facto, o trabalho encerra em si mesmo esta ambivalência, ambivalência esta reflectida também na reforma. Ironicamente a terceira-idade é uma tendência e uma realidade para toda(o)s, incluindo aquela(e)s que sendo presentemente jovens, serão a(o)s velha(o)s de amanhã..

A reforma poderá acarretar uma revolução na identidade da pessoa; a passagem de um estado de actividade para o seu contrário, muitas vezes acompanhada de uma redução do status e do nível de vida, e a conseqüente catalogação social de “velha(o)” pode deter conseqüências psicológicas profundamente complexas. O modo como a pessoa encara a reforma (optimismo/pessimismo) influirá posteriormente a sua própria experiência enquanto reformada(o); estes pólos de entendimento tendem a reforçar-se, ou seja, o optimismo ou o pessimismo com que a priori a pessoa concebe a reforma tendem no momento em que ela acontece a fortalecer-se (Beauvoir, 1972: 297). O modo como cada pessoa encara a reforma reflecte a satisfação pessoal sentida ou não durante a sua actividade profissional, a sua saúde, a sua situação económica, etc.

Dado que a dicotomia trabalho/casa ainda está muito enraizada nas gerações mais velhas, é natural que um elevado número de mulheres velhas tenha permanecido

ao longo da sua vida a tratar da casa e da família, ao passo que os homens seus contemporâneos exerceram uma actividade profissional fora de casa. Esta divisão sexual do trabalho pode em idades mais tardias ser mais benéfica para as mulheres na medida em que nelas não se verifica uma ruptura em termos de identidade. As mulheres continuam a desempenhar o mesmo papel nas suas famílias e casas o que lhes permite permanecer activas e reter a sua identidade. Portanto, segundo esta autora são os homens que mais ressentem a situação de reforma, pois esta implica uma redefinição da sua identidade. De acordo com Hemingway a pior morte é a perda daquilo que constituiu o centro da vida e o que possibilitou à pessoa ser aquilo que ela é [tradução livre]⁶ (in Beauvoir, 1972: 295).

Atendendo à tendência para o cada vez mais pronunciado envelhecimento demográfico, o envelhecer exige uma adaptação por parte das mulheres e homens enquanto indivíduos e enquanto sociedade. O envelhecimento activo pressupõe uma atitude individual por parte das gerações mais velhas para desmistificar e derrubar os preconceitos, uma predisposição interior, e dentro das suas possibilidades, para tornar esta fase da vida mais positiva do que *a priori* se supõe. De acordo com António Fonseca, “... tais preconceitos que são fonte de problemas psicossociais, como a depressão, o isolamento ou a inadaptação, não pairam como espectros na sociedade. Existem porque moram em cada um de nós” (in Gomes, 2005: 10-17).

“Da Vida... à Qualidade de Vida”

O envelhecimento demográfico assume-se como uma tendência cada vez mais crescente das sociedades ocidentais. É frequente os meios de comunicação social e os profissionais de saúde promoverem e enfatizarem o conceito de qualidade de vida, qualidade de vida também exigida para a população mais velha. Somos inundada(o)s com informações alusivas a actividades para a(o)s mais velha(o)s: descontos nas entradas em museus, exposições, cinema, espectáculos; desconto no passe da Carris e Metro, iniciativas de turismo sênior, particularmente as promovidas pelo Inatel, etc. O mercado português já contempla uma revista especialmente dedicada a esta população: a Revista Sênior; criaram-se ainda a Universidade da terceira-idade e a Academia de

⁶ “Hemingway said that the worst death for anyone was the loss of what formed the centre of his life and made him what he really was” (in Beauvoir, 1972: 295).

Seniores de Lisboa. Portanto, a oferta de possibilidades de lazer e ocupação do tempo para a população mais velha aumentou significativamente nas últimas décadas; já não são somente os centros paroquiais, os centros de dia, as sociedades recreativas e as associações locais que dinamizam essas actividades.

Podemos, no entanto, questionar se estes discursos não se destinam a uma população idosa bem demarcada e minoritária; se estes discursos não serão atravessados pela marca da desigualdade social. E, assim, quem pode usufruir desta “qualidade de vida” é quem tem dinheiro, quem tem saúde, quem enfim foi ao longo da vida sensibilizada(o) para esta fruição. Os descontos em viagens, museus ou exposições são usufruídos por uma minoria de pessoas. Não é em idade avançada, muitas das vezes com uma saúde debilitada e fracos recursos, que a consciência e os hábitos que pautaram a vida passada mudam. A conjuntura e o contexto económico contrariam a apologia da qualidade de vida e do envelhecimento activo.

Subjacente à qualidade de vida está a saúde da pessoa. É um ponto incontornável este. É a ausência de saúde que conduz muitas pessoas à vida numa instituição dado não possuírem, nem os seus familiares, as condições (tempo, dinheiro, infraestruturas) para um efectivo cuidado. A saúde, dependente é certo do património genético, é propiciada pelos rendimentos da pessoa para custear as despesas médicas, para ter uma adequada dieta alimentar e para ter dinheiro para uma vida social gratificante indispensável ao equilíbrio entre espírito e corpo e, logo, saúde. Mas, não basta somente ter saúde e tempo livre. É necessário que o dia-a-dia seja composto por actividades e objectivos, é necessário que haja razões para viver. A inactividade física e psicológica gera apatia. A ocupação do tempo será condicionada pela saúde, pelo dinheiro, pela educação e pelo leque de actividades existentes na instituição e/ou localidade onde a pessoa reside.

O conceito de envelhecimento activo, permanentemente veiculado pelas instituições estatais e pelos meios de comunicação social, para além de promover a integração social da geração mais velha, pretende combater o desequilíbrio entre a população activa e não activa, reduzindo os efeitos económicos e sociais das actuais tendências demográficas, através de incentivos aos trabalhadores que optem pela reforma após os 65 anos e pela conciliação da reforma com uma actividade profissional, por exemplo a tempo parcial, ou com o voluntariado. Segundo a legislação portuguesa é possível acumular pensões com rendimentos de trabalho.

Os afectos são, sem dúvida, uma fonte de vida; e em idade mais avançada, quando as actividades económico/sociais são menos intensas, os afectos podem revestir

uma extrema importância. No entanto, a população idosa vive a maioria das vezes num grande estado de isolamento em casa ou em instituições; em ambos os casos há uma grande privação do contacto com os seus familiares e com outras gerações mais jovens. É cada vez mais raro o modelo da família alargada composta por três gerações.

Se a população mais velha é muitas vezes privada do contacto com as gerações mais jovens, estas mesmas gerações tendem por outro lado a negar, minorizar ou ridicular os afectos de índole amorosa e/ou sexual manifestados pelas gerações mais velhas. Portanto, estamos perante uma dupla privação de afectos.

Cristalizada na sociedade está então a ideia de que as mulheres e os homens idosos são seres assexuados, cujo corpo e espírito estão desprovidos de libido e vida sexual; são seres em que o desejo e o erotismo desapareceram. Por conseguinte, os comportamentos e atitudes por ela(e)s manifestada(o)s que contrariem essa ideia são entendidos como algo de perverso, anormal e patológico.

Capítulo III

Envelhecimento e Sexualidade

A Matriz Social Inibidora

Profundamente cristalizado no substrato cultural reside o mito da assexualidade das gerações mais velhas, sobretudo nas regiões onde a Igreja Católica está fortemente implantada; impõe-se a ideia de que com o envelhecimento a tendência é para um cada vez maior desinteresse e capacidade para as pessoas continuarem sexualmente activas. Poder-se-á considerar que entre o envelhecimento e a sexualidade existe uma relação conflituante; relação que é condicionada por uma série de entendimentos que podem ter um efeito inibidor do ponto de vista da concretização física do desejo, vivendo-se então um ambiente social de sanções negativas contra a sexualidade da(o)s mais velha(o)s.

Kuypers and Bengston (1973) entendem que as representações sociais negativas relativamente às gerações mais velhas conduzem a que essas mesmas gerações se conformem, reproduzam e se definam em concordância com essas representações sociais. As pessoas mais velhas internalizam a visão da sociedade de que a(o)s idosa(o)s constituem parceiros sexuais inaceitáveis. Para dar conta deste processo de reprodução os autores avançam com o conceito de síndrome da falência social (Robinson, 1983: 86-87).

O mito da assexualidade impõe-se na medida em que culturalmente se postula que a actividade sexual ou o comportamento sexual por excelência é a relação heterossexual, coital e monogâmica com finalidades de fruição sexual e de procriação. Este entendimento, se limita a sexualidade das pessoas mais velhas, é particularmente limitativo nos casos em que a pessoa vive só (solteira ou viúva), particularmente as mulheres, e nos casos da(o)s idosa(o)s homossexuais.

Face ao anterior mito está então a ideia de que o sexo é o território reservado a corpos jovens, saudáveis e bonitos. Nas sociedades ocidentais verifica-se uma obsessão social e cultural com a juventude em que ser jovem ou ter um visual jovem é altamente valorizado e fonte de atractividade. Em nenhum domínio isto é tão aparente como nos papéis sexuais. Neste sentido, para Susan Sontag a metáfora por excelência de

felicidade é juventude; a juventude é uma metáfora para energia, para uma mobilidade contínua, para apetite: para o estado de ‘querer’” (Sontag, 1972: 31) [tradução livre]⁷.

Actualmente assiste-se a uma tendência sobejamente incentivada pela publicidade e pela indústria cosmética e farmacêutica de “esticar a meia-idade”. Sobretudo as mulheres são continuamente assediadas por imagens e mensagens que veiculam a ideia de que o amor e o sexo podem ser dimensões da vida quando se possui um aspecto físico jovem, quando se parece 10 anos mais nova. Portanto, em virtude do exercício físico, do recurso aos cosméticos e/ou cirurgia estética e do recurso à terapia de substituição hormonal as mulheres podem e devem permanecer sexualmente activas. As fases da vida tornam-se cada vez mais fluídas em virtude dos desenvolvimentos registados em áreas como a bio-engenharia e a cosmética. O recurso à pílula e à terapia hormonal de substituição permite que a mulher detenha um maior controlo sobre a sua fertilidade.

Poder-se-á então pensar que o mito da assexualidade das gerações mais velhas está paulatinamente a sucumbir. Os homens, por seu turno, também têm ao seu dispor o famoso Viagra. Mas, estará mesmo a decair? Talvez esteja, mas para uma geração de pessoas velhas muito concreta e minoritária, aquelas que conseguem disfarçar o peso dos anos com cosméticos e cirurgias de redefinição.

A uma imensa maioria de velhas e velhos sem recursos monetários para aceder a esses luxos, com corpos que fogem aos padrões de beleza, enfrentando por vezes a doença, a sociedade nega, restringe e “patologiza” o seu corpo e a sua sexualidade. A sexualidade permanece por enquanto o campo dos corpos jovens ou que aparentam essa juventude. Portanto, os aspectos superficiais do envelhecimento (rugos, flacidez, calvície, etc) podem servir como inibidores do comportamento sexual se as pessoas incorporarem na sua auto-imagem as mensagens de culto da juventude e da magreza procedendo assim a comparações negativas.

De facto, se a priori se postula que a(o)s mais velha(o)s não têm desejo e vida sexual a atitude social quando confrontada com a negação desse mito é a de uma **infantilização da sexualidade** da(o)s mais velha(o)s. É comum a expressão: “já não tem idade para essas coisas!”. É frequente a inversão da relação parental, ou seja, em idade adulta as filhas e filhos adoptam uma atitude que tende a limitar a sexualidade das suas mães e pais, um pouco à semelhança da proibição que estes mesmos progenitores

⁷ “the most popular metaphor for happiness is youth (...) Youth is a metaphor for energy, restless mobility, appetite: for the state of ‘wanting’” (Sontag, 1972: 31).

exerceram aquando da adolescência e juventude dessa(e)s filha(o)s. Há uma grande **resistência por parte dos mais jovens à sexualidade dos seus progenitores**. Esta resistência pode ir desde a simples aversão e respectiva sanção enquanto um comportamento ridículo e inadequado até a acções legais que legitimem o entendimento das suas mães e pais como incapazes.

Se a(o)s mais velha(o)s demonstram nos seus comportamentos uma sexualidade latente esses comportamentos são entendidos como disfuncionais; sobretudo no caso dos homens mais velhos persiste a ideia de um certo *voyerismo*, de que são malignamente libidinosos; o que equivale a dizer que se denota nestes casos uma forma de parafilia.

É claro que o modo como cada um(a) interpreta e condiciona os seus comportamentos sexuais à luz destes mitos e crenças é um processo singular e portanto impossível de generalizar. Acredito que para muitas mulheres e homens a sexualidade deixe a dada altura de ser uma dimensão importante da sua vida pelos mais variados motivos. As mulheres podem, por exemplo, deixar de se arranjar, de pintar o cabelo ou usar maquilhagem, por considerarem que já não têm idade para isso, que já não parecem bem; homens e mulheres podem interpretar o **aparecimento de doenças**, muitas delas crónicas, enquanto condicionadoras da actividade sexual. Pensa-se: “para quê procurar o prazer sexual quando se está com uma doença?”. Talvez no caso das doenças cardíacas se faça sentir esta ideia com mais acuidade, ou seja, de que existe uma grande probabilidade de as relações sexuais desencadearem um enfarte do miocárdio ou mesmo morte súbita.

Importa, neste ponto, salientar que em caso de doença a(o)s mais velha(o)s podem não explorar uma série de expressões sexuais alternativas, como a variação de posições, devido à inibição social que qualifica a enfermidade de impeditiva da actividade sexual da(o)s mais velha(o)s. Portanto, verifica-se uma profunda interacção entre os factores sociais e físicos, em que os primeiros podem limitar os segundos. Face ao clima social de negligência e desprezo pela sexualidade na velhice, a(o)s mais idosa(o)s podem não procurar soluções junto dos profissionais de saúde para contornar as limitações físicas e assim manter uma sexualidade activa. Por outro lado, se os próprios profissionais de saúde não se encontram sensibilizados para a possibilidade da(o)s suas/seus pacientes manterem uma vida sexual activa na velhice e, neste sentido, não fomentarem uma comunicação aberta e despudorada o mito da assexualidade mantém-se e perdura.

O que merece, no entanto, ser enfatizado é o sentimento de angústia, frustração e culpa que pode advir sempre que as pessoas mais velhas manifestem vontade em ter uma sexualidade activa. Como qualquer pessoa mais jovem podem querer partilhar a sua vida e as suas experiências em relações afectivas que contemplem e incluam a intimidade sexual. Porém, para as pessoas que vivem com familiares ou em instituições a falta de privacidade e o medo da reprovação familiar e social são muito fortes. A falta de privacidade decorre ela própria da não inclusão nos ritmos destes espaços da possibilidade da(o)s mais velha(o) terem uma vida sexual. A institucionalização tende a menosprezar o estabelecimento de relações amorosas por parte da geração mais velha, sobretudo com pessoas do mesmo sexo, a proibir o estabelecimento de expressões sexuais alternativas como a masturbação e, face a tudo isto, a acentuar o isolamento social.

O comportamento sexual da geração mais velha é um campo politizado. A legislação, as questões relacionadas com os benefícios fiscais, os impostos e as heranças podem desencorajar os relacionamentos de pessoas mais velhas quer seja num casal heterossexual ou homossexual – este ainda menos provável -, quer estejam ou não casadas.

Contrariando o Mito

Os famosos e revolucionários relatórios Kinsey (anos 40) e Masters and Johnson (anos 60) sobre a sexualidade humana, se foram fundamentais na consciencialização e no incremento do debate público em relação às questões sobre sexualidade, fundamentalmente para as práticas sexuais não conducentes à procriação, pouca atenção conferiram à sexualidade das pessoas com mais de 60 anos.

Nas últimas décadas, no entanto, sucedem-se os estudos⁸, sobretudo conduzidos nos EUA, que atestam que o panorama da sexualidade na velhice apresenta um cenário muito mais rico e diversificado que os anteriores estereótipos. A sexualidade e o desejo sexual necessitam ser desvinculados do que tradicionalmente se definiu como a sua expressão máxima: o coito. Este reducionismo, para além de fazer a apologia da

⁸ Brecher, Edward (1984) *Sex after sixty: a report ; Love, sex and aging: a Consumers Union Report*, Little, Brown; Palmore, Erdman (1982) *Social Patterns in Normal Ageing: Findings from the Duke Longitudinal Study*, Durham, N.C: Duke University Press.

heterossexualidade, pode impedir a total compreensão da sexualidade na terceira-idade. Com o envelhecimento é natural que a actividade sexual se modifique em função das transformações que o corpo vai sofrendo, nomeadamente uma diminuição da resistência física. As pessoas podem incorrer em actividades sexuais mais lentas e com um forte predomínio do toque e da carícia por contraposição à “urgência” que tende a caracterizar a actividade sexual da juventude. Portanto, é necessário assumir que na terceira-idade o beijo, o toque, a carícia, o andar de mão dada, o facto da pessoa arranjar-se, olhar-se ao espelho, gostar de si sejam manifestação de uma libido e sexualidade activas. Se se deixar de considerar a sexualidade e a actividade sexual como decorrente e residindo unicamente na relação coital o campo da sexualidade alarga-se e enriquece-se abarcando uma multiplicidade de formas de expressão onde o carinho e a ternura detêm uma forte presença.

Embora a resposta sexual possa ser mais “vagarosa” devido ao envelhecimento ela não termina necessariamente com a idade. Não se deve prematuramente excluir a possibilidade de a(o)s mais velha(o)s poderem gozar de uma vida sexual activa em idades mais avançadas, que poderá eventualmente ser até mais gratificante que em tempos passados. Os relacionamentos afectivos incluem, mas transcendem as expressões físicas do amor através da relação estritamente sexual.

As investigações sobre sexualidade humana empreendidas em anos mais recentes consideram que o desejo e a capacidade sexual continuam ao longo da vida. Neste sentido, a sexualidade na velhice não pode ser desligada do seu próprio historial; quem foi sexualmente activo em idade jovem e meia-idade terá grandes possibilidades de continuar activo(a) na velhice. Estas investigações apontam também para uma forte correspondência entre as transformações físicas, biológicas e hormonais dos corpos da mulher e do homem quando estes possuem idades semelhantes; as mudanças registadas aquando da meia-idade tendem a influenciar a sua libido e a sua capacidade sexual de um modo similar.

Simone de Beauvoir refere a possibilidade de na terceira-idade se verificar uma mudança de papéis entre mulher e homem, ou seja, a mulher passa nesta fase da vida a deter uma posição dominante no casal (Beauvoir, 1972: 294). Por seu turno, Pauline Robinson refere que, com a idade os papéis de género, anteriormente bem delimitados, atenuam-se falando-se mesmo de um “período andrógino”. As mulheres, que tenderam a assumir papéis submissos e passivos, nomeadamente no comportamento sexual, tornam-se mais assertivas e podem elas mesmas tomar a iniciativa da relação sexual.

Por seu turno, os homens, mais libertos do constrangimento de uma rápida libertação orgástica, estão mais predispostos a, ou necessitam, incorrer em períodos mais longos de carícias de modo a conseguir a erecção; esta situação tende a ser benéfica para a mulher. Os homens mais velhos tornam-se parecidos com as mulheres no seu comportamento sexual na medida em que o ambiente romântico e a fantasia adquirem uma maior importância na relação sexual e há uma menor preocupação com o orgasmo. No homem mais velho, à medida que os factores físicos que motivam a sexualidade declinam, os estímulos psicológicos assumem uma maior preponderância face à resposta sexual final [tradução livre]⁹ (Robinson, 1983: 96).

O envelhecimento pode então trazer melhorias no relacionamento sexual ao nível de interesse e actividade. A actividade laboral pode funcionar como um elemento perturbador ao investimento sexual devido ao desgaste físico e emocional decorrente das preocupações e responsabilidades subjacente a essa mesma actividade; a situação de reforma pode trazer tempo e paz de espírito para explorar a sexualidade. Se o tempo pode ter um efeito nefasto nos relacionamentos devido à instalação de rotinas e monotonia, o tempo também pode propiciar um maior conhecimento do corpo e do corpo do outro.

Pauline Robinson entende que no futuro é possível que, graças à mudança social que se tem registado nas atitudes sexuais e no comportamento, haja uma maior libertação sexual e, neste sentido, à sexualidade da geração mais velha seja conferido um valor positivo, que se encontre uma definição mais lata do que é um(a) companheiro(a) sexual aceitável, que os papéis sexuais e de género apresentem uma maior fluidez e que seja socialmente reconhecida a possibilidade de explorar formas alternativas de expressão sexual. A conciliação das tendências demográficas anteriormente referidas com a possibilidade da geração mais velha permanecer, se o desejar, sexualmente activa passa por encontrar e legitimar formas alternativas de expressão sexual que não a relação heterossexual e monogâmica dentro de um casamento (Robinson, 1983: 96-97).

⁹ “... older males become more like women in their sexual behavior in that fantasy and ambience become more important in lovemaking, and there is relatively less preoccupation with orgasm. In older men, as the physical factors that motivate sexuality decline, psychic determinants become heavier contributors to the final sexual response” (Robinson, 1983: 96).

Capítulo IV

O Complexo Domínio da Sexualidade

A sexualidade assume-se como um domínio profundamente complexo para quem a quer perceber e ir mais além das perspectivas reducionistas e patriarcais que têm firmado a sua construção e entendimento.

A sexualidade não é uma suposta actividade fisiológica e universal do corpo; a sexualidade tem uma história, e as suas definições e significados sofrem mutações com o passar do tempo e no interior das populações (Vance, 1991: 880). A biologia e a história estão assim inextricavelmente associadas e assim a sexualidade é determinada pelos códigos morais, valores, crenças e políticas característicos de uma determinada cultura.

“... A sexualidade é algo que cada um de nós «tem», e já não uma condição natural, é um traço do self, moldável, um ponto de junção entre corpo, auto-identidade e normas sociais...” (Giddens in Almeida, 1995: 153).

A sexualidade tem subjacente a si relações de poder. Para Foucault a sexualidade é um dispositivo histórico e a sua história deve fazer-se primordialmente do ponto de vista de uma história dos discursos (Foucault, 1994: 108). O que hoje concebemos como o domínio e a ciência da sexualidade nasceu no século XIX; foi efectivamente neste século que se teceu toda uma linguagem do sexo, conceitos, funções biológicas, comportamentos, sensações e prazeres que ainda hoje são utilizados. No início, a sexualidade definiu-se como sendo, por natureza, um domínio sensível a processos patológicos exigindo intervenções de terapêuticas ou de normalização.

O significado e o simbolismo subjacentes ao acto sexual necessitam sempre ser entendidos dentro de um contexto cultural, mas igualmente subcultural. O discurso sobre a sexualidade é poderosamente influenciado pelo estado, pela religião e por grupos profissionais; a profunda influência destes sectores dominantes da sociedade não significa, porém, que a sua visão se assuma como hegemónica ou que não possa mesmo ser desafiada por outros grupos marginais; estes podem não apenas se limitar a responder reactivamente a essa visão, e assim a pensar segundo os mesmos “códigos”, mas podem mesmo criar as suas próprias subculturas e universos de significado (Vance, 1991: 881).

A sexualidade feminina, no campo mais vasto da sexualidade, apresenta-se como ainda mais complexa para a investigação e análise. De facto, ao longo do tempo, a sexualidade da mulher tem sido definida e investigada em termos de patologia ou de mistério.

Contrariamente ao corpo do homem, considerado como o corpo primeiro, o corpo por excelência, o corpo da mulher, assim como as suas funções e secreções (sangue menstrual), para além de ter sido durante muito tempo definido por referência ao masculino, sendo deste modo considerado como o segundo sexo ou o sexo por defeito, tem sido tratado de um modo paradoxal, ora exaltado e enobrecido, ora execrado. Curiosamente, a razão que subjaz ao seu encómio é igualmente aquela que conduz à sua arrenegação: a função reprodutiva. A fecundidade, a capacidade de gerar filhos, apresentava-se como a principal função, a razão única da existência da mulher. Porém, embora a capacidade reprodutiva esteja dependente da actividade sexual, sendo difícil concebê-las independentemente, havia como que uma abstinência da sexualidade, entendida e conotada com o prazer. A relação sexual, no casamento, deteve até ao século XX uma função utilitária. A função reprodutora estava idealmente separada da dimensão sexual, da dimensão do prazer; como se este estivesse interdito às mulheres, futuras mães.

A ideia de que o corpo feminino deriva do masculino (o corpo perfeito), assumindo-se então como um corpo “de segunda”, um corpo inferior, está profundamente arreigada na história da humanidade remontando mesmo à Grécia Antiga. O pensamento anatómico grego foi dominado pelo modelo unissexual. Os corpos masculinos e femininos eram considerados como estruturalmente similares. De acordo com este modelo, a mulher era um homem invertido; portanto, o corpo feminino seria o avesso do masculino: “... o útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva era o prepúcio e a vagina era o pénis” (Thomas Laqueur in Angier, 1999: 59). Aristóteles acreditava que as mulheres eram versões defectivas do protótipo masculino, descrevendo-as então como homens mutilados e moralmente mais fracos (Seale e Pattison in Barrett, 2000: 198). O termo sexo por defeito, utilizado para designar o corpo feminino, alude então a um corpo passivo. “Although the genders were structurally similar, they were not equal” (Martin, 1988: 237).

A sexualidade feminina foi historicamente construída em função de duas imagens que se enraizaram profundamente na consciência social: a da virgem e a da

prostituta. O Cristianismo concebe a mulher, a Eva¹⁰ (mulher primeira), como um ser movido pela tentação e pelo desejo (sexual); à mulher se atribui o pecado original. As doutrinas da Igreja, relativamente aos pecados inerentes à sexualidade, concentraram-se sobretudo na sexualidade feminina; a mulher sexual era considerada como uma fonte de perigo (Barrett, 2000: 198).

A tradição cristã resume, com o elogio à figura de Maria e com o seu culto (culto da Virgem), os termos da sexualidade feminina: sexualidade com fins reprodutivos. Somente ao homem estava reservada a sexualidade visando a fruição pessoal. Porém, necessária se tornava a existência de mulheres que satisfizessem esse impulso “natural” masculino. Da dupla moral que reveste os dois sexos erguem-se então as imagens que têm servido de julgamento à mulher ao longo da história: a figura da mãe e da virgem contrasta com a figura da prostituta e da sedutora.

A Igreja entende a doutrina do nascimento da Virgem como enobrecedora para as mulheres que, em virtude da maternidade são, assim, socialmente valorizadas. Porém, concebe a sexualidade natural das mulheres como repreensível, carecendo assim de controlo. Segundo Elizabeth Stanton, uma das primeiras feministas, “a doutrina do nascimento da Virgem como algo mais elevado (...) mais nobre que a maternidade vulgar, é uma mancha sobre toda a maternidade natural do mundo [...] Dessa doutrina, e das que se lhe assemelham surgiram todos os mosteiros e freiras do mundo, que desgraçaram, distorceram e desmoralizaram a masculinidade e a feminilidade há mil anos” (Stanton in Northrup, 1994: 228).

As mulheres foram tradicionalmente entendidas como seres assexuados em termos sociais, biológicos e psicológicos. O homem era naturalmente entendido como o ser sexual; e a mulher existia para fazer florescer esse impulso masculino e para reproduzir no quadro de uma relação heterossexual.

Turner salienta que nas sociedades tradicionais a dominação feminina resulta do modo de distribuição de propriedade, regulado mediante uma estrutura patriarcal que controla o corpo e a sexualidade feminina e, deste modo, o nascimento das crianças (herdeiros legítimos) garantindo a estabilidade e a reprodução da propriedade (Turner,

¹⁰ Todavia, existe um mito de que foi Lilith, e não Eva, a primeira mulher de Adão. Lilith não é mencionada no Velho Testamento, embora figure no *Alfabeto de Ben Sira* (século XVI). Lilith, tal como Adão, foi criada a partir da terra. Nesses relatos, a cizânia entre Adão e Lilith aveio quando aquele anunciou que preferia a posição de missionário, não tanto pela sensação, mas sobretudo pela mensagem política que simbolizava. Lilith recusou-se a aceitar a condição de subordinada e partiu a voar, pensa-se que por vontade própria, do jardim do Éden. Lilith foi assim a primeira mulher a rebelar-se contra o poder masculino. Após a rebelião de Lilith, Deus criou uma segunda mulher, Eva, a partir da costela de Adão, tentando desde logo evitar ímpetos de sublevação feminina.

1996: 14; Frank in Featherstone, 1991: 41). A exclusão, a diversos níveis, a que a mulher desde sempre esteve exposta, resulta assim menos da sua associação com a natureza, do que com as determinações políticas e económicas (Turner, 1996: 134). O corpo feminino, mediante a sua função reprodutora, desafia a continuidade da propriedade e do poder masculino e, em última instância, a continuidade da sociedade (Turner, 1996: 65). Para Hobbes, a perenidade da sociedade pressupõe a perpetuidade e a repetição das relações entre corpos, propriedade e poder (Turner, 1996: 106).

Nas sociedades ocidentais o domínio da sexualidade esteve, durante séculos, sujeito aos desígnios da Igreja e da religião e os comportamentos eram julgados de acordo com o eixo da pureza e do pecado e a sexualidade feminina estava ligada à reprodução; mas a partir do século XVIII assistiu-se, em força, a um incitamento político, económico e técnico a que se fale de sexo, assistindo-se assim à proliferação de discursos de racionalidade (“discursificação”)¹¹ sobre o sexo “no campo do exercício do próprio poder” e com o intuito de terem repercussões na economia. O domínio da sexualidade foi assim conceptualizado e discutido em termos científicos.

O sexo tornou-se um “valor em jogo”, o segredo, essencial à sobrevivência da sociedade. O comportamento sexual da população começou a ser algo que era necessário gerir e controlar. “O que é próprio das sociedades modernas não é o terem votado o sexo a permanecer na sombra, é o terem-se dedicado a falar sempre dele, salientando-o como o segredo (Foucault, 1994: 39). Foucault põe em causa a premissa de que os séculos XVIII e XIX teriam sido épocas de grande repressão sexual. Foucault entende que esta época é caracterizada por momentos de incitamento e de repressão não existindo nela uma homogeneidade intrínseca. Existem vários discursos e vários pólos formadores desses discursos, dotados de intentos específicos, que ora reprimem, ora propiciam a sexualidade; e que mesmo na repressão há sempre subjacente o incitamento e a tolerância num jogo entre poder e prazer, onde o poder encontra prazer no prazer que procura reprimir.

À burguesia se deve o entendimento do sexo como garante da sobrevivência da sociedade. Subjacente a este intento não estava uma renúncia ao prazer, mas um objectivo de melhorar a descendência humana. De facto, a partir do século XVIII, a burguesia esforçou-se por, através do controlo da sexualidade, obter um corpo

¹¹ Foucault situa o início dessa “discursificação” no século XVI.

específico, distintivo, incólume, dotado de saúde e higiene; e que lhe garantisse longevidade e descendência e asseverasse a sua particularidade presente e futura (Smart, 1985: 100-101); a burguesia procurava assim demarcar-se das outras classes tal como o fez no passado a nobreza. Assim, a especificidade do corpo da burguesia residia no sexo, na sexualidade saudável, tal como no passado a especificidade do corpo da nobreza se baseava no sangue (Foucault, 1994: 127). A auto-afirmação da burguesia foi movida por interesses económicos e políticos. As camadas populares escaparam por muito tempo ao dispositivo da sexualidade.

A partir do século XVIII os discursos sobre sexo foram proferidos pela medicina, pela psicologia, psiquiatria, biologia, etc.; a partir do século XIX desenvolveu-se uma *scientia sexualis* destinada a revelar a verdade do sexo mediante a prática da confissão aliada à escuta clínica, produzindo-se um discurso científico. Mediante esses discursos definiu-se a norma ideal do desenvolvimento sexual e descreveu-se (e interrogou-se) com minúcia todos os possíveis desvios; assistiu-se a uma “dispersão das sexualidades”, a uma implantação das sexualidades periféricas. A sexualidade normal estava consagrada à célula familiar, ao casal monogâmico e heterossexual.

Nesta altura assiste-se à diminuição da intervenção da Igreja na sexualidade conjugal; “mas a medicina, essa entrou em força nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, que nasceria das práticas sexuais ‘incompletas’” (Foucault, 1994: 45). Assim, o domínio do sexo começa a ser caracterizado não pela falta ou pecado, não pelo excesso ou transgressão, mas pelo normal ou patológico (Foucault, 1994: 71). A instituição médica fez do sexo o seu campo preferido de análise, dotando-se de uma medicina do sexo, proferindo exigências de normalidade. O sexo tornou-se um problema da vida e da doença. E aparecem as figuras da “mulher nervosa”, a “esposa frígida”¹², a “mãe indiferente ou assaltada por obsessões assassinas”, “marido impotente ou sádico”, a “jovem histérica”, o jovem “homossexual” (Foucault, 1994: 113).

¹² De acordo com Nicolson o conceito de frigidez nasceu no limiar o século XX no discurso da sexologia. Primeiramente, entendeu-se que a frigidez da mulher seria consequência da incapacidade do homem em estimulá-la. Mas como esta ideia desafiava o sistema patriarcal e a ideia do homem enquanto ser sexual a medicina e a sexologia trataram de diagnosticar a frigidez (mais tarde disfunção sexual) como um problema inerentemente feminino. A mulher era a culpada e detinha responsabilidade na incapacidade do homem até porque à mulher cabia arranjar-se e tornar-se atractiva ao homem. Devido aos preconceitos morais a mulher também não podia tomar a iniciativa sexual de obtenção de prazer (Nicolson, 1994: 19-20).

O campo primeiro e preferencial dos especialistas médicos foi o do corpo feminino, falando-se de uma medicalização da sexualidade feminina. A mulher deveria assumir como uma figura de valor. À mulher foram concedidas novas obrigações conjugais e parentais; ela era responsável pela saúde dos seus filhos, pela solidez da instituição familiar e pela manutenção da sociedade. A medicalização minuciosa do seu corpo e do seu sexo fez-se em nome da responsabilidade que elas teriam perante a salvação da sociedade (Foucault, 1994: 148).

No século XIX, com o desenvolvimento das sociedades capitalistas, operou-se uma rígida separação entre o mundo do trabalho (esfera pública) e o mundo da família (esfera privada). Os dois sexos, masculino e feminino respectivamente, passaram a caracterizar cada um destes mundos (Martin, 1987: 16). Não obstante, a lógica de dois mundos remete fundamentalmente para a vivência de uma classe média burguesa; o ideal de clausura doméstica não era uma realidade para as mulheres da classe trabalhadora. A sexualidade feminina da mulher burguesa, no seio do casamento, era apenas justificada como parte necessária da reprodução (Weeks in Barrett, 2000: 199). A própria feminilidade era delineada em função de uma abstinência – quer do trabalho, quer sexual - e de uma produção de crianças (Martin, 1987: 16). “A respectable bourgeois woman was therefore characterized as one who was chaste, virtuous and aided male sexual self-control. However, fears that women could fall were never far away” (Nead in Barrett, 2000: 199). De acordo com Weeks, a negação da sexualidade feminina é frequentemente considerada como a mais emblemática manifestação do puritanismo vitoriano (Weeks in Barrett, 2000: 198).

O sexo da mulher foi considerado de um modo ambíguo. Assumiu-se que o sexo feminino era um “sexo de segunda”, na medida em que o “sexo por excelência” pertencia ao homem e assumiu-se que o sexo da mulher estava totalmente submetido às exigências de reprodução, constituindo por si só o corpo feminino. No entanto esse corpo estava saturado de sexualidade e desta ideia nasce então todas as patologias que nessa altura se dotou a mulher. A medicalização do corpo e do sexo da mulher não mais deixou de se fazer sentir e reinventar.

No século XIX, a contracepção tornou-se assunto de debate público. Condenada pela Igreja e pela maioria dos membros da profissão médica, a contracepção era considerada uma ameaça à moralidade da mulher. Os seus oponentes acreditavam que a falência da tradicional ligação entre sexo e gravidez encorajaria uma demasiada

liberdade sexual na mulher e, por conseguinte, um comportamento sexual libertino (Barrett, 2000: 199).

Homens e mulheres foram tradicionalmente assumidos como diferentes na sua constituição sexual (Stacey in Barrett, 2000: 198). A psicologia evolucionista (ou neodarwinismo) assume que o impulso sexual das mulheres é mais fraco do que o dos homens e que a mulher tem um instinto monógamo mais forte. Porém, quando a mulher demonstrou o contrário, ou seja, quando desobedeceu à sua inclinação “natural” de uma libido contida, a sociedade patriarcal encarregou-se de a punir¹³.

A dominação da mulher tem resultado ao longo do tempo da sua associação à natureza e assim à terra, à noite e naturalmente à lua que segue de perto a ciclicidade feminina. Os ciclos da natureza são os ciclos da mulher. Interioridade e escuridão subjazem ainda à essência de ser mulher, decorrendo esta associação da configuração predominantemente oculta dos seus órgãos genitais externos. O corpo feminino é, então, envolto e conceptualizado em mistério.

Segundo Paula Nicolson os corpos femininos são definidos em função dos discursos patriarcais da sexologia, da biologia, da psicologia e da ciência médica (Nicolson, 1994: 23). A força da ciência patriarcal ainda é poderosa fazendo com que as mulheres não tenham controlo sobre o seu corpo, a sua sexualidade, as suas emoções e auto-estima.

A sexualidade feminina ainda é julgada em função de um duplo padrão de moralidade com consequências nefastas para a própria vida da mulher. Por um lado, a mulher, em função da natureza oculta da sua biologia sexual, é entendida como um ser passivo, como o receptáculo do desejo masculino; alguém que deve esperar e não tomar a iniciativa. A sexualidade feminina é resposta à sexualidade do homem. Por outro lado, a mulher tem poder sexual porque activa no homem o impulso sexual; este impulso é involuntário, o homem reage a um estímulo natural para o qual não é responsável, pois está na sua natureza fazê-lo. O prazer da mulher é entendido como decorrente da sua

¹³ Neste sentido, saliente-se a lógica subjacente ao termo ninfomania. Este termo deve a sua origem às ninfas, às raparigas gregas da fonte, cujas libidos eram consideradas demasiado fortes. O termo ninfómana é empregue para designar a mulher dotada de um impulso sexual excessivo. Supostamente as mulheres têm um impulso sexual mais fraco do que o homem, mas não suficientemente fraco. Com muito menos frequência o equivalente masculino à ninfomania, a satiríase, é aplicado. “Será porventura por nas mulheres o desejo excessivo ser considerado uma doença digna de um título, enquanto nos homens o mesmo impulso é considerado obrigatório?” (Ethel Sloane in Angier, 1999: 63). Porém, se o impulso sexual feminino é fraco, como justificar o esforço concertado, característico das sociedades patriarcais, de controlo e contenção da sexualidade feminina, fundamentando rituais e práticas como a infibulação ou o *pardah*?

rendição, passividade e reconhecimento de que é um objecto sexual. Esta é uma perigosa ideia na medida em que constitui quase como uma justificação para o assédio sexual.

O valor da mulher na sociedade advém ainda da sua capacidade de atracção; a mulher, embora posicionada enquanto objecto do desejo masculino, detém a responsabilidade atrair e responder ao interesse masculino. A mulher tem de permanecer atractiva e comportar-se de um modo que não intimide o homem; ainda impera o estigma da mulher com sucesso profissional, mas sozinha e frustrada. Mas tudo isto desemboca num paradoxo. Se os homens são dotados de um impulso natural, perseguindo e desejando sexo, sem a obrigação da monogamia do compromisso, cabe à mulher zelar pela sua reputação. E aqui denota-se a eficácia do duplo padrão de moralidade e da dicotomia mãe/prostituta que ainda vigora.

O movimento feminista e a emancipação da mulher na sociedade suscitaram uma mais aberta atitude face à sexualidade e à percepção da sexualidade e do prazer sexual como dimensões fundamentais e naturais da vida humana. Porém, Paula Nicolson entende que a sexualidade feminina e as formas de obtenção de prazer ainda estão muito prescritas. A mulher pode e deve ser um ser sexual, mas no quadro de relações monogâmicas, heterossexuais, visando o coito vaginal e obtendo prazer através do orgasmo vaginal (Nicolson, 1994: 14-20). Esta autora entende que o coito vaginal torna-se uma representação física e simbólica da dominação masculina e da submissão feminina. Geralmente é o homem que determina durante quanto tempo vai estimular a mulher e quanto tempo vai demorar o acto sexual; o prazer da mulher acaba por ser secundário ao orgasmo do homem (Hite in Nicolson, 1994: 20).

Nas primeiras décadas do século XX já Freud havia estipulado que era o orgasmo vaginal que dotava a mulher de saúde psicológica e a investia de feminilidade; contrariamente o orgasmo clitoriano estava associado a uma aberração psicológica, a uma hostilidade ao homem, a uma “inveja do pénis” (“penis envy”). Ao acentuar-se a primazia do orgasmo vaginal reitera-se a associação entre sexualidade e reprodução. De acordo com Gerson Lopes “o orgasmo é um só: o clitoriano. Esse órgão funciona como um gatilho, que depois difunde o orgasmo para a plataforma orgástica, da qual a vagina faz parte, resultando nas contracções vaginais” (Lopes, 1994: 71). O sexo é ainda tipicamente entendido enquanto coito vaginal; mas se partirmos do pressuposto que o sexo é um modo de expressão de amor e intimidade, talvez o próprio sexo necessite de ser redefinido.

O entendimento histórico da sexualidade feminina como perigosa e demoníaca torna-se ainda mais estrénuo e cruel se se acrescer a esta construção teórica a orientação sexual. A condenação moral do lesbianismo tem raízes históricas muito profundas. Durante séculos, o comportamento homossexual foi entendido como uma violação da natureza divina, um perigoso desvio de energia da verdadeira missão da existência humana: a procriação. A pena de morte chegou mesmo a ser institucionalizada, primeiro para os homens e depois para as mulheres. No século XIII, os códigos legais proscreveram o lesbianismo como um pecado contra a natureza, e muitas mulheres foram mutiladas e queimadas no pelourinho (Stevens, 1991: 293). O comportamento sexual não conducente à procriação tornou-se associado a heresia, crime, traição e bruxaria. No final do século XIX, novas definições médico-científicas foram impostas sobre vários comportamentos (e funções) humanos redefinindo-os como patologias. Assim, a medicina procedeu à construção do lesbianismo como doença (Stevens, 1991: 294). A religião e o estado, enquanto instituições de controlo social, renunciaram a algumas das suas prerrogativas colocando-as na esfera da medicina. A resposta terapêutica foi idealizada e conceptualizada como um modo mais eficaz no combate ao comportamento sexual aberrante e na restauração da normalidade (heterossexualidade). Porém, paralelamente à censura médica, que postulava a homossexualidade como doença, continuaram as sanções morais, religiosas e legais. Imoralidade, loucura e doença enquadraram os eixos da condenação pública do lesbianismo. Patricia Stevens e Joanne Hall entendem que a associação do lesbianismo com a perversidade, a maldade e a bruxaria persiste ainda hoje (Stevens, 1991: 293).

Capítulo V

Sexualidade Feminina na Terceira-Idade

"Beleza é uma construção cultural muito poderosa que tanto pode ser opressiva como libertadora. De qualquer forma é impossível escapar aos seus ideais e limites que nos afectam constantemente na nossa vida quotidiana."

(Lauren Greenfield in <http://www.campanhaporbelezareal.com.pt/>)

O corpo é como que uma biografia viva, testemunho das múltiplas experiências vivenciadas, onde se inscreve a marca do tempo. O corpo não permanece ao longo do tempo inalterável. Nas sociedades ocidentais um conjunto de transformações são mais ou menos esperadas devido à acção da idade; o aparecimento de rugas, a flacidez, a calvície, a profusão de cabelos brancos assumem-se como as transformações exteriores mais prováveis. Neste sentido duas ideias merecem ser sublinhadas: em primeiro lugar, essas prováveis transformações na aparência exterior podem ser antecipadas ou proteladas pelo património genético; em segundo lugar, essas transformações podem ser anuladas ou “reparadas” em virtude de intervenções cirúrgicas e uso de cosméticos. Estas opções têm-se tornado, em anos mais recentes, uma realidade não somente para as mulheres, mas igualmente para os homens. O envelhecimento pode ainda acarretar uma maior debilidade em termos de saúde.

Neste trabalho assume-se que a experiência do envelhecimento é diferentemente vivida em função da variável género. Nascer, ser e assumir-se enquanto mulher ou homem é digamos assim a variável base, a partir da qual um vasto campo de possibilidades e interdições é socialmente prescrito. Outras variáveis, como a educação, ou a classe social, que também interferem com a experiência do envelhecimento são desde logo amplamente influenciadas pela variável género. Ou seja, embora seja impossível definir um padrão de envelhecimento amplamente vivenciado por um grande número de pessoas a variável género influencia e molda a natureza e a qualidade da experiência do envelhecimento e da vida. Neste sentido, homens e mulheres interpretam e vivem o envelhecimento de um modo distinto. Homens e mulheres debatem-se, comparam-se, constroem e reconstroem a sua identidade em função das normas e valores sociais vigentes podendo ou não reflecti-los; no entanto, a presença do socialmente legitimado e proibido funciona sempre como uma matriz de comparação.

Ao assumir o envelhecimento como uma experiência diferentemente interpretada em função do género, sou levada a considerar que a sexualidade é

igualmente atravessada pela mesma variável e, neste sentido, que a sexualidade na velhice é uma experiência que carrega também ela o efeito da variável género.

As experiências corporais e sexuais são tecidas num múltiplo jogo de influências recíprocas entre o físico, o social e o psicológico. Neste trabalho interessa sobretudo perceber a influência do social, como este é assimilado e como condiciona (ou não) as acções e os comportamentos sexuais na mulher mais velha (com idade igual ou superior a 65 anos). Se as construções sociais se constituem como matriz comparativa importa perceber que imagem veicula a sociedade da mulher velha em termos estéticos e sexuais.

A sexualidade da mulher na terceira-idade deve ser enquadrada no seio de uma tendência social mais vasta que desvaloriza e nega o prazer sexual da população idosa. Os homens e as mulheres enfrentam na terceira-idade um conjunto de circunstâncias que podem afectar o seu comportamento sexual. No entanto, assume-se neste trabalho que a sexualidade da mulher mais velha é muito mais estrangida socialmente que a dos homens de idade equivalente; esta consideração não deve surpreender dado que a sexualidade feminina foi, como ficou demonstrado no capítulo anterior, desde sempre objecto de controlo e sanção por parte das sociedades. Por conseguinte a sexualidade da mulher na terceira-idade é condicionada por um conjunto de factores intrinsecamente ligados aos papéis disponibilizados pela sociedade ao longo da sua vida.

À medida que o tempo exerce a sua influência sobre os corpos verifica-se que os corpos do homem e da mulher são alvo de um diferente entendimento por parte da sociedade e da cultura ocidental. O tempo tem um efeito mais nefasto no corpo feminino. O cabelo branco é um exemplo paradigmático na medida em que no homem é considerado como um elemento de charme e na mulher é considerado como um indício de desmazelo. As rugas são também diferentemente interpretadas caso se verifiquem numa mulher ou num homem. Neste sentido Susan Sontag refere que nos homens as rugas ou até mesmo uma cicatriz são sinais de carácter, de força emocional e maturidade; mas, as mulheres, mesmo na sua adolescência, são aconselhadas a proteger o rosto contra qualquer tipo de erosão (lágrimas, riso, franzir o sobrolho, etc.); rugas de expressão, cicatrizes, até mesmo um sinal de nascença são, no rosto da mulher, sempre considerados como imperfeições (Sontag, 1972: 35) [tradução livre]¹⁴.

¹⁴ “even in early adolescence, girls are cautioned to protect their faces against wear and tear (...) lines of aging, any scar, even a small birthmark on a woman’s face, are always regarded as unfortunate blemishes” (Sontag, 1972: 35).

Subjacente a esta hierarquização dos corpos reside ainda a associação, profundamente cristalizada, da menopausa a um declínio físico e sexual da mulher. Enquanto o corpo envelhecido em ambos os sexos foi entendido como sendo um corpo em declínio, a menopausa foi usualmente considerada como a causa de um precoce declínio na mulher. A literatura é pródiga em associar a menopausa ao início do processo de envelhecimento e a uma perda de atracção física e sexual.

Nas culturas ocidentais a construção da imagem da mulher na menopausa consubstanciou-se em duas figuras: a matrona, a mulher de peso, “mãe de família” que ocupa o seu tempo nas lides domésticas, cozinhando e costurando; e a mulher encarquilhada, com rugas, “mal-amada”, depressiva, que ocupa o tempo a meter-se na vida dos outros. Em ambos os estereótipos a sexualidade está ausente: a matrona preencheu o seu papel sexual enquanto mãe e já não está interessada em ser sexualmente activa, nem tão pouco é, para os outros, desejável do ponto de vista físico; a mulher enrugada sempre foi sexualmente frustrada e infeliz (Gannon, 1994: 101).

A sexualidade das mulheres mais velhas pode ser considerada como particularmente repulsiva devido à histórica ligação entre actividade sexual e reprodução. Assim sendo, quando a mulher deixa de ser fértil torna-se assexuada. Dado o término da capacidade reprodutiva da mulher na meia-idade Hepworth salienta a tendência cultural que assume que as mulheres envelhecem mais cedo que os homens (Hepworth, 1998: 284).

A capacidade sexual, ou a fruição de prazer aquando do acto sexual, não está dependente da função reprodutora da mulher que, de facto, finda com a menopausa. A capacidade de prazer sexual e a capacidade de reprodução são duas funções distintas, o fim de uma não determina o término da outra, embora a estreita ligação que culturalmente se faz entre as duas possa conduzir a que muitas pessoas, incluindo as próprias mulheres, adquiram a crença de que o seu desejo sexual deve diminuir por alturas da menopausa.

Em termos estritamente biológicos a sexualidade feminina é menos afectada pela idade que a dos homens. Segundo o relatório Kinsey, durante a sua vida, as mulheres são sexualmente mais estáveis que os homens; quando têm 60 anos as suas potencialidades para o desejo e para o prazer são as mesmas do que quando tinham 30 anos. De acordo com Masters and Johnson a força da reacção sexual diminui com a idade; mas a mulher pode ainda atingir o orgasmo se for regularmente estimulada. Por conseguinte, são as mulheres que não têm uma actividade sexual frequente as mais

susceptíveis de sentir desconforto e dor durante o coito, quer durante o acto, quer depois, podendo mesmo sofrer de dispareunia (dificuldade sentida nas relações sexuais; cópula dolorosa para a mulher) e disuria (dificuldade em urinar).

A ideia de que a libido da mulher se dissolve com o passar do tempo e após a meia-idade não tem sentido. A sexualidade da mulher na terceira-idade é acima de tudo limitada por constrangimentos sociais e morais e pela redução da auto-estima. Esta ideia vai ao encontro do entendimento da médica ginecologista que entrevistei:

“O reflexo das alterações sexuais são muito pesadas na mulher porque há uma grande, para já há uma grande baixa da libido, **muitas vezes tem a ver com a auto-estima.**

Não, essencialmente porque a libido tá muito, pensa-se que está mais associada à testosterona... eu não concordo. Porque assim a mulher teria muito mais libido uma vez que a produção de estrogénios se reduz e deixa de actuar... **Acho que a baixa de libido da pós-menopausa tem muito mais a ver com a auto-estima do que com as transformações endócrinas.** Se é que realmente a libido depende da testosterona.

Ahh... **Todas as alterações sexuais na mulher após a menopausa eu acho que tem essencialmente a ver com a auto-estima. Com a sensação de envelhecimento, com a perda da sua imagem, que altera, que inevitavelmente altera... A baixa de estrogénios dá muito mais alterações em termos de rugas, a pele tende a secar muito e toda essa alteração da imagem interfere com a auto-estima. Como é lógico.**

Claro que isto não é verdade para todas as mulheres. Depende da vivência que a pessoa tem da menopausa.”

Portanto, são desde logo factores psicológicos e sociais, e não tanto físicos, que impedem ou inibem a sexualidade das mulheres mais velhas; é claro que, em virtude da somatização, essas proibições sociais podem manifestar-se em comportamentos físicos.

O Duplo Padrão de Envelhecimento

Öberg e Tornstam entendem que em contraste com os homens, educados para sentirem orgulho no seu corpo, as mulheres são socializadas para não gostarem do seu, tornando-se frequentemente obcecadas com a magreza e a redução de peso (Öberg, 1999: 632).

A acção dos meios de comunicação social contribui, dado que veiculam imagens de mulheres perfeitas, para o nocivo relacionamento das mulheres com os seus corpos; as mulheres relacionam-se com os seus corpos muitas das vezes mediante comparações negativas, decorrendo daí frustrações, sentimentos de inferioridade, redução da auto-estima, anorexia, etc. As mulheres estão mais susceptíveis a serem encorajadas, mais do que os homens, a desenvolver o seu corpo enquanto objecto de percepção para os

outros. Em consequência desta diferente socialização que envolve os dois géneros e dos ideais de beleza veiculados pela cultura de consumo estes autores levantam a questão da aparência ser mais importante para a mulher que para o homem (Öberg, 1999: 632).

Nas sociedades ocidentais modernas a valorização da mulher permanece, ainda, devedora da sua capacidade de atracção sexual. E esta ideia é inculcada e cristalizada nas consciências individuais. Neste sentido, as mulheres mais velhas são julgadas em função de um ideal de beleza que associa quase obsessivamente a capacidade de atracção social à juventude e à magreza. Estes padrões de beleza são irrealistas; a maioria das mulheres engorda ao longo do tempo, mas o padrão que serve de base a um julgamento estético é o “modelo anorético”. A mulher torna-se prisioneira do seu próprio corpo.

Susan Sontag alerta para a dupla marginalização de que são vítimas as mulheres mais velhas em virtude da existência de preconceitos sociais com base no género (sexismo) e na idade (velhismo). Esta autora entende que, dada a identificação entre atracção e juventude e a obsessão para manter uma ilusão de uma atractividade sexual jovem, para a maioria das mulheres o envelhecimento assume-se como um humilhante processo de desqualificação social; e, assim, o envelhecimento é, comparativamente aos homens, mais traumático para as mulheres. Nos homens a sua valorização e reconhecimento sociais não derivam do seu aspecto físico mas preferencialmente do seu poder. Esta ideia do envelhecimento como humilhação, desgosto e vergonha está presente quando vulgarmente se diz “não se deve perguntar a idade a uma mulher”.

No mesmo sentido, Simone de Beauvoir entende que o envelhecimento representa para a mulher uma eventual mutilação devido ao entendimento da mulher como um objecto erótico. Para Simone de Beauvoir a mulher tende no amor a ser mais narcisista que o homem; esse narcisismo é dirigido ao seu corpo como um todo. A mulher tem consciência do seu corpo como algo desejável, e esta consciência é o reflexo ou resulta do olhar e das carícias do seu companheiro. Se se sentir objecto de desejo o envelhecimento do corpo não constitui problema, mas ao mínimo sinal de frieza por parte do companheiro a mulher sente-se inferiorizada na sua imagem e inibida em mostrar o corpo e a nudez (Beauvoir, 1972: 388-389).

Fairhurst também concebe o entendimento comum da decadência corporal, em virtude do envelhecimento, como um estigma sexista, socialmente construído, porque particularmente limitador para a mulher (Fairhurst, 1998: 263). Essa dupla segregação

agudiza-se se a ela se juntarem outras variáveis como a classe social, a etnia e a orientação sexual.

De acordo com Gabriela Salgueiro “quanto mais a mulher depender do seu corpo como factor de confirmação social e valorização pessoal, mais ela se ressentirá com os sinais de envelhecimento do seu corpo. A mulher carecerá de desenvolver a sua auto-confiança a partir dos seus próprios valores e não depender tanto da apreciação dos outros, principalmente dos homens” (Salgueiro, 2003: 42).

A beleza na mulher é ao longo da vida socialmente definida por estereótipos sexistas e irrealistas conducentes a maioria das vezes a comparações negativas entre o corpo real e o corpo ideal. Com o envelhecimento, e a não ser que as mulheres desenvolvam estratégias que atenuem essas transformações, o corpo tende a afastar-se cada vez mais do ideal. Neste sentido, esperar-se-ia que a generalidade das mulheres mais velhas desenvolvessem sentimentos de frustração e vergonha e que a sua auto-estima se reduzisse. No entanto, Öberg e Tornstam entendem que, mesmo que os corpos das mulheres mais velhas não se ajustem às mensagens ou aos ideias preconizados pela cultura de consumo, as mulheres mais velhas podem apresentar maiores níveis de satisfação com o seu corpo comparativamente às mais novas (Öberg, 1999: 639). Subjacente a esta atitude estão considerações acerca da inevitabilidade das mudanças da idade.

Fenómenos Demográficos e Rigidez de Papéis Sexuais

Se a sexualidade feminina é particularmente condicionada e frustrada por imagens que postulam corpos jovens e magros existem outros tantos factores que entram em jogo para tornar menos provável a actividade sexual da mulher mais velha.

Em primeiro lugar, a esperança média de vida das mulheres é sobejamente superior à dos homens. Portanto, perante esta tendência demográfica é fácil antever um cenário em que a viuvez feminina se assume como provável. Este cenário torna-se mais provável se atendermos à tendência para a mulher construir relações afectivas com homens tendencialmente mais velhos ou de idade equivalente e raramente mais novos - uma primeira tendência dos papéis sexuais. O espectro da viuvez feminina, e consequentemente o desigual rácio entre mulheres e homens, condiciona *a priori* a sexualidade da mulher sénior.

Em segundo lugar, a concretização física da sexualidade feminina é socialmente legitimada e reconhecida no quadro de uma relação heterossexual e de um casamento. Portanto, o casamento legitima o comportamento sexual da mulher - uma segunda tendência dos papéis sexuais. Face a esta realidade duas idéias ganham relevo. Por um lado, com a viuvez deixa de haver legitimação para o comportamento sexual da mulher até que esta arranje um parceiro sexual válido, o que é particularmente difícil. Em segundo lugar, a mulher que na terceira-idade seja casada e que não se sinta sexualmente satisfeita com o seu companheiro, por exemplo porque este tem um problema de disfunção sexual, dificilmente procurará outro(s) parceiro(s) sexual(is). As relações sexuais fora do casamento são objecto de distintas sanções sociais em função do género. Os homens mais facilmente incorrem em actividades sexuais fora do casamento uma vez que não enfrentam a culpa e a desaprovação social que em condições semelhantes uma mulher enfrentaria.

Em terceiro lugar, a tendência para o re-casamento na terceira-idade é reduzida quer para homens, quer para mulheres. No entanto, o re-casamento é particularmente improvável para as mulheres. Os homens que a partida seriam socialmente reconhecidos como parceiros sexuais aceitáveis seriam os homens de uma faixa etária semelhante. No entanto, vimos como na terceira-idade o número de homens é francamente inferior ao das mulheres e, assim, os homens na terceira-idade tendem a já estar casados.

Se os homens com idades semelhantes tendem a já estar casados, o re-casamento das mulheres na terceira-idade com homens de idade inferior é particularmente difícil, eu diria mesmo impossível. E assim a sociedade entende que, se as mulheres não têm um parceiro socialmente reconhecido, não podem ter relações sexuais.

Se as mulheres tendem a viver mais e a enfrentar menores limitações fisiológicas na sua capacidade sexual seria razoável que casassem com homens mais novos. No entanto, esta não é uma realidade socialmente reconhecida até porque os homens, ao longo da sua vida, tendem a procurar estabelecer relações com mulheres mais novas; as mulheres na terceira-idade não se assumem para os homens de idade inferior enquanto parceiras sexualmente atraentes ou desejáveis. Demonstrando a rigidez dos papéis sexuais cabe ainda ao homem tomar a iniciativa das investidas afectivo/sexuais; se na terceira-idade os homens estão em franca minoria e se tradicionalmente procuram mulheres mais jovens que eles, as mulheres mais velhas tenderão a não dar o primeiro passo na iniciativa sexual devido às esperadas sanções sociais.

Portanto, a concretização física da sexualidade da mulher na terceira-idade tende a ser limitada pela mortalidade masculina e pela existência de normas sociais que limitam a possibilidade de re-casamento, principalmente com homens de idade inferior, e o estabelecimento de relações afectivas e sexuais fora do quadro do matrimónio.

Em suma, as mulheres estão em desvantagem relativamente aos homens perante a possibilidade de encontrar oportunidades para a expressão sexual nos últimos anos das suas vidas: existem mais mulheres que homens na terceira-idade; os homens mais velhos tendem a ser casados, ao passo que as mulheres mais velhas tendem a ser viúvas; os homens mais velhos tendem a casar com mulheres mais jovens; mulheres mais velhas não são consideradas parceiras sexuais “legítimas” para os homens mais novos e não se espera que as mulheres mais velhas tenham iniciativa nos relacionamentos amorosos.

Os preconceitos sociais frustram e inibem outro tipo de opções que a mulher velha poderia considerar face ao reduzido número de homens da sua idade: **masturbação, relacionamento com outra mulher, relacionamento com um homem mais novo.** De salientar a possibilidade de algumas mulheres poderem em idade mais avançada preferir um relacionamento com outra mulher sem o ver como um substituto ou uma “escolha de segunda” relativamente a uma relação heterossexual.

Os papéis de género, embora segundo alguns/algumas autores/autoras, menos rígidos na terceira-idade, militam ainda contra os possíveis benefícios se a mulher também partilhasse a iniciativa sexual e se houvesse uma menor ênfase nos aspectos mais performativos da sexualidade.

Capítulo VI

Algumas Considerações

Susan Sontag considera que são sobretudo as mulheres, comparativamente aos homens, que têm medo de envelhecer, dados os papéis tradicionais que a sociedade lhes atribui, ligados à reprodução e ao seu aspecto enquanto base da sua valorização social. **Considero que para as gerações de mulheres mais velhas, em contexto português, o envelhecimento estético ou exterior é, ou foi, encarado com serenidade, constituindo-se enquanto uma fase natural da vida, como uma continuação do viver.** Acredito que só faz sentido falar de um medo de envelhecer por parte das mulheres mais velhas, que defini como aquelas cuja idade é igual ou superior a 65 anos, e creio que o mesmo se aplicará aos homens, quando estas associam o envelhecimento à incapacidade e à doença, e não ao aspecto físico. As rugas, a celulite, a perda de cabelo, as “varizes”, os “seios descaídos” são aspectos secundários, facilmente relativizados. A aparência não constitui fonte de preocupações nem de cuidados substanciais:

“Sou muito descuidada, não ponho cremes nem nada disso. Agora é que depois do... costuma-se a dizer: “*casa roubada trancas à porta*”. Agora depois de eu ter as rugas é que eu ponho creme! Porque quando vou lá para fora para o jardim apanho muito sol, apanho muito vento, assim na cara! E talvez seja por isso que tenho a cara um bocadinho estragada, mas de resto não... ..” [Filipa]

Creio que a ideia de Susan Sontag remete sobretudo para o contexto das mulheres de meia-idade, altura esta em que tendem a aparecer os sinais exteriores do envelhecimento. É claro que as mudanças tecnológicas podem ajudar a mudar o quadro de factores discriminatórios enfrentados pelas mulheres sempre que se sintam desconfortáveis com a sua imagem exterior.

As mulheres portuguesas, agora pertencentes à terceira-idade, são na sua maioria mulheres pouco escolarizadas e pouco habituadas ao longo da sua vida aos cuidados com o corpo muitas das vezes devido a problemas financeiros que, numa fase mais tardia, tendem a acentuar-se. De facto, devido a essas mesmas limitações monetárias, considero que o cuidado do corpo tendeu a ser um fenómeno socialmente localizado, ou seja, foi apanágio somente das mulheres de classe média/média alta. São estas que numa fase mais tardia da vida, por costume de vida e desafogo económico, tendem a cuidar do corpo. Susan Sontag considera mesmo que o envelhecimento varia de acordo com a classe social. As pessoas mais pobres envelhecem mais depressa que as pessoas mais

ricas; mas são as mulheres da classe média/média alta que, comparativamente às mulheres da classe trabalhadora, sofrem de uma maior ansiedade face ao envelhecimento. Segundo Susan Sontag, as mulheres que conseguem, durante mais tempo, manter uma aparência jovem – mulheres que têm vidas menos desgastantes e menos severas do ponto de vista físico, que têm uma dieta alimentar equilibrada, que têm acesso a cuidados médicos, que têm poucos ou até mesmo nenhum filho(s) – são aquelas que se ressentem mais com o envelhecimento. Este acaba assim por ser mais um julgamento social do que um acontecimento biológico (Sontag, 1972: 32) [tradução livre]¹⁵.

Considero no entanto que são as mulheres mais velhas, por comparação às mais jovens, que têm uma relação mais despreocupada com o seu corpo; este não está tão sujeito a pressões, talvez porque o corpo não serve como suporte à construção e manutenção de um papel social. A preocupação com o corpo é um fenómeno destas gerações mais jovens e de meia-idade. Os valores que neste tempo as sociedades ocidentais postulam e valorizam – magreza, juventude e hedonismo – não são os valores das gerações mais velhas, não são os mesmos valores apanágio do tempo em que se deu o seu crescimento e formação. E, assim, talvez por este facto, as mulheres mais velhas não se ressintam face à discriminação de que são alvo pois não se identificam com esses mesmos valores que subjazem à avaliação social.

À medida que este trabalho se sedimentou uma ideia erigiu e foi ganhando uma cada vez maior evidência e força; a ideia da “**viuvez como libertação**” parece-me ser um fecundo campo de análise para dar continuidade a este mesmo trabalho. Esta ideia saiu da obscuridade ou ganhou uma maior visibilidade mediante a conversa/entrevista que tive com Filipa, uma mulher de 72 anos. De facto, quando confrontada com a questão “O que é que a viuvez representou para si?”, Filipa responde:

“Ai... eu até nem sei se deva dizer! Num certo aspecto, num certo aspecto, derivado ao feitio do meu marido, representou uma liberdade... .. Uma liberdade. E depois há uma parte de saudade também. Saudade, liberdade... Porque ele era uma pessoa que me mantinha muito presa... Uma pessoa muito controladora, muito mesmo. E mulherengo!” (Filipa)

¹⁵ “... women who keep their youthful appearance the longest – women who lead unstrenuous, physically sheltered lives, who eat balanced meals, who can afford good medical care, who have few or no children – are those who feel the defeat of age most keenly. Aging is much more a social judgment than a biologically eventuality...” (Sontag, 1972: 32).

Acredito que para muitas mulheres que, como Filipa, estiveram durante a sua vida confinadas à esfera do lar, não detendo controlo e poder de decisão sobre o orçamento doméstico e devendo prestar contas ao respectivo companheiro, a viuvez se assumia como um tempo de liberdade e “tempo para si”. Um momento em que as respectivas necessidades sejam satisfeitas e não as necessidades do(s) outro(s). De facto, Filipa foi uma mulher que enquanto casada não exerceu nenhuma actividade profissional; a sua vida cingiu-se à esfera do lar e todo o contacto exterior era escrupulosamente controlado pelo seu marido.

“Eu até para ir ali abaixo à loja ao Antunes eu tinha que lhe dizer: “*Eu vou ali*”...

Quer dizer, o meu marido era deste género assim: nós, íamos... comprava as coisas sempre juntos, nunca podia comprar as coisas aqui na Lourinhã... não comprava nada para a casa, de coisas de mercearia... ou de carnes, ou de talho... **não comprava nada aqui, tanto que ninguém me conhecia aqui na Lourinhã! Depois do meu marido morrer as pessoas... foi naquela fase da virem os retornados... e as pessoas quando eu ia à rua pensavam que eu era retornada! Diziam assim: “*Ai a senhora é retornada?*” E eu dizia: “*Ai não, não sou retornada... Porquê?*” “*Ah, a gente não conhecemos a senhora!*” Pronto, não conheciam porque eu não ia tanto à rua, não era por ser retornada! E... porque não me viam! Nós, quer dizer, as coisas de mercearia íamos a Torres, trazíamos as coisas... mas havia sempre uma coisita que faltava... ou um bocado de pimenta ou colorau ou uma coisita assim que às vezes não... que me passava e faltava! E então eu ia aqui abaixo ao Antunes buscar, e ele ficava aqui em casa. **Ele olhava logo para o relógio quando eu saía de casa... e quando eu chegava olhava para o relógio outra vez! E assim: “*Para ires aqui a baixo foi preciso demorares tantos minutos! Dizia-me logo os minutos que eu me tinha demorado, tá a ver?*” “*Então mas o que é que tu queres? Estavam pessoas à minha frente e eu não ia passar à frente das pessoas para me aviar uma coisinha destas!*” Ele assim: “*Pois, estiveste foi na conversa!*”, “*Eu? Então eu nem conheço as pessoas! Nem as pessoas me conhecem a mim! Agora eu tar na conversa...*” Pronto, havia logo problema! Começava logo a ralar e tal... (...) E depois começava-me logo a chatear, havia logo discussão! Pronto!”**
(Filipa)**

Face a esta ideia da “viuvez como libertação” considero que, apesar da visão de que o envelhecimento é socialmente mais traumático para a mulher, dada a obsessão da sociedade com a juventude e a magreza, são as mulheres mais velhas que, comparativamente aos homens da sua geração, melhor se adaptam ao envelhecimento e à viuvez. Com a viuvez, as mulheres passam a desenvolver uma série de actividades e lazeres que lhes estavam no passado vedados. Na terceira-idade verifica-se como que uma grande “irmandade feminina”; as mulheres saem umas com as outras, ou por serem em número superior aos homens ou por não se identificarem com as actividades que estes desenvolvem.

Filipa, embora tivesse tido oportunidade de voltar a casar, optou por continuar sozinha; subjacente a esta decisão reside o sentimento por si sentido de que “o casamento é uma prisão” e que a “viuvez é uma libertação”:

“Eu nunca pensei verdadeiramente em casar! Não, não. Pronto, perder a liberdade perdia sempre, não é? Pois está claro! Uma mulher que tem marido, que tem um homem, perde sempre a liberdade! Tem sempre que lhe dar satisfações: “Olha vou para aqui, olha vou para ali”. E, e... Perde sempre um pouco a liberdade (...) Por isso é que eu digo, eu fiquei tão escaldada que nem pensar em falar em ter outro homem! Nem pensar... .. não quero! Pronto, depois de enviivar fechou-se a porta!” (Filipa)

Esta expressão “fechou-se a porta!” que é, aliás, o título deste mesmo trabalho parece-se emblemática e profundamente imbuída de sentido. Com a viuvez fechou-se a porta; o caminho foi interdito e fechado ao Outro, ao sujeito que poderia proporcionar amor e afecto. Avaliados os prós e os contras, Filipa opta pela negação da dimensão afectiva e sexual em troca da liberdade que começou a usufruir com a viuvez.

Ao longo da entrevista a temática da sexualidade nunca foi abordada de um modo explícito. Tendo em conta a recusa de Filipa em voltar a casar sou levada a acreditar que aquele seu “fechou-se a porta!” incluía também a dimensão sexual e que após a viuvez Filipa viva em celibato. Portanto, outras liberdades tornam-se mais prementes e prioritárias na sua vida, sobretudo a liberdade de decidir o que, com quem e quando fazer. Aulas de Arraiolos, caminhadas, bailes, passeios ao fim-de-semana por Portugal, viagens ao estrangeiro (Japão, Tailândia, Macau, Hong Kong, Suécia, Noruega, Rússia...), carta de condução e carro são actividades, lazeres e bens que Filipa conquistou após a morte do marido.

“Não, e tinha quem me quisesse! Oh, e mais que um! A quererem que eu casasse, mas eu é que não quis! Pois se eu estava tão escaldada do primeiro! Táva tão mal! Vivi tão mal... Táva mal, quer dizer... mas eu táva... é aquela coisa, “gato escaldado de água fria tem medo”, não é?” E eu, táva tão bem, tão livre! **Estou, estou com a minha liberdade... faço o que quero, vou para onde quero... tá a ver as viagens que eu fiz? O que eu passei? Se eu estivesse... tinha que estar a dar satisfações!** E podia querer e podia não querer! E eu fui a tanto lado... fui passear... (...) **Eu saio muito! Tenho assim muitos convívios! Convivo com muitas pessoas. As minhas amigas assim estão-me sempre a convidar! Elas sabem que eu estou sempre pronta!”** (Filipa)

E Filipa, caso quisesse voltar a encontrar um companheiro, dificilmente encontraria a oposição da sua filha:

“Ah... sim! Ela aceitaria... ela pensa que se eu entendesse que devia casar casava, se eu não entendesse não casava! A decisão é minha. Para ela era indiferente, mas eu acho que ela até gostava que eu me casasse... se fosse para bem! Se fosse para bem, tudo bem. Mas se eu quiser caso, se eu não quiser não caso... isso não... para ela era indiferente...” (Filipa)

Trazendo até aqui algumas das ideias anteriormente esboçadas, a sexualidade na terceira-idade não pode ser dissociada da sexualidade ao longo da vida e, assim, a opção por uma vida celibatária em idade avançada, por parte das mulheres, pode derivar de uma vida sexual passada que não foi do ponto de vista do prazer sexual particularmente satisfatória. E portanto a viuvez pode libertar o corpo para a esfera pública, a mulher pode sair de casa, conviver e viajar sem dar satisfações a ninguém, mas do ponto de vista sexual esse corpo permanece preso.

Os contactos com outros homens são, segundo Filipa, travados sobretudo em bailes; bailes estes organizados pelas colectividades/clubes locais, aquando das festas consagradas aos santos padroeiros do seu concelho de residência, ou pelas paróquias.

“... eu até vou para os bailes e danço com quem me vem buscar, homens e tudo! Não... Nem penso na idade, percebe? Não penso, não penso, não penso na idade! Então eu faço tudo! Faço tudo normalmente! Nem penso para trabalhar, nem penso para me divertir, não penso nada! Não penso na idade... .. Eu para mim não ligo à idade! (...) Na altura do verão, quando há aquelas festas de ano? Isso é... Mas durante o resto do tempo também há! Há festas! Há certos sítios que até há festas todo o ano! Há mesmo umas casas para haver aqueles bailaricos! Há, há.” (Filipa)

Com base no discurso de Filipa parece que os espaços de lazer das mulheres e dos homens permanecem de algum modo distintos, salvo o caso dos bailes ou bailaricos, e, assim, as oportunidades para o convívio e para o romance são escassas. As mulheres viúvas tendem a conviver entre si.

“... às vezes já temos falado... os homens podiam também se organizar e fazer um movimento e saírem juntos, mas não, não. E algumas assim mais descaradas dizem: “*Mas porque é que eles não se juntam com a gente e vão connosco?*” E algumas assim como a Dona Dália ,que são assim mais ferrenhas, mais coisas dizem: “*Não, não, a gente não quer cá misturas!*” (...) Os viúvos, os homens querem é sair para os copos! Mais nada!” (Filipa)

Ao longo da entrevista verifica-se a influência da Igreja na vida de Filipa, sobretudo ao nível da organização do seu tempo livre. É o Centro Paroquial que abriga e

proporciona as aulas de Arraiolos que Filipa frequenta, assim como aulas de pintura e ginástica. São os vários movimentos católicos que lhe proporcionam deslocações a palestras e conferências e idas a Fátima. Filipa destaca sobretudo a acção do Movimento Esperança e Vida (MEV) um movimento constituído para e por viúvas [... movimento das viúvas, é só viúvas que vão! Não vão outras pessoas sem ser viúvas... nem vão homens! Só senhoras!]. Filipa é frequentadora assídua da Igreja e da missa: “Vou várias vezes, mas principalmente ao domingo. Principalmente ao domingo vou sempre. De manhã!”. É notória a influência da Igreja no quotidiano e nos lazeres de Filipa. Neste ponto, e evocando o discurso da médica ginecologista:

“... principalmente se vêm de determinado tipo de grupos, principalmente os católicos praticantes (...) ou os católicos romanos essencialmente têm muito, muitos tabus a esse nível [sexual] e é muito difícil ultrapassar, até porque durante a vida toda tiveram aquela prática de que o falar sobre sexo não era bem visto, e não é aos 65 anos que vão falar! E isto cria imensas dificuldades na vida das pessoas! **Porque se o companheiro tem alguma patologia que lhe dê determinado tipo de inibições a coisa está resolvida por si. Cai tudo no esquecimento. Como não têm também não sentem tanta falta!** Com os mais jovens é assim... Agora, se, se o companheiro mantém uma actividade dita normal as dificuldades são muito grandes... porque lhe dói, a atrofia vaginal dá dores porque dá dores e não só! Porque fecha, não é complacente a vagina! Portanto, aí elas são capazes de... se não recorreram ao médico com essa queixa são capazes de começar a recorrer porque têm dificuldades em casa, na sua relação. Mas é muito difícil falarem sobre o assunto.”

De acordo com esta médica ginecologista, as mulheres facilmente convivem com o facto do companheiro sofrer algum tipo de disfunção sexual que impossibilite a relação sexual. Neste sentido, avanço com a hipótese de as mulheres portuguesas da geração de Filipa, facilmente conviverem e optarem mesmo pelo celibato. No caso das mulheres casadas (ou em união de facto) há, na opinião da médica ginecologista que entrevistei, uma submissão e uma passividade relativamente à incapacidade sexual do parceiro:

“Há uma submissão, sem dúvida nenhuma! E vivem, vivem. **Porque repare, são pessoas que normalmente também nunca verbalizaram e nunca deixaram que determinado tipo de impulsos tomassem forma! Não era bem visto, do ponto de vista não só religioso, como social!**”

De acordo com a médica ginecologista, a religião aparece como um factor de inibição da sexualidade, não só ao nível da concretização física, mas igualmente ao nível da verbalização. O “falar sobre sexo”, até na busca de tratamento ou solução para problemas sexuais, ainda permanece algo envolto em vergonha e tabu sobretudo quando

as pessoas envolvidas pertencem a grupos católicos. Numa situação de viuvez, a masturbação aparece, sobretudo no caso da mulher, como uma actividade dificilmente pensada e concretizada:

“Sozinha é pecado! Isto é a moral vigente! Nós somos um país essencialmente católico, carregado de um peso tão grande... que a consciência culpabiliza! E todo o sexo é muito culpabilizável! E as pessoas vivem assim.”

Avanço com a ideia de que para a maioria das mulheres, hoje pertencentes à terceira-idade, a sexualidade não constitui nesta fase uma dimensão prioritária, sendo que nunca o terá sido ao longo da sua vida. A Igreja Católica e o regime de ditadura influíram no conservadorismo da educação; às mulheres foi-lhes ensinado que a pureza e a castidade eram os seus maiores trunfos, mas que aos homens era permitida e desejável uma iniciação sexual antes do casamento, muitas das vezes com uma prostituta. Este duplo padrão de moralidade que atingiu homens e mulheres diferentemente e a divisão das mulheres entre as castas e as permissivas impediu que as mulheres, ao contrário dos homens, não explorassem o seu corpo por forma a obterem mais prazer sexual e assumissem uma atitude de passividade sexual. E, portanto, chegadas a uma situação em que o parceiro possui uma qualquer disfunção sexual que impossibilita a actividade sexual ou quando o parceiro morre, o celibato é facilmente aceite. Por outro lado, a matriz social que nega às gerações mais velhas o direito à sexualidade pode ser inculcada nessas mesmas pessoas formando-se barreiras psicológicas que servem como uma inibição ao comportamento sexual. Esse mesmo entendimento social que fixa na terceira-idade o término da vida sexual pode servir como pretexto ou alibi socialmente aceite para aquelas mulheres para quem a vida sexual foi sempre vivida como uma obrigação. Neste sentido, poucas serão as mulheres portuguesas, actualmente pertencentes à chamada terceira-idade, que se ressentem face à negligência da sociedade em considerar como possível, saudável e benéfica a sexualidade da(o)s mais velha(o)s; a estrutura social é incorporada no seu corpo e na sua mente e assim a sexualidade não se assume como algo concretizável porque “não faz sentido”.

Se atendermos ao proferido por Filipa, de que os homens e as mulheres na terceira-idade raramente se encontram nos seus tempos de lazer e raramente desenvolvem actividades juntos, e se tivermos em consideração o desajuste demográfico entre o número de mulheres, em maioria, e homens, verificamos que “os tempos” e “os

espaços” de homens e mulheres não coincidem, o que dificulta o desenvolvimento e a concretização de relacionamentos afectivos. Este cenário aplica-se a pessoas viúvas que não se encontram veiculadas a lares, casas de repouso ou centros de dia.

De acordo com a médica ginecologista por mim entrevistada, os mesmos tabus e preconceitos, o mesmo pudor em abordar a sexualidade, em trazer o tema do sexo à conversa permanece algo de improvável mesmo nas gerações mais jovens, nascidas ou educadas já num tempo de liberdade.

“Essas mulheres mais velhas foram educadas assim... É assim, a ideia que eu tenho, e que eu tenho vindo a formar ao longo destes anos todos e que tenho visto escrito precisamente a mesma coisa é que **nós evoluímos muito pouco. Em termos sociais o que move a pessoa, apesar de haver uma grande modificação da família, das estruturas familiares... de haverem grandes modificações, em termos pessoais, do ponto de vista sexual as pessoas evoluíram muito pouco, continuam a reagir perante os mesmos estímulos e a ter os mesmos tipos de inibições. O contexto das coisas é que mudou um pouco. Logo, poderá parecer assim à primeira vista que as coisas são ahh... são, diferentes, mas na realidade não são. Porque quando as inibições religiosas fazem com que as mulheres aos 60 e tal anos não se queixem... eu tenho mulheres com 30 e poucos com o mesmo tipo de inibições... A sexualidade continua a não ser uma dimensão conversável, entre aspas, percebe? É muito difícil.**

Apesar de todas as alterações sociais que tem havido as pessoas falarem de igual para igual com os parceiros. É muito complicado! Ainda não conseguimos educar as novas gerações de maneira suficientemente aberta (...) Mas a maioria das pessoas, ainda hoje, não consegue ter uma conversa franca com os filhos... e o silêncio é transposto para as gerações seguintes e para os futuros casais evidentemente! **Porque têm inibições em falar no assunto.** Um homem se tem alterações, e se falar com um sexologista vai ver que eles têm esta sensação... Os homens não dizem, mas há muitos homens com impotência, como sabe que tem uma causa orgânica. Portanto, há bastante. E nós temos a geração dos *yuppies* com pouca prática em termos sexuais na realidade. No entanto, são indivíduos desinibidos que passeiam-se com mulheres, mas na realidade, em termos sexuais, são tipos muito pouco activos, primeiro porque neles há uma libertação da libido para o sucesso profissional, e logo em termos sexuais não há um investimento. Em tudo na vida é preciso investimento. Muitas vezes em termos de casal são autênticos fracassos!”

Ainda de acordo com esta médica existe como que uma reprodução e perpetuação desses mesmos tabus; a mesma dificuldade em abordar a temática do sexo entre pais e filhos e entre parceiros sexuais continua a verificar-se. A isto não é alheio o modelo educativo e a inércia das mães e pais em falar com a(o)s filha(o)s com naturalidade sobre sexo. No entanto:

“Repare está a falar numa geração com 65 anos, repare, há excepções é evidente, agora **na geração seguinte, as que têm 40, 50, nessa geração, que é a minha, nessa geração verificam-se igualmente problemas desse tipo. No entanto, foi a geração da pílula, foi a geração que saiu do 25 de Abril com outras, com outras visões do mundo,**

estou a falar em Portugal! Lá fora temos desde o Maio de 68 até agora... Mas aqui não houve grandes alterações, repare, em termos de comportamento sexual as pessoas não alteraram muito!”

Vive-se hoje num paradoxo. Por um lado, os mesmos tabus, os mesmos preconceitos, o mesmo pudor em falar sobre sexo mantêm-se hoje, tal como no passado recente. Por outro lado, o sexo inundou a sociedade portuguesa. Os meios de comunicação social, a publicidade, veiculam imagens onde a sensualidade e o erotismo são uma constante. O sexo tornou-se vendável.

“As pessoas foram inundadas de sexo de um momento para o outro... Tudo isso se fala muito, mas na realidade a pessoa lê e em termos de prática fica com expectativas sobre o sexo que se alhar não são as correctas. O que está escrito, não é que esteja errado... mas depois assimilar, concretizar e transformar as práticas é muito complicado! (...) Como eu lhe digo, eu acho que se fala, mas na realidade lê-se revistas sobre o assunto, inundou-se... Há uma sobredosagem! E a expectativa é muito grande! E a gente vê pessoas de 30 anos e que julgam que o orgasmo é uma coisa como vem descrita ali assim e não têm ainda a noção que prazer é que podem tirar porque estão sempre à espera de ficar no céu com os anjos quando têm um orgasmo! Repare a expectativa é tão grande que não têm a noção exacta do que é que se vai passar!” (testemunho da médica ginecologista por mim entrevistada)

Considero que seria pertinente aprofundar a ideia da “viuvez feminina como libertação”, dando assim continuidade a este trabalho. Tomando como exemplo o caso de Filipa, procurar-se-iam as razões que impedem as mulheres de se voltar a casar; mulheres estas que, como Filipa, gozam de saúde e de uma situação financeira estável. Será que, como Filipa, não querem voltar a sentir-se presas? Será para respeitarem a memória do falecido cônjuge? Será por pudor? Sejam quais forem os motivos certo é que muitas mulheres permanecem décadas e décadas numa situação de viuvez, negligenciando uma dimensão que parece ser um dos pilares ou valores das sociedades ocidentais: o prazer; embora, como vimos, estas mesmas sociedades o neguem às gerações mais velhas. Se o motivo que impede Filipa de se voltar a casar for igualmente o motivo subjacente à decisão de outras mulheres isto significa que, para muitas mulheres, o casamento foi vivido como uma prisão e um impedimento à fruição de vontades e actividades que só com a viuvez podem ser desfrutadas.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Miguel Vale de (1995) *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*, Lisboa: Fim de Século.

AMÂNCIO, Lúcia (1994), *Masculino e Feminino, A Construção Social da Diferença*, Porto: Afrontamento.

ANGIER, Natalie (1999) *Mulher, uma geografia íntima*, Lisboa: Gradiva.

ARCHER, John, LLOYD, Barbara (2002) *Sex and Gender*, Cambridge: University Press.

BARRETT, Geraldine, HARPER, Rosalyn (2000) “Health professionals’ attitudes to the deregulation of emergency contraception (or the problem of female sexuality)” in *Sociology of Health and Illness*, 22 (2), 197-216.

BEAUVOIR, Simone de (1972) *Old Age*, Penguin Books.

BEAUVOIR, Simone de (1976) *O Segundo Sexo: a experiência vivida, Vol. II*, Lisboa: Bertrand.

BUTLER, Judith (1999) *Gender Trouble - Feminism and the Subversion of Identity*, New York, Routledge.

DELAUNAY, Catarina (2001) *O Enredo Conjugal – uma viagem à realidade quotidiana do consumo*, Lisboa: Organizações Não Governamentais do Conselho Consultivo da CIDM, 266-273.

FAIRHURST, Eileen (1998) “‘Growing old gracefully’ as opposed to ‘mutton dressed as lamb’: the social construction of recognizing older women” in NETTLETON, Sarah, WATSON, Jonathan (eds.) *The body in everyday life*, London: Routledge, 258-275.

FEATHERSTONE, Mike, HEPWORTH, Mike, TURNER, Bryan (ed.), (1991) *The body, social process and cultural theory*, London: Sage Publications.

FOUCAULT, Michel (1994), *História da Sexualidade I. A vontade de Saber*, Lisboa: Relógio D'Água.

GANNON, Linda (1994) "Sexuality and menopause" in CHOI, Precilla, NICOLSON, Paula (eds) *Female Sexuality. Psychology, Biology and Social Context*, London: Harvester Wheatsheaf, 100-124.

GIBSON, H. B. (1997) *Love in Later Life*, London, Peter Owen Publishers.

GOMES, Ana (2005) "Idade de Reforma" in *Xis Ideias para Pensar* (Jornal Público), 291, 10-17.

HÉRITIER, Françoise (1998), *Masculino, Feminino - O pensamento da diferença*, Lisboa, Instituto Piaget.

Instituto Nacional de Estatística (INE) (1999) "As gerações mais idosas" in *População e Condições Sociais - Estatísticas Gerais*, Lisboa. [<http://www.ine.pt/prodserv/quadros/periodo.asp>].

LOCK, Margaret (1993) "Cultivating the body: anthropology and epistemologies of bodily practice and knowledge" in *Annual Review of Anthropology*, nº 22, pp. 133-155.

LOPES, Gerson, Maia, Mônica (1994) *Sexualidade e Envelhecimento*, São Paulo: Saraiva S. A. Livreiros Editores.

MARTIN, Emily (1987) *The woman in the body. A cultural analysis of reproduction*, Boston: Bacon Press.

MARTIN, Emily (1988) "Medical metaphors of women's bodies: menstruation and menopause" in *International Journal of Health Services*, 18 (2), 237-254.

NICOLSON, Paula (1994) "Anatomy and destiny: sexuality and the female body" in CHOI, Precilla, NICOLSON, Paula (eds) *Female Sexuality. Psychology, Biology and Social Context*, London: Harvester Wheatsheaf, 7-26.

NORTHRUP, Christiane (1994) *Corpo de mulher, sabedoria de mulher*, Lisboa: Sinais de Fogo.

ÖBERG, Peter, TORNSTAM, Lars (1999) "Body images among men and women of different ages" in *Ageing and Society*, 19 (5), 629-644.

ROBINSON, Pauline WEG, Ruth (ed.) (1983) *Sexuality in the Later Years: Roles and Behaviour*, New York: Academic Press.

SALGUEIRO, Gabriela (2003) "As mulheres e o envelhecimento. A imagem das mulheres idosas" in JOAQUIM, Teresa e GALHARDO, Anabela (org.), *Novos Olhares. Passado e presente nos Estudos sobre as Mulheres em Portugal*, Oeiras: Celta, 35-48.

SMART, Barry (1985) *Michel Foucault*, London: Routledge.

SOLNICK, Robert L. (ed.) (1978) *Sexuality and Aging*, The Ethel Percy Andrus Gerontology Center: The University of Southern California Press.

SONTAG, Susan (1972) "The Double Standard of Aging" *Saturday Review*, 29-38.

STEVENS, Patricia, HALL, Joanne (1991) "A critical historical analysis of the medical construction of lesbianism" in *International Journal of Health Services*, 21 (2), 291-307.

TURNER, Bryan S. (1996) *The body and society. Explorations in social theory*, London: Sage Publications.

VANCE, Carole (1991) “Anthropology rediscovers sexuality: a theoretical comment” in *Social Science and Medicine*, 33 (8), 875-884.

WILLIAMS, Simon (2000) *Emotion and social theory. Corporeal reflections on the (ir)rational*, London: Sage Publications.

Pesquisa na Internet:

Rede Portuguesa de Jovens para a Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens (<http://redejovens-igualdade.blogspot.com/>)

Anexos

Entrevista à Médica Ginecologista

P – Com o climatério dá-se uma alteração a nível hormonal na mulher...

R – Essencialmente com a menopausa... porque é diferente... o climatério é o período à volta, em que se começam a dar as alterações hormonais, a menopausa é uma data precisa. É o dia da última menstruação.

P – Que se define passado um ano.

R – Nem mais! Portanto, o climatério é esse tempo todo à volta. Começa com algumas alterações. Pode haver irregularidades menstruais... O climatério em si ainda não dá grandes transformações. Em termos sexuais as mulheres têm algumas alterações podem sentir algumas alterações quando se dá a menopausa. Quando cessa a função estrogénica dos ovários, aí sim.

P – Incidamos então nessas alterações após a menopausa ...

R – O reflexo das alterações sexuais são muito pesadas na mulher porque há uma grande, para já há uma grande baixa da libido, muitas vezes tem a ver com a auto-estima. Não, essencialmente porque a libido tá muito, pensa-se que está mais associada à testosterona... eu não concordo. Porque assim a mulher teria muito mais libido uma vez que a produção de estrogénios se reduz e deixa de actuar... Acho que a baixa de libido da pós-menopausa tem muito mais a ver com a auto-estima do que com as transformações endócrinas. Se é que realmente a libido depende da testosterona. Ahh... Todas as alterações sexuais na mulher após a menopausa eu acho que tem essencialmente a ver com a auto-estima. Com a sensação de envelhecimento, com a perda da sua imagem, que altera, que inevitavelmente altera... A baixa de estrogénios dá muito mais alterações em termos de rugas, a pele tende a secar muito e toda essa alteração da imagem interfere com a auto-estima. Como é lógico. Claro que isto não é verdade para todas as mulheres. Depende da vivência que a pessoa tem da menopausa. Hoje em dia nós conseguimos suplantar um bocado isto. E as transformações acontecem mais tarde, ou com maior lentidão, não é tão a pique. A mulher entra em menopausa e há-de reparar que no ano seguinte envelheceu muito. Do ponto de vista sexual em termos vaginais há também alterações. Portanto, a mucosa da vagina é hormono-dependente, estrogénio-dependente, há uma secura da mucosa, a mucosa fica mais fina e com menos pregas e a mulher pode sentir desconforto porque incomoda e pode ter dor.

P – A mulher lubrifica menos...

R – Exacto.

P – A sexualidade em idade mais avançada é uma continuidade da sexualidade “passada”. Quem foi sexualmente activa tenderá a procurar solucionar qualquer desconforto ou problema que tenha... Concorda com esta ideia?

R – Sem dúvida. E as pessoas já nos procuram muito para esse tipo de dificuldades. Há uns anos atrás era muito mais difícil. As pessoas procuram muito mais o médico para esse tipo de dificuldades.

P – E a Dra. tem pacientes...

R –Muitas...

P – Com idade superior a 65 anos?

R – Tenho 12 mil e tal fichas, os doentes envelhecem connosco, é uma característica, é uma... ainda bem! [Risos] É uma, é uma característica da clínica. Quem faz clínica, os doentes vão envelhecendo connosco... e é evidente que a faixa etária envelhece, mas eu faço muito obstetrícia e em 12 mil e tal pacientes tenho também muitas pacientes, portanto, por definição clínica, com menopausas precoces. Portanto, abaixo dos 45 anos. Existem uma série de factores que influenciam estas menopausas precoces. O uso continuado da pílula... o tabaco... Pronto, são mulheres que começam muito cedo com este tipo de alterações... não estão na terceira idade, no entanto têm as alterações próprias da menopausa, da faixa etária mais avançada. Hoje em dia consegue-se suplantar uma série de problemas, mas há coisas que não se consegue... Temos a terapia hormonal de substituição... Mas a imagem... A parte psicológica é uma coisa muito delicada. E nesses casos eu peço apoio. Eu dedico-me muito à área psiquiátrica e portanto psicológica... o que me deu uma série de vantagens em termos de tratamento desse tipo de coisas e a abordagem a esse tipo de alterações... Só que às vezes é mesmo preciso o apoio de psiquiatras! E eu sugiro e reencaminho as minhas pacientes para especialistas que conheço. E esses colegas também já estão informados do quadro clínico antes da consulta.

P – No caso das suas pacientes cuja idade se situa nos 65 em diante... em termos de abertura para falarem consigo sobre problemas do foro sexual-...

R – É mais difícil, é mais difícil. Não é numa primeira consulta nunca! E é sempre porque eu pergunto! Até por... de formação minha. [Risos] Informação da minha formação! Eu pergunto sempre. Porque acho que é um assunto importante da vida. E elas acabam por dizer... que têm realmente umas dificuldades.

P – Mas, dificuldades intrínsecas ao seu próprio corpo ou que derivam do próprio casal... e até do próprio companheiro?

R – Ah... repare, é assim... a partir dessa idade há uma série de patologias que são mais frequentes e que se reflectem na vida das pessoas. Inevitavelmente. Ou porque têm hipertensão, ou porque já tiveram enfarte... em relação aos homens. É evidente que esse tipo de alterações, tem alterações vasculares... logo, vão ter alterações a nível de erecção. Isso é normal que assim seja! Alguns já têm diabetes... Mas, partindo do princípio que essas alterações ainda não são tão prementes e que mantêm uma vida sexual dita normal, entre aspas... o que é que é normal? Pronto. Ah... É evidente que as pessoas mantêm uma vida sexual activa, com algumas dificuldades principalmente se vêm de determinado tipo de grupos, principalmente os católicos praticantes têm ou os católicos romanos essencialmente têm muito, muitos tabus a esse nível e é muito difícil ultrapassar, até porque durante a vida toda tiveram aquela prática de que o falar sobre sexo não era bem visto, e não é aos 65 anos que vão falar! E isto cria imensas dificuldades na vida das pessoas! Porque se o companheiro tem alguma patologia que lhe dê determinado tipo de inibições a coisa está resolvida por si. Cai tudo no esquecimento. Como não têm também não sentem tanta falta! Com os mais jovens é assim... Agora, se, se o companheiro mantém uma actividade dita normal as dificuldades são muito grandes... porque lhe dói, a atrofia vaginal dá dores porque dá dores e não só! Porque fecha, não é complacente a vagina! Portanto, aí elas são capazes de... se não recorreram ao médico com essa queixa são capazes de começar a recorrer porque têm dificuldades em casa, na sua relação. Mas é muito difícil falarem sobre o assunto.

P – É interessante essa ideia que me conta... se é o companheiro que motivado por algum problema de saúde tem problemas de erecção...

R – Uma disfunção sexual qualquer....

P – Exacto. Uma disfunção sexual... Portanto, a mulher acata essa situação!

R – Completamente. Há uma submissão, sem dúvida nenhuma! E vivem, vivem. Porque repare, são pessoas que normalmente também nunca verbalizaram e nunca deixaram que determinado tipo de impulsos tomassem forma! Não era bem visto, do ponto de vista não só religioso, como social!

P – Acha que aí o pendor religioso interfere...

R – Sem dúvida! A formação religiosa da pessoa interfere muito! Mas muito! Sem dúvida! E ao longo da vida toda... eu acho que tem um peso fortíssimo. A pessoa que se

diz católica praticante, eu estou a falar dos católicos porque são aqueles que têm uma educação em que o ser casto é muito mais importante do que nas outras religiões, agora... tirando os ciganos, hein?

P – E as mulheres muçulmanas?

R – As muçulmanas... mas as muçulmanas casam muito mais cedo. O problema dos muçulmanos é uma coisa muito diferente. Para já são casamentos feitos, feitos pela família, e depois têm uma relação muito mais precoce, muito mais...

P – Pretende-se assegurar a virgindade da mulher...

R – Mais ou menos. Tenho alguns casos em que mesmo assim... Tudo isto são assuntos que me interessam muito... a sexologia interessa-me muito. Gosto.

P – Uma socióloga, Susan Sontag, entende que no caso das mulheres mais velhas são os factores sociais que impedem a concretização sexual dado que a atracção feminina está associada à juventude e à magreza... ao passo que nos homens são os factores físicos que impedem a actividade sexual. Creio que no início da nossa conversa esboçou uma ideia muito parecida com esta...

R – Mas é verdade... sem dúvida. Concordo em absoluto. Estou a ler um livro do professor Allen Gomes que vale a pena! Vale a pena porque tá muito bem feito. Tá muito simples, com as ideias... tá muito bem, ele é muito objectivo, muito organizado... não parece! Tem aquele ar assim, mas é uma pessoa muito organizada de cabeça e que todos os livros dele para mim têm essa vantagem. Ele consegue pôr com capítulos curtos falar em coisas muito importantes.

P - É incisivo.

R - É incisivo. É o último livro dele... comprei-o há coisa de 15 dias. Eu como compro quase tudo o que reporta à sexologia. Tenho uma biblioteca de sexologia... bastante vasta. [Risos] O que interfere depois com a minha prática, porque é mais fácil falarem comigo. Do que irem directas ao psiquiatra. É mesmo mais fácil porque elas conhecem-me... e vêm cá mais vezes, percebe? É muito mais fácil porque estão a falar com uma cara conhecida. E quando as mando para um psiquiatra que faz sexologia ou um psicólogo que faz sexologia já mando com determinado tipo de preparação. A pessoa já sabe que vai ter determinado tipo de paciente e situação. É mais fácil para elas falarem comigo...

P – A ideia que eu tenho é que... portanto, para estas gerações de mulheres mais velhas a quem a sociedade reprime sexualmente esta mesma situação não gera

revolta... e talvez sejam as mulheres que têm agora 40 anos que se ressentirão no futuro se a sociedade continuar a reprimir a sua sexualidade...

R – Essas mulheres mais velhas foram educadas assim... É assim, a ideia que eu tenho, e que eu tenho vindo a formar ao longo destes anos todos e que tenho visto escrito precisamente a mesma coisa é que nós evoluímos muito pouco. Em termos sociais o que move a pessoa, apesar de haver uma grande modificação da família, das estruturas familiares... de haverem grandes modificações, em termos pessoais, do ponto de vista sexual as pessoas evoluíram muito pouco, continuam a reagir perante os mesmos estímulos e a ter os mesmos tipos de inibições. O contexto das coisas é que mudou um pouco. Logo, poderá parecer assim à primeira vista que as coisas são ahh... são, diferentes, mas na realidade não são. Porque quando as inibições religiosas fazem com que as mulheres aos 60 e tal anos não se queixem... eu tenho mulheres com 30 e poucos com o mesmo tipo de inibições... A sexualidade continua a não ser uma dimensão conversável, entre aspas, percebe? É muito difícil. Apesar de todas as alterações sociais que tem havido as pessoas falarem de igual para igual com os parceiros. É muito complicado! Ainda não conseguimos educar as novas gerações de maneira suficientemente aberta... Não lhe chamarei abertura... Eu eduquei o meu filho assim, mas a maioria dos amigos dele não são educados... Eu tenho um filho com 21 anos portanto a maioria dos amigos dele não falam com a mãe como o meu falou. Percebe? A primeira vez que teve relações com a namorada perguntou-me que marca de preservativo é que comprava, percebe? E isto consegue-se falando muito e ele fala abertamente sobre o assunto. Porque foi habituado a que tem nariz, tem sexo, e que o sexo anda tapado, socialmente foi definido que era assim, e que é para utilizar a nosso favor com respeito por toda a gente e por nós próprios essencialmente. Mas a maioria das pessoas, ainda hoje, não consegue ter uma conversa franca com os filhos... e o silêncio é transposto para as gerações seguintes e para os futuros casais evidentemente! Porque têm inibições em falar no assunto. Um homem se tem alterações, e se falar com um sexologista vai ver que eles têm esta sensação... Os homens não dizem, mas há muitos homens com impotência, como sabe que tem uma causa orgânica. Portanto, há bastante. E nós temos a geração dos *yuppies* com pouca prática em termos sexuais na realidade. No entanto, são indivíduos desinibidos que passeiam-se com mulheres, mas na realidade, em termos sexuais, são tipos muito pouco activos, primeiro porque neles há uma libertação da libido para o sucesso profissional, e logo em termos sexuais não há

um investimento. Em tudo na vida é preciso investimento. Muitas vezes em termos de casal são autênticos fracassos!

P – No caso das mulheres mais velhas também são mulheres que secalhar foram mulheres que desconhecem o seu próprio corpo...

R – Mas isso ainda hoje querida!

P – Com as gerações mais novas?

R - Sem dúvida! Das coisas que eu mais faço é tirar tampões e preservativos de dentro de vaginas! As pessoas são realmente ignorantes nessa matéria porque as fazem como tal! As pessoas não são... Porque os pais... Repare está a falar numa geração com 65 anos, repare, há excepções é evidente, agora na geração seguinte, as que têm 40, 50, nessa geração, que é a minha, nessa geração verificam-se igualmente problemas desse tipo. No entanto, foi a geração da pílula, foi a geração que saiu do 25 de Abril com outras, com outras visões do mundo, estou a falar em Portugal! Lá fora temos desde o Maio de 68 até agora... Mas aqui não houve grandes alterações, repare, em termos de comportamento sexual as pessoas não alteraram muito!

P – Não acha que houve uma evolução...

R – Fala-se muito de sexo porque é quase uma moda! As revistas cor-de-rosa todas falam... E repare, e as revistas, a Máxima, a Elle, passe o reclame... todas essas revistas nos falam das dificuldades sexuais, das facilidades sexuais... As pessoas foram inundadas de sexo de um momento para o outro... Tudo isso se fala muito, mas na realidade a pessoa lê e em termos de prática fica com expectativas sobre o sexo que secalhar não são as correctas. O que está escrito, não é que esteja errado... mas depois assimilar, concretizar e transformar as práticas é muito complicado! Após os 65 anos sem dúvida que tem a ver com a parte anatómica e com a parte cultural. Repare, está a falar de uma geração em que o sexo era um tabu. Mais do que é agora! Como eu lhe digo, eu acho que se fala, mas na realidade lê-se revistas sobre o assunto, inundou-se... Há uma sobredosagem! E a expectativa é muito grande! E a gente vê pessoas de 30 anos e que julgam que o orgasmo é uma coisa como vem descrita ali assim e não têm ainda a noção que prazer é que podem tirar porque estão sempre à espera de ficar no céu com os anjos quando têm um orgasmo! Repare a expectativa é tão grande que não têm a noção exacta do que é que se vai passar!

P – As pessoas têm medo de explorar o seu próprio corpo?

R – Sem dúvida! Sozinha é pecado! Isto é a moral vigente! Nós somos um país essencialmente católico, carregado de um peso tão grande... que a consciência culpabiliza! E todo o sexo é muito culpabilizável! E as pessoas vivem assim.

Entrevista à D. Filipa

P – Fale-me do seu dia-a-dia...

R – Ai filha! Os meus dias não são todos iguais! [Risos] São muito variados! [Risos] Uns dias saio muito, outros dias não saio nada, outros dias vou passear, outros dias estou em casa... [Risos] São muito variados os meus dias, é conforme!

P – Mas tem hobbies, actividades durante a semana?

R – Tenho, tenho actividades... tenho, por exemplo, a terça-feira vou lá para baixo para o Centro Paroquial da [localidade onde reside]. Temos a terça-feira... vamos para lá, um grupinho de senhoras, umas das minha idade, outras rapariguinhas mais novas juntamo-nos e isto faz de conta que é tudo da mesma idade! Vamos para lá e juntamo-nos a fazer a tarde... vamos para lá por volta das 3 horas, 2h30m, 3 horas, vamos para lá e juntamo-nos a fazer Arraiolos. Aprendi a fazer Arraiolos. E agora têm mais duas actividades, mas eu por enquanto não me meti. Tou com os Arraiolos e quero ver se acabo com os Arraiolos. Têm ginástica e têm pintura. Têm assim essas actividades. Mas eu por enquanto não me meti em mais nada. Quero, tou com os Arraiolos, quero acabar com os Arraiolos, não me quero meter em muitas coisas ao mesmo tempo. E então, tou a fazer os Arraiolos. Já fiz aqueles tapetes ali do meu quarto, já fiz três conjuntos para a minha filha... já fiz uma carpete redonda também muito bonita para a minha filha... porque a minha filha estava na casa, na outra casa, que ela tinha uma vivenda... não era vivenda, era um apartamento! E agora comprou uma vivenda! E então no apartamento só tinha uma sala... não tinha casa de jantar. E agora tem casa de jantar, e a casa de jantar é muito grande e agora fica aquela redonda para a sala e agora tou-lhe a fazer uma rectangular para a casa de jantar! Porque é enorme! São 3 metros... 2 metros e 80 por comprido, por 2 e 40 de largura.

P – E há quanto tempo está no Centro Paroquial?

R – Pufff... Há quase há 2 anos, há quase 2 anos! Se já não fez deve estar a fazer 2 anos. Já fez já, já fez 2 anos.

P – É o seu único hobby?

R – É, é... .. tenho mais! Mas isso são coisas assim... fazer “naprons”, crochés e coisas assim para mim. Mas desde que me meti nos Arraiolos que... eu quero é ver-me livre daquilo! [Risos] Quando começo a fazer aquilo, aquilo é uma obsessão que eu tenho...

que quero, tou ali até há uma hora da manhã, uma e meia a fazer aquilo, porque aquilo são coisas, peças muito grandes e que demoram muito tempo a fazer... e então é à noite.

P – Mas há um prazo para terminar esse curso de Arraiolos?

R – Não, não, não temos prazo. A gente faz o tempo que, que, calhar! Não temos prazo, aquilo é para nós. Não temos prazo certo, cada uma leva o tempo que entender! O tempo que puder, há pessoas casadas que têm filhos e estão lá a fazer, e fazem aos bocadinhos...

P – Portanto, reúnem-se só mulheres...

R – Reúne só mulheres. Quer dizer, agora é só mulheres! Mas também já teve homens! O António, conhece o António da Teresa? O António... ele já lá esteve mais a Teresa a fazer, a aprender também! O António! E andava lá um rapazinho ali da [aldeia perto da localidade onde Filipa reside], também aprendeu! Um rapaz? Um miúdo... praticamente... aí com uns 13 ou 14 anos também aprendeu!

P – Portanto, tem pessoas de várias gerações...

R – Várias, várias, várias idades. Não quer dizer que sejam pessoas da minha idade, não. Tem lá rapariguinhas novas... ... Tem lá uma, duas ou três aí com vinte e poucos anos.

P – Actividades desportivas não tem feito...

R – Não, não, não, não tenho feito nada! Não tenho feito nada porque não quero! Porque há. Não tenho querido. O próprio Centro Paroquial tem ginástica. E pretendo começar a fazer alguma coisa... Dantes, eu própria, por mim fazia só as caminhadas, mas por acaso agora parei, parei aí há uns meses parei, aí há 2 meses parei.

P – Há 2 meses...

R – Sim, parei agora de fazer porque... ahhh eu tinha frio de manhã! De manhã, às 7 horas da manhã comecei a ficar um bocadinho preguiçosa [Risos] Ter que me levantar...

P – E era um grupinho grande?

R – Era, ainda éramos umas poucas! Era eu, era a Carmo... a mãe da cabeleireira, era mais 2 senhoras amigas dela, 3, 4, e quem era mais? Não sei... eram aí umas 4 ou 5...

P – Era um grupinho!

R – Íamos até à praia... elas vinham aqui ter comigo e depois íamos até à [nome de uma aldeia a 5 km da localidade onde Filipa reside]... ... Mas elas têm tido coragem e têm ido! Mas também são mais novas que eu! São mais novas! Eu já tenho 73 anos! Já tenho 73 anos. E a Carmo tem 65, as outras... são todas na casa dos 60. Eu era a mais velha! Também não admira que sentisse mais frio! [Risos] Mas eu não queria dar o braço a

torcer! Eu andava sempre para a frente! [Risos] Não queria dar parte de fraca! E não dou, não dou parte de fraca, só que realmente... custava muito levantar assim tão cedo! Porque... porquê? Por causa dos Arraiolos! Porque deitava-me sempre muito tarde, a fazer serão nos Arraiolos! Depois tinha-me que levantar aí por volta das 6, 6 e tal da manhã para tar despachada às 7 e então dormia poucas horas e eu não posso dormir poucas horas senão fico assim...um bocado ensonada... e depois chegava a casa tomava um duchezinho, e depois pronto! Já estava pronta para a lida.

P – Fora os Arraiolos... o que costuma fazer agora durante a semana? A lida da casa...

R – Faço a lida... não vê que a minha casa é muito grande! E eu não tenho ninguém que me faça nada, eu é que faço tudo sozinha! Nada, nada, sou eu é que faço tudo sozinha! Agora tenho uma rapariga que é ucraniana que vai-se embora agora outra vez para a Ucrânia que combinei com ela agora... e tenho aqui um jardim muito grande, que empato muito tempo aqui com o jardim! Aquilo parece que não, mas... já não tenho os animais de criação, tinha coelhos, tinha galinhas mas como eu saio muito... Gosto muito de sair, de viajar, ainda agora... e... não tinha ninguém para estar a cuidar, tinha que estar a maçar as pessoas e para ficar e assim... não gosto de estar a chatear as pessoas! Para eu ir passear tar a incomodar os outros... não gosto! E então, deixei, acabei com isso tudo. Não tenho mais animais! Mas tenho o jardim que me empata muito tempo e, e... bastante! Porque tenho um jardim muito grande aqui a toda a volta da casa, tenho muitas flores... aqui atrás vem um homem tratar porque são mais as árvores e então isso... aí já não me empata tanto! Agora o jardim é que me empata muito! Empato muito tempo com o jardim, perco muito tempo, e gosto! É um trabalho que eu gosto de fazer! Distraí-me muito, distraí-me muito! Hoje logo de manhã quando me levantei já andei ali a tirar umas ervas e isso assim... e o pior foi que não calcei luvas nem nada e as urtigas dão-me cabo das mãos! Mas não faz mal! Quem corre por gosto não cansa!

P – A jardinagem é uma tarefa que lhe dá tranquilidade?

R – É, é, é, eu gosto... e às vezes estou chateada, aborrecida, tenho alturas que estou aqui aborrecida! Tenho assim... mas depois digo: “Ah! Vou para a rua!” E vou até lá abaixo ao café, encontro uma amiga, encontro outra e depois venho para cima e já estou bem! E saio muito! Saio muito! Ainda no domingo fomos... onde é que a gente foi no domingo? Fomos, fomos à... .. à Aula Magna! Para Lisboa!

P – Mas esteve num concerto?

R – Não, não foi concerto! Foi... palestras! Foi mais palestras, não foi concerto. Até tenho aqui... [Filipa vai buscar os folhetos da Palestra para me mostrar. A palestra foi dedicada à vida e obra de João Paulo II]. E este domingo vou numa peregrinação a Fátima!

P – Essas actividades são todas organizadas pelo Centro Paroquial?

R – Não, não. É entre nós, entre nós, umas pessoas assim... esta por acaso foi pessoas da Igreja... foi este, foi da Manifesta. [Filipa mostra-me finalmente os folhetos da palestra realizada na Aula Magna] Gostei muito de lá ir!

P – Foi neste fim-de-semana...

R – Foi, foi no domingo só. Eu saio muito! Tenho assim muitos convívios! Convivo com muitas pessoas. As minhas amigas assim estão-me sempre a convidar! Elas sabem que eu estou sempre pronta!

P – O seu grupo de amigas é um grupo fixo ou é...

R – Ai não! É muito diversificado! É. É muito diversificado. Tenho muita gente tanto de um lado como doutro, pessoas... tenho várias pessoas. Agora estas são mais para o lado da Igreja.

P – Pois, pela temática da palestra...

R – É, é. Agora no sábado e domingo vamos realmente para Fátima... fazer a peregrinação. Mas já tenho aqui outras... que é daquelas raparigas da [loja da localidade onde Filipa reside], as funcionárias da [loja da localidade onde Filipa reside] que organizam uma excursão sempre todos os anos que é o grupo das Marias, isso aí já não tem nada a ver com a Igreja nem nada! Isso aí já é outra, já é outro género de pessoas! [Risos] É mais para bailes, e dançar e para...

P – E costuma sair mais ao fim-de-semana?

R – É, é aos fins-de-semana que é quando elas podem! Porque são empregadas, e é quando podem... aos fins-de-semana é que... é quando a gente sai. Por isso são vários géneros de paródias! [Risos] É. Estou sempre assim em acção! [Risos] Quando não é de um lado é doutro! [Risos] Dou-me bem com tudo!

P – E costuma sair do nosso país?

R – Ai isso... Agora não tenho saído... Mas já saí muito! Tenho ali muitas cassetes gravadas... Já fui à Rússia! Até à Rússia... Fui ao Japão!

P – Ai sim?

R – Sim. Fui à Rússia, fui ao Japão e tenho ali cassetes gravadas que eu gravei! Fui a vários... .. Fui à Tailândia... Fui a Hong Kong, fui a Macau....

P – Com quem foi se não é indiscrição?

R – Fui, fui, fui através da organização... através da Igreja. O Padre, que é o Padre Cordeiro que organiza, que é de Lisboa, e depois através da Igreja daqui perguntou se há algumas pessoas interessadas em ir e depois a gente vai. As pessoas que estão interessadas inscrevem-se e vamos!

P – E as pessoas que vão daqui são mais mulheres ou mais homens?

R – Não, não, é só mulheres! É do grupo.... do movimento do MEV, Movimento Esperança e Vida , movimento só de viúvas.

P – Faz parte então desse movimento...

R – Desse movimento, eu faço parte desse movimento. Eu faço parte desse movimento das viúvas. MEV, Movimento Esperança e Vida! É esse movimento das viúvas, é só viúvas que vão! Não vão outras pessoas sem ser viúvas... nem vão homens! Só senhoras!

P – Portanto, foi a partir da sua condição...

R – De viúva [É Filipa que conclui o meu raciocínio] que eu comecei, que eu integrei-me nesse grupo, nesse movimento, aliás! E comecei a sair assim...

P – E integrou-se no movimento por sua iniciativa ou alguém a convenceu?

R – Foi alguém... umas senhoras que já eram viúvas que me começaram a convidar e a dizer: “*Anda, anda...*”. Nós temos mesmo aqui, no Santo António aqui na [localidade onde Filipa reside] temos, de tempos a tempos, temos reuniões, temos reuniões para combinar as coisas.

P – E há órgãos de direcção aqui na [nome da localidade onde Filipa reside] do movimento?

R – Sim, há, temos uma presidente... que é a Dona Dália. Conhece a Dona Dália? Dália Carvalho?

P – Sim, sim!

R – E ela é uma pessoa muito ligada à Igreja... está sempre na Igreja.

P – E a dona Filipa? Costuma ir à missa?

R – Vou, vou. Vou várias vezes, mas principalmente ao domingo. Principalmente ao domingo vou sempre. De manhã! Porque à tarde é lá em baixo no Santo António [igreja da localidade onde Filipa reside], mas eu gosto mais de ir aqui... na Igreja do Castelo.

Lá em baixo no Santo António não me sinto bem! É... é muito fechada, muito apertada, muito cheia de gente, e não tem uma janela, não tem nada para se respirar, sinto-me mal, não me sinto bem com... aquelas pessoas todas ali muito apertadas, sem ter respiração... E depois metem-se... as pessoas que não cabem lá dentro ficam à porta! Ainda menos ar... puffft... entra para lá... não me sinto bem! Parece que me falta o ar, não consigo parece que respirar! E aqui no Castelo não! No Castelo tem aquelas portas grandes, abertas, e já... pronto! É uma Igreja maior, mais alta, tem aquela, tem aquela altura toda, tem mais ar, tem mais circulação de ar [Risos] Pronto, não me sinto... Sinto-me bem! Por isso, é que eu gosto mais de ir aqui à Igreja do Castelo!

P – E ao fim-de-semana... costuma estar com a sua filha e netos?

R – Sim, sim, quando não saio vou almoçar a casa... quase sempre vou à missa e depois vou almoçar com a minha filha, quase sempre... Ela agora mora aqui na [aldeia perto da localidade onde Filipa reside]... comprou uma vivenda aqui na [aldeia perto da localidade onde Filipa reside]... e é para essa dita vivenda que eu estou a fazer então a tal carpete.

P – Tem carta de condução?

R – Tenho! Tenho, tenho! Tenho carro e tenho carta de condução. Tirei-a depois do meu marido morrer. E tenho, tenho o meu carro aqui... [Filipa aponta para o local onde tem o carro] O carro está na adega que faz de garagem. Porque aqui é que é a garagem, nesta casa aqui é que é a garagem [Filipa aponta para o local onde se encontra a garagem] mas eu tenho aqui isto cheio de coisas da minha filha... está cheio de coisas da minha filha na garagem.... então a adega é que faz de garagem para mim! [Risos]

P – Com carro não está dependente de ninguém...

R – É, é... tou sempre disponível para sair para qualquer lado. Por isso é que eu depois vou ter com a minha filha ao domingo. Almoço lá com ela. A maior parte das vezes... outras vezes saímos, vamos almoçar fora... é conforme calha!

P – Em relação ao envelhecimento... nas últimas décadas que transformações é que nota no seu corpo?

R – Eu, eu parece que nem, nem dou por isso! Nem reparo muito nisso... [Risos] Mas pronto... tenho rugas, principalmente. No resto do corpo não noto muita diferença. É mais na cara. Não sei se é por eu olhar mais para a cara do que para o resto do corpo! [Risos] Não noto assim muita diferença! Há pessoas que notam assim nas pernas varizes... e... mesmo assim não, não noto, não noto assim grande diferença... tenho... ahh ahh... ... tenho as pernas normais como tinha dantes, os seios também não são

daqueles seios assim muito pendurados, descaídos, nem nada... É a cara, a cara é que eu noto que realmente envelheci muito é na cara, a minha cara é muito... não sei se é de eu andar muito lá fora ao sol e não proteger muito. Sou muito descuidada, não ponho cremes nem nada disso. Agora é que depois do... costuma-se a dizer: “*casa roubada tranças à porta*”. [Risos] Agora depois de eu ter as rugas é que eu ponho creme! [Risos] Porque quando vou lá para fora para o jardim apanho muito sol, apanho muito vento, assim na cara! E talvez seja por isso que tenho a cara um bocadinho estragada, mas de resto não... .. Cabelos brancos! Mas isso também não há problema porque os pinto! [Risos]

P – Realmente ia-lhe perguntar que cuidados tem com o seu corpo...

R – Então uso creme para as rugas, pinto o cabelo, maquilho-me todos os dias, ai isso todos os dias tenho que me maquilhar! Não me posso ver ao espelho sem estar maquilhada! [Risos]

P – Que outros cuidados é que tem? Faz dieta alimentar ?

R – Não, não, não faço dieta nenhuma alimentar. Não faço. Quer dizer, ah evito certas coisas, não é? Porque tenho o colesterol um bocadinho elevado... e... tinha! Agora como tenho tido um bocadinho mais de cuidado com certas coisas alimentares, por exemplo, peixe frito não como. Sei que me faz mal não como. Os fritos, qualquer género de fritos, batatas... peixe e essas coisas... todos os fritos evitei, cortei! Eliminei o colesterol... Agora fui fazer umas análises e estava bom. Pois. Então essas coisas assim que me fazem mal não como, pronto! A minha dieta é assim. Se eu sei que isto ou aquilo me fazem mal não como, pronto, corto! Logo, radical!

P – E os docinhos?

R – Os doces isso... sou um bocadinho gulosa, mas também não exagero... não abuso, não exagero. Gosto, mas é assim um bolinho de vez em quando ou uma coisa assim, também não é nada de exagerado. Gosto muito de chocolates, mas isso também, também é lá de vez em quando... também não é coisa... não sou, não sou assim muito exagerada.

P – E há alguma coisa que tenha deixado de fazer no cuidado com o corpo por causa da idade ou com o passar dos anos?

R – Não, não sei... não, acho que não... eu até vou para os bailes e danço com quem me vem buscar, homens e tudo! Não... Nem penso na idade, percebe? Não penso, não penso, não penso na idade! Então eu faço tudo! Faço tudo normalmente! Nem penso

para trabalhar, nem penso para me divertir, não penso nada! Não penso na idade... .. Eu para mim não ligo à idade! [Risos]

P – Ouve-se falar em velhice e terceira idade... qual dos termos prefere?

R – Hum... talvez terceira idade... Velhice parece que não gosto de ouvir. Não.

P – Então porquê?

R – Porque não me sinto velha e como não me sinto velha... Terceira idade talvez se aplique mais... Para mim aplica-se mais terceira idade porque já fui criança, já fui jovem e agora tou talvez na terceira idade...

P – Então para si o que é que define uma pessoa velha?

R – Ahh... Velha é uma pessoa inútil, que está para ali, que já não serve para nada... se eu estivesse doente, ou, ou, ali para um canto e não pudesse fazer nada, mas eu faço tudo como quando era nova! Eu tenho ali... aquele saco ali está cheio de lençóis velhos [Filipa aponta para o saco perto da máquina de costura] São lençóis que eram da minha filha, e eu estou a aproveitá-los para fazer almofadas. Tá a ver? [Filipa mostra-me os lençóis] Eu faço tudo! Faço tudo... eu faço tudo quanto é preciso!

P – Tem aí também a máquina de costura... e tem “bons” olhos para fazer esse trabalho?

R – Consigo, consigo! Faço tudo! Por isso eu digo que eu não me considero velha. Eu faço tudo quanto eu fazia quando era nova! Faço a limpeza na minha casa, eu ponho-me em cima de um escadote, limpo os armários por cima, limpo os móveis por cima, eu não me considero velha! Trabalho... aqui nesta casa, qu’esta casa é muito grande! E ainda faço as coisas para a minha filha! Muitas coisas para a minha filha! Faço comer para a minha filha, quer dizer, ela como trabalha, sai de manhã e entra à noite. Certas comidas ela não tem tempo de fazer! Faz batatas cozidas com peixe ou peixe frito ou, ou uns bifes ou uma coisa assim mais rápida!... Mas certas coisas ela não tem tempo! De fazer certas sopas que demoram mais ela não tem tempo! E eu então calo-me bem caladinha e faço. E eu depois telefono para ela e digo: “*Ó Ana passa por cá que tens sopa!*” [Risos] Eu pergunto: “*Queres sopa? Queres sopa?*” E ela: “*Ah já sabes que isso... é sempre bem-vinda!*”. É a palavra dela: “*É sempre bem-vinda!*”. E depois passa por cá e vem buscar! Eu, só quando eu vejo é que posso fazer e depois de já estar feita, porque às vezes pode haver qualquer empate e eu dizer-lhe que faço e depois não poder fazer... depois de estar quase feita é que eu lhe telefono a dizer: “*Tu queres sopa?*”... “*Ah já sabes que é sempre bem-vinda!*”... e depois passa por cá e leva a sopazinha para ela.

P – Portanto, associa sempre a velhice a uma situação... [Filipa não me deixa terminar o raciocínio]

R – Inútil! Inútil! É inútil... Não tem actividade... Tá velho... como um trapo! Um pano! A gente tem um pano e enquanto pode, como eu agora estava a buscar o exemplo dos lençóis, os lençóis, os lençóis ainda não estão velhos! Estão velhos. Mas ainda têm utilidade! Ainda dá... Dos lençóis que estão velhos ainda vou... tá ao meio roto, mas ainda vou aproveitar os lados para fazer umas almofadas, ou uns panos para limpar copos ou coisas assim. Portanto, tão velhos mas ainda têm utilidade! Ainda não estão completamente inúteis! É como eu... me sinto! [Risos] Que estou, tenho idade, tenho 73 anos, tenho idade, mas não tou inútil! Não tou inutilizada, ainda estou, ainda me sinto, pronto! Tou na terceira idade! [Risos] Acho mais próprio estar a dizer terceira idade. Para mim, para mim acho mais próprio o termo terceira idade porque já tive a primeira idade, porque era criança, depois fui jovem e agora estou na terceira idade, pronto! Acho mais, para mim está mais adequado. Agora, se eu tivesse a infelicidade de ter uma doença, de estar inútil como a Zezinha coitadinha está, não é, aí estava, aí estava, realmente já estava, coitadinha, se eu tivesse a infelicidade dela... se eu tivesse a infelicidade de ter assim uma doença em que estivesse inútil, pronto, isso realmente já me podiam chamar velha, um trapo que está para ali! É estar-se inutilizado... A velhice não quer dizer só uma idade avançada... para mim, na minha maneira de ver, acho que a velhice é o estado em que a pessoa se encontra. Graças a Deus até hoje posso me considerar que não sou velha porque faço tudo! E o meu corpo também não sinto, olho para mim e também não me vejo velha! O corpo deteriorado com a idade... não noto! ... E sinto-me bem! Vou para os bailes, danço, com quem me vem buscar...

P – Onde se realizam esses bailes?

R – Ai... é em vários sítios! Onde houver é onde vou... Com as minhas amigas. Quando elas me convidam! Há em vários sítios.

P – As suas amigas... são quase todas viúvas?

R – A maior parte, a maior parte. Outras são casadas e vão connosco, mas é raro. Às vezes algumas são casadas e vão com os maridos... e a gente vai com eles. Isso não há...

P – Os bailes são aqui pelas aldeias do concelho?

R – Sim, isso é na altura das festas. Não é? Na altura do verão, quando há aquelas festas de ano? Isso é... Mas durante o resto do tempo também há! Há festas! Há certos sítios que até há festas todo o ano! Há mesmo umas casas para haver aqueles bailaricos! Há, há.

P – Pensa no futuro?

R – Eu não, não penso! Mas tou sujeita a tar assim e de um momento para o outro começar a cair. Uma doença... Assusta-me é ficar doente... isso sim. Ser um fardo. Agora as rugas... não. È natural!

P – No seu dia-a-dia não pensa no futuro...

R – Não, eu não penso. Nem quero! Vai-se vivendo o dia-a-dia e não vale a pena fazer planos. [Risos] É, é. Vivo o dia-a-dia e pronto! Pronto, assusta-me ficar doente e assim. Mas não penso nisso!

P – Nem pensa no passado?

R – Ah! Não. Às vezes, às vezes penso um bocadinho, às vezes começo a ver fotografias e tal, se calha! Abrir uma gaveta e que vejo fotografias começo a ver as fotografias e começo-me a lembrar... isso às vezes penso, penso, nessa situação...

P – E fica tristonha ou recorda...

R – Ah, não, não. Recordo com, com... com um bocadinho de saudade, mas tristeza, tristeza não! Mas com um bocadinho de saudade... às vezes é verdade! Sinto um bocadinho de saudade do passado, das coisas boas. Mas também tenho outras coisas que não me dá saudade nenhuma! [Risos] Tenho coisas do passado que também não me dá saudade nenhuma! Não, não. Tenho certas coisas do passado que é para esquecer!
[Risos]

P – Diga-me... há quanto tempo está viúva?

R – Eu já estou viúva há 15 anos.

P – O que é a viuvez representou para si?

R – Ai... eu até nem sei se deva dizer! [Risos] Num certo aspecto, num certo aspecto, derivado ao feitio do meu marido, representou uma liberdade... .. Uma liberdade. E depois há uma parte de saudade também. Saudade, liberdade... Porque ele era uma pessoa que me mantinha muito presa... Uma pessoa muito controladora, muito mesmo. E mulherengo!

P – E não pensou voltar a casar?

R – Não, e tinha quem me quisesse! Oh, e mais que um! A quererem que eu casasse, mas eu é que não quis! Pois se eu estava tão escaldada do primeiro! Táva tão mal! Vivi tão mal... Táva mal, quer dizer... mas eu táva... é aquela coisa, “*gato escaldado de água fria tem medo*”, *não é?*” E eu, táva tão bem, tão livre! Estou, estou com a minha liberdade... faço o que quero, vou para onde quero... tá a ver as viagens que eu fiz? O que eu passei? Se eu estivesse... tinha que estar a dar satisfações! E podia querer e podia não querer! E eu fui a tanto lado... fui passear...

P – Qual foi o país onde mais gostou de estar?

R - Como país gostei muito da Rússia, mas a maneira deles viverem... coitados! Não gostei nada... tenho ali as cassetes... O meu neto é que está sempre a ver as cassetes, gosta muito, mas desarruma-me tudo! [Filipa levanta-se e vai buscar as cassetes]

P – Qual foi a última viagem que fez?

R – Há Noruega e à Suécia... foi a última. Já não me lembro a data precisa... mas tenho aqui nas cassetes, está aqui registado nas cassetes... acho que foi 1999.

P – Portanto, não tem saído do país desde essa altura...

R – Pois não, não. Passeio cá dentro! [Risos] E agora este fim-de-semana vou então a Fátima... é muito engraçado porque todas temos de levar um lenço duma cor... nós é amarelo... as pessoas dos outros sítios levam outra cor. Cada pessoa tem de levar um lenço. Aqui o concelho da [localidade onde Filipa reside] tem o lenço amarelo. Algumas compraram um lenço em bico, mas eu por acaso, gosto mais, comprei assim uma écharpezinha...

P – Mas a cor identifica o quê? O concelho ou o distrito?

R – ... Olha! Também já não sei se é concelho se é distrito! Mas tenho a impressão que é distrito, aqui de Torres, porque...

P – De Lisboa...

R – Pois, pois de Lisboa...

P – Seriam muitas cores se fosse por concelho, não?

R – Pois não, pois é, deve ser é distrito, deve ser... distrito é de Lisboa! Pois é! Porque eu tenho a impressão que as de Torres Vedras e assim também levam esta cor! É, é.

P – E no movimento... no MEV... existem quotas?

R – Quotas? Não, não, não temos nada.

P – Não contribuem...

R – Não, nada... as viagens é que são pagas por nós!

P – Aqui no concelho que percepção é que tem... há mais viúvas ou viúvos?

R – Não, não, é mais viúvas! É, é... às vezes já temos falado... os homens podiam também se organizar e fazer um movimento e saírem juntos, mas não, não. E algumas assim mais descaradas dizem: “*Mas porque é que eles não se juntam com a gente e vão connosco?*” E algumas assim como a Dona Dália ,que são assim mais ferronhas, mais coisas dizem: “*Não, não, a gente não quer cá misturas!*”. [Risos]

P – Não há então nenhum movimento de viúvos aqui no concelho?

R – Não, não. E que a gente saiba em lado nenhum! Não há. Os viúvos, os homens querem é sair para os copos! Mais nada! [Risos]

P – É essa a ideia que têm?

R – É essa a ideia que temos!

P – Como é que têm conhecimento das acções do MEV?

R – De tempos a tempos a gente reúne-se lá em baixo no Santo António... e vem cá o Padre Cordeiro com as directoras do movimento... a gente reúne-se de tempo a tempo... não tem um tempo certo... é de tempos a tempos! Reunimo-nos... Há sempre coisas a tratar. O padre Cordeiro, que é o presidente do movimento, não tem vindo ultimamente. Creio que tem estado doente.

P – E qual seria a reacção mais provável da sua filha se a senhora voltasse a casar? Aceitaria bem?

R – Ah... sim! Ela aceitaria... ela pensa que se eu entendesse que devia casar casava, se eu não entendesse não casava! A decisão é minha. Para ela era indiferente, mas eu acho que ela até gostava que eu me casasse... se fosse para bem! Se fosse para bem, tudo bem. Mas se eu quisesse caso, se eu não quisesse não caso... isso não... para ela era indiferente...

P – O facto de não ter querido casar deriva desse medo de perder a liberdade que conquistou?

R – Eu nunca pensei verdadeiramente em casar! Não, não. Pronto, perder a liberdade perdia sempre, não é? Pois está claro! Uma mulher que tem marido, que tem um homem, perde sempre a liberdade! Tem sempre que lhe dar satisfações: “*Olha vou para aqui, olha vou para ali*”. E, e... Perde sempre um pouco a liberdade. E... conforme o feitio dele também! Se for como o feitio que o meu tinha... isso então! Eu até para ir ali abaixo à loja ao Antunes eu tinha que lhe dizer: “*Eu vou ali*”... Quer dizer, o meu marido era deste género assim: nós, íamos... comprava as coisas sempre juntos, nunca podia comprar as coisas aqui na [localidade onde Filipa reside]... não comprava nada para a casa, de coisas de mercearia... ou de carnes, ou de talho... não comprava nada aqui, tanto que ninguém me conhecia aqui na [localidade onde Filipa reside]! Depois do meu marido morrer as pessoas... foi naquela fase da virem os retornados... e as pessoas quando eu ia à rua [Risos] pensavam que eu era retornada! Diziam assim: “*Ai a senhora é retornada?*” E eu dizia: “*Ai não, não sou retornada... Porquê?*” “*Ah, a gente não conhecemos a senhora!*” Pronto, não conheciam porque eu não ia tanto à rua, não era por ser retornada! E... porque não me viam! Nós, quer dizer, as coisas de mercearia íamos a Torres, trazíamos as coisas... mas havia sempre uma coisita que faltava... ou um bocado de pimenta ou colorau ou uma coisita assim que às vezes não... que me passava e faltava! E então eu ia aqui abaixo ao Antunes buscar, e ele ficava aqui em casa. Ele olhava logo para o relógio quando eu saía de casa... e quando eu chegava olhava para o relógio outra vez! E assim: “*Para ires aqui a baixo foi preciso demorares tantos minutos!* Dizia-me logo os minutos que eu me tinha demorado, tá a ver? “*Então mas o que é que tu queres? Estavam pessoas à minha frente e eu não ia passar à frente das pessoas para me aviar uma coisinha destas!*” Ele assim: “*Pois, estiveste foi na conversa!*”, “*Eu? Então eu nem conheço as pessoas! Nem as pessoas me conhecem a mim! Agora eu tar na conversa...*” Pronto, havia logo problema! Começava logo a ralar e tal... “*Pois, por isso é que eu não quero que vás para a rua, que vás para lá dar à língua e isto e aquilo e aqueloutro...*”, “*Ora, eu nem conhecia as pessoas e ia-me por a conversar! Ora eu não queria era pôr-me à frente dos outros!*”. E depois começava-me logo a chatear, havia logo discussão! Pronto! Por isso é que eu digo, eu fiquei tão escaldada que nem pensar em falar em ter outro homem! Nem pensar... .. não quero! Pronto, depois de enviivar fechou-se a porta!

P – Até onde estudou?

R – Só tenho a quarta-classe.

P – Exerceu alguma actividade profissional?

R – Costura. Fui costureira.

P – A senhora é daqui do concelho?

R – Não, não, eu não sou. O meu marido é que é da [aldeia perto da localidade onde Filipa reside]... E depois, eu sou de Almada. Nasci em Almada. E depois quando casámos o meu marido, como era da [aldeia perto da localidade onde Filipa reside], dizia para mim que *“Eu quero arranjar maneira de fazer uma casa lá na [aldeia], que eu gosto de viver lá”*. E eu não gostava nada, não gostava nem gosto, nem da [aldeia perto da localidade onde Filipa reside] nem de viver aqui nestas aldeias! Não gostava! E disse assim: *“Ai credo! Não me digas! Que eu agora hei-de acabar os meus dias na [aldeia onde o marido de Filipa nasceu]! Ai credo! Nem me leves para aí que eu morro mais depressa!* [Risos] *“E eu não quero, eu não vou para lá, eu não vou, olha vai tu, eu não vou, eu não vou!”* E não! Eu não queria vir nem que me arrastassem! Eu não queria! E depois... ele tem família aqui na [aldeia perto da localidade onde Filipa reside], um sobrinho, e tem nas [outra aldeia perto da localidade onde Filipa reside], também sobrinhos, e viemos cá visitá-los um domingo... que vínhamos cá muitas vezes, e eu disse ao pé deles, eu disse, eu até é que puxei a conversa: *“Ai, agora o teu tio anda com a mania de querer arranjar um terreno para fazer uma casa na [aldeia], mas eu não quero de maneira nenhuma!”* E o sobrinho, como já sabia que eu que não queria, ajudou-me! E disse: *“Ah, não queira não, que aquilo é uma pasmaceira que não presta para nada! Vem agora habituada de Almada... vir agora para a [nome de aldeia]!”* E eu disse assim: *“Ainda se fosse na [localidade onde Filipa reside], ou em Torres! Agora na [aldeia onde o marido de Filipa queria construir casa e viver]... Deus me livre se eu ia para a [aldeia]!”* E ele disse assim: *“Ah, não queira não. Realmente a [aldeia] não presta para nada! Vem agora de, de, de lá perto de Lisboa... vir praticamente de Lisboa e vem enterrar-se... não venha não, não queira!”* E o meu marido: *“Ahh, mas onde é que eu arranjo terreno agora na [localidade onde Filipa reside]?”* E o meu sobrinho: *“Deixe estar que eu procuro um terreno e arranjo-lhe!”* E ele ajudou-me! Naquela altura havia assim aqui muitos terrenos, como esta, e não era um terrenozinho só para uma casa! Os terrenos eram muito grandes! Lembra-se como era isto tudo dantes? Isto era uma quinta... tinha aqui muitas árvores de, de pereiras, e de pessegueiros e citrinos!

P – Sim, sim, a sua propriedade era imensa...

R – Se era! Pois, pois. E tínhamos muitos animais... galinhas, coelhos... porcos! [Risos]
E o meu marido que gostava muito de paródias, ele gostava muito! Gostava de receber pessoas... fazíamos matanças de porco... .. E então depois pronto, lá o meu sobrinho, o sobrinho dele, pronto ele chama-me tia e eu também chamo sobrinho... Os sobrinhos, eles são muito meus amigos. Têm sido sempre! E esse sobrinho lá arranjou o terreno, e depois comprou-se o terreno e pronto fez-se aqui a casa! Pronto. E foi assim que nós viemos para aqui!

P – Saiu de Almada e veio logo para aqui?

R – Viemos logo para aqui... pois ele fez aqui a casa. E enquanto ele fez a casa, nós, quando vínhamos cá, ficávamos de um dia para o outro ou assim e aos fins-de-semana ficávamos na casa desse sobrinho, na [aldeia perto da localidade onde Filipa reside], e outras vezes ficávamos nas [outra aldeia perto da localidade onde Filipa reside], mas quase sempre era na casa do sobrinho...

P – Há quanto tempo mora aqui?

R – Já estou aqui na [localidade onde Filipa reside] há... a minha casa está feita há... que um dia destes estive a ver nos papéis ali... tou aqui já na [localidade onde Filipa reside], ahh a casa já tem... .. quase 30 anos... tem 28 anos, esta casa já tem 28 anos de feita! Por isso, eu já cá estou há perto de 30 anos. Porque enquanto se fez, não fez, e tal, tratar de papéis e essas coisas... há bem 30 anos que aqui moro. Há 30 anos.

P – Não tinha cá nenhuma família?

R – Não, não, só o meu marido, da parte do meu marido. Ele é que tem cá famílias. Eu não. A minha família está toda ali por Almada... tenho 2 irmãs e 2 irmãos. Tinha 2 irmãos... um deles morreu. E tenho sobrinhas no Brasil... três sobrinhas. E nunca fui ao Brasil! E já tenho tido, tenho tido oportunidade de ir! E elas estão sempre a dizer: “*Ó titi vem, vem, vem que a gente vai-te buscar ao aeroporto. Tás um dia em casa de uma...*” Que elas já tão casadas e tão cada umas no seu estado! Uma está em Manaus, outra está em Brasília e outra está... onde é que está a outra? Belo Horizonte! São três...

P – E nunca se decidiu a visitá-las?

R – Pois... realmente... até podia ir sozinha, metia-me num avião, elas estavam lá no aeroporto à minha espera.... não tinha problemas com a língua. Mas não me tem puxado a ir, não sei porquê!

P – Será por ir sozinha na viagem?

R – Secalhar é, secalhar é. Sozinha parece que não me dá assim muito jeito para ir... Parece que em grupo é mais engraçado... ... a viagem ao Japão então foi muito engraçada! Quando chegamos ao Japão estava lá um casamento, no hotel onde nós ficámos, estava lá um casamento de uma japonesa! Foi muito giro, foi engraçado. Mas o Japão não tem nada a ver connosco aqui, nem connosco e não tem nada a ver com a própria Tailândia que eu visitei na mesma altura. Porque eu fui também à Tailândia...Ai... Mas olhe, eu gostei tanto do Japão e não gostei da Tailândia! Não gostei da Tailândia... Olhe, na mesma viagem... que fomos ao Japão e à Tailândia... ... Na viagem do Japão... que primeiro fomos ao Japão, que foi quando chegamos fomos ao Japão... Aquilo era um asseio! ... Uma limpeza que até nos táxis tinham uns “naprons” por cima das costas, dos assentos... tudo corridinho, assim branquinho, branquinho, branquinho assim da cor do fundo desde papel! Tão branquinho, tão limpinho, tão limpinho, de croché, feito em croché... pr’ás pessoas se encostarem. Limpinho, limpinho, limpinho. Os taxistas com umas luvas brancas, branquinhas, limpinhas, limpinhas que aquilo até dáva gosto ver! Nas ruas as pessoas fumam, aqui em Portugal e nas outras terras, que eu já tenho visto... fumam e deitam as pontas dos cigarros pró chão! Lá tem de X em X metros uns cinzeiros! Um género duns cinzeiros, umas coisas assim redondas, altas, assim da altura mais ou menos da cintura das pessoas, cheios de terra, ah, de areia! Uma areia encarniçada pr’as pessoas... vão ali, apagam o cigarro e fica ali. E depois andam as pessoas, mulheres, como andam aqui a varrer as ruas, a despejar aquela terra fora e a pôr outra terra limpa. Aquelas ruas estão limpíssimas, limpíssimas! Eu nunca vi tanto asseio! Dentro do hotel... tão limpo, tão limpo! As passadeiras das escadas que subimos, vermelhas! Mas não se via ali uma pegada de uma pessoa! Não se via uma pegada naquelas passadeiras vermelhas! Podia-se ver ali os pés, não é? As pessoas vêm da rua... Mas não se via ali um pó de uma pegada! Em compensação vamos para a Tailândia e é a coisa mais porca! [Risos] Coisa mais porca que eu nunca vi!

P – Quanto tempo é que durou esta viagem?

R – 15 dias nos 2... ao todo. Na Tailândia só gostei dos espectáculos... elas a dançar... aquelas danças tailandesas. De resto... Mas foi engraçado que no dia que chegamos lá ao Japão havia um casamento! Que engraçado que era o casamento! Gostei muito de ver o casamento! Quando chegámos ao hotel, não foi ao Japão, quando chegámos ao hotel, havia lá um casamento. Depois quando nós vimos o casamento lá no hotel virámos as

costas e íamos para o nosso quarto e eles começaram a chamar-nos para nós assistirmos ao resto do casamento... a puxar por nós para a gente ir, foi muita giro... o casamento é muito bonito! É uma cerimónia... Eu não sei, não sei explicar! Mas era muito diferente do nosso... .. Não é só viajar, só passear, só ver a terra. Há aquelas coisas que a gente fica... eu gostei muito do Japão, e da Tailândia eu não gostei por causa das ruas muito sujas, as pessoas a comer no chão, assim sentadas no chão com as pernas cruzadas, descalços, com as solas dos pés muito sujas [Risos] Há muita pobreza... mas em compensação têm aquele Buda ou que é aquilo... aquele santo Buda... vão ali pôr frangos, farnéis... muitas frutas ao pé do Buda e eles cheios de fome! Então tem algum jeito? [Risos] Em compensação têm isso que não faz sentido nenhum! Eles têm aquelas crenças que depois o Buda lhes dá em dobro... Dá em dobro! Pronto, são crenças não é? ... Ah... e depois também fomos às praias da Tailândia e isso gostei, gostei. Mas eu, eu, essas coisas, essas coisas eu vou mais amiudar estas coisinhas assim da maneira de vida das pessoas, eu aprecio nas viagens é mais a maneira de vida das pessoas... As praias e isso gosto de ver, mas é só assim só de ver, só de ver! Agora gosto é, aprecio muito é o modo de vida das pessoas, como é que elas vivem, pronto, não sei o que é... É a minha maneira de ser também...

P – Qual era o país que agora gostava mais de visitar?

R - Ai filha... palavra de honra que nem sei... não pensei nisso! [Risos]

P – Quem organiza essas viagens? É através do MEV que vão?

R – É, é, é. Tudo muito bem organizado, muito bem, muito nem mesmo. Mal chegamos ao aeroporto temos sempre um autocarro, temos sempre tudo ali impecável. E temos sempre os... temos sempre alguém do país que estamos a visitar que nos acompanha durante a estadia e outra pessoa que vai connosco aqui de Portugal! E então eles traduzem. E nós percebemos tudo na mesma.

P – Recorda-se da altura em que teve a sua menopausa?

R – Sim, sim, lembro-me de começar com afrontamentos... lembro-me disso, lembro-me. E já estava preparada para isso, já estava preparada, porque eu já tive a menopausa um bocadinho tarde...

P – Que idade tinha então?

R – ... Tinha quase 60 anos, já tinha 58 ou 57... 57, 58 anos. E então eu ouvia as minhas amigas dizerem que com cinquenta e poucos anos, 56, 54, que era nessa altura... e eu já tive quase com 60! Não sei se tinha 57 ou 58... 57, 58, não estou bem certa. E eu já andava admirada até, até estava para ir ao médico. “*Se chegar perto dos 60 e que não*

venha tenho que ir ao médico!” [Risos] “Que isto não pare tenho que ir ao médico!” E então já estava preparada para isso. Comecei a sentir aqueles afrontamentos, aqueles afrontamentos e assim... até que pronto, parou! Mas eu nunca fui pessoa de sofrer nem com a menstruação nem com a menopausa nem nada! Nunca tive assim... nunca sofri nada não com isso... Por isso a esse respeito... A esse respeito e a outros! Fui sempre uma pessoa saudável. Graças a Deus!

P – Nem nunca tomou nada por causa da menopausa?

R – Não, não. Nunca fiz nada. Sempre fui muito saudável... Os únicos problemas que tive há foram há muitos anos... Aí há uns 20 anos... 26, 27 anos talvez! Bem, nessa altura até pensei que ia morrer, mas depois quem morreu foi o meu marido! Eu era para ser operada era à vesícula e o doutor disse: *“Não, não vai ser operada nada à vesícula, vai é ser operada é à tiróide, porque a tiróide é que está mais precisada”*. Disse o cirurgião...

P – Portanto quando ia ser operada à vesícula foi, foi depois...

R – Foi, foi... fui é operada à tiróide porque estava mais necessitada!

P – Tinha que idade quando se casou?

R – [Risos] Ahh! Mas qual dos casamentos? Eu fui casada duas vezes! [Risos]... Ai... isso é uma história muito engraçada! [Risos] A história é muito engraçada! Se começar a contar do início é muito engraçada... [Risos] Não tem graça nenhuma, mas faz de conta! [Risos] É fora do vulgar. É assim: eu casei-me com 21 anos. Do primeiro casamento tive a minha filha... ... Tive a minha filha, depois a minha filha tinha 6 anos... o meu marido arranjou outra mulher, deixou a casa e divorciei-me mesmo! Então se ele deixou a casa! Depois ao fim de 5 anos conheci o meu marido, o segundo, que era amigo do meu pai. Era amigo do meu pai. Isto estar a contar em pormenor isto não interessa! Estou a contar assim por alto. Ahhh... Ele era amigo do meu pai e ele tinha um filho, tinha um filho, que naquele tempo usava-se... os rapazes, os homens usarem ceroulas. E então como nós éramos costureiras, eu e a minha mãe, e ele era amigo do meu pai ele pediu ao meu pai se havia alguém que fizesse umas ceroulas para o filho. O meu segundo marido! E o meu pai disse: *“Então a minha mulher a minha filha trabalham de costura vai lá e elas fazem-te isso!”*. E pronto, foi lá que o meu segundo marido me conheceu. Foi lá ter com a minha mãe, para a minha mãe ou eu fazer as ceroulas para o filho. E foi aí que eu conheci o meu segundo marido, e depois pronto, conheci o meu segundo marido e aí andamos, andamos até que nos casamos. Casei.

P - Tinha que idade?

R – ... Uns 34, 35 anos. Acontece que depois, ele tinha um filho já crescido, eu também tinha uma filha já crescida, isto depois de nos casarmos, não é? Casámos, fomos lá morar para uma casita perto de Almada... Porque depois... Isto é uma história! Parece a história da carochinha! [Risos] Acontece que depois a minha filha... e o filho dele, pronto, o filho visitava o pai, não é? Pronto, ele táva a viver com a mãe, mas vinha visitar o pai... ... ao visitar o pai via a minha filha! Começaram a gostar um do outro, casaram-se!! [Risos] A minha filha... é casada... com o filho do meu marido! [Risos] Por isso é que eu digo que isto é a história da carochinha! Depois divorciaram-se... agora estão divorciados. Mas casaram!

P – Realmente! É uma história...

R – [Risos] É, é. Quer dizer, o meu marido conheceu-me por causa das ceroulas do filho [Risos] e depois o filho casa com a minha filha! [Risos] Eu quando começo a pensar no princípio da história e que vou até ao fim começo-me a rir sozinha! [Risos] Quando começo a pensar nisto do princípio dá-me vontade de rir: “*Ora que coisa esta!*”

P – É realmente uma história curiosa! Mas, portanto, o seu segundo marido era amigo do seu pai mas só o conheceu pelo episódio das ceroulas...

R – Não, não o conhecia! Eles eram amigos lá... homens não é? Não o conhecia! Mas depois como o rapaz precisava de ceroulas... e a mãe mandou dizer que o pai lhe comprasse umas ceroulas para o filho que o filho precisava de ceroulas... e ele comprou pano para fazer as ceroulas pró filho! E a mãe mandou dizer que ele precisava de ceroulas e não era de pano! [Risos] Não quis fazer! Ele que mandasse fazer!

P - Na altura o seu segundo marido já estava divorciado da mãe do filho?

R - Táva divorciado táva, mas não me conhecia, não me conhecia. Só me conheceu quando foi lá a casa, quando disse ao meu pai que precisava de uma pessoa que fizesse as ceroulas para o filho. E o meu pai disse: “*É pá, vai lá a minha casa que a minha mulher e a minha filha trabalham de costura e elas fazem isso pr’ó rapaz*”. E ele foi lá a casa e conheceu-me, conheceu-me pronto! Simpatizou comigo.

P - Havia diferença de idades entre vós?

R - Entre mim e o meu marido havia um bocadinho, havia um bocadinho. Ele era mais velho que eu 8 anos.